

HERMINIO C. MIRANDA

COLEÇÃO  
HISTÓRIAS QUE OS  
**ESPÍRITOS**  
CONTARAM



a  
*Irmã do Vizir*  
CORREIO FRATERNAL

© Herminio Corrêa de Miranda

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição eletrônica: setembro de 2020

**Coordenação Editorial:** Cristian Fernandes  
**Programação visual de capa:** André Stenico  
**Projeto gráfico de miolo:** Bruno Tonel  
**Projeto eletrônico:** Joyce Ferreira  
**Revisão:** Izabel Vitusso

ISBN 978-65-86480-15-3

### **A irmã do vizir | Herminio Corrêa de Miranda**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Editora Espírita Correio Fraternal  
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955  
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP  
Telefone: 11 4109-2939  
correiofraternal@correiofraternal.com.br  
www.correiofraternal.com.br

Vinculada ao  [www.laremmanuel.org.br](http://www.laremmanuel.org.br)

HERMINIO C. MIRANDA

COLEÇÃO  
HISTÓRIAS QUE OS  
**ESPÍRITOS**  
CONTARAM



a  
*Irmã do Vizir*

# Sumário

## Introdução

1. Acidente na ravina

2. A dor não tem relógio

3. O Oleiro de Dalmanuta

4. A irmã do vizir

5. Ser e viver

6. O buquê de muguets

7. O rei dos vingadores

8. Perplexidade

9. Rédea solta

10. O cão de dom Alfonso

# Introdução

Rita Foelker

Somos seres imortais. Se a vida do corpo tem início, meio e fim, a vida do espírito se desdobra numa jornada de crescimento intelecto-moral que não se encerra no túmulo, mas perdura num outro plano, onde podemos avaliar o progresso realizado durante a existência terrestre e traçar rotas para aprendizados futuros.

Passamos por inúmeras reencarnações. Cada experiência na matéria, sendo oportunidade de adquirir conhecimentos e desenvolver sentimentos gradativamente mais elevados, também retrata nossos sucessos e nossas falhas perante a lei suprema, resumida nos princípios do amor, da justiça e da caridade.

Se houvermos utilizado a oportunidade da encarnação para exercitar bons sentimentos, a bondade e o respeito por nós mesmos e por todos os seres, esse estado de harmonia com o Universo nos proporciona bem-estar que resulta em paz e alegria na vida espiritual. Se, contudo, houvermos dado vazão ao egoísmo e à vaidade, se houvermos espalhado a discórdia, prejudicado nosso semelhante e vivido em função de interesses materiais e imediatistas, experimentamos grande sofrimento íntimo.

Também, se nos sentimos injustiçados, se acreditamos ter contas a acertar com quem nos prejudicou na Terra, carregamos dor e revolta no “além”. Os conflitos e inquietações relacionados ao ódio, inveja e outras emoções geradoras de desequilíbrio, não cessam com a morte física. A recordação de eventos críticos, a sensação de haver sido enganada e ferida em seus sentimentos e dignidade pode persistir por séculos na criatura que, estacionada na contextura emocional daquele momento, reclama reparação, exige que aqueles que ela considera os “culpados” paguem por

seus erros.

O panorama de tais situações se descortina nas reuniões mediúnicas, que são oportunidades em que os encarnados se predispõem a contatar os espíritos, sempre com finalidades úteis e instrutivas, se forem pautadas nas orientações deixadas por Allan Kardec.

Entre as várias modalidades de reuniões e grupos, alguns se constituem com o propósito de atender aos espíritos em sofrimento emocional ou moral, abrindo espaço para ouvi-los e ajudá-los com vibrações fraternas e palavras que toquem seu coração, levem-nos a refletir e a mudar de objetivos. Muitos deles desenvolvem perseguições mais ou menos duradouras aos encarnados a que consideram seus ‘devedores’, podendo sua ação causar-lhes diversos problemas físicos, emocionais e mentais.

Algumas pessoas com sintomas orgânicos cujas causas a medicina terrestre não detecta, e outras com distúrbios mentais e/ou psicológicos diversos, recebem a indicação de procurar grupos que realizam o trabalho de acolher, orientar e – quando possível – libertar as entidades perseguidoras de suas fixações psicológicas, convidando-as a trilhar a jornada do perdão e da autotransformação em novos valores de vida.

Tais entidades são comumente chamadas de ‘obsessores’.

Embora muitos quadros obsessivos se devam à ação de espíritos que desejariam ajudar o encarnado, mas que acabam por prejudicá-lo com sua presença, outros trazem raízes num passado milenar de ódios e ressentimentos, cobranças e retaliações. Seja qual for a motivação, contudo, esses espíritos obsessores são, antes de tudo, “gente como a gente” – conforme escreve o próprio Herminio C. Miranda em *As duas faces da vida* (Editora Lachâtre): “gente que sofre e que, portanto, precisa de compreensão e paciência. São pessoas em conflito consigo mesmas e, portanto, com os outros, com o mundo, com a vida, com Deus e com o próprio amor”.

Herminio é um autor espírita com vasta experiência em conversar e ajudar desencarnados nessas condições, o que se patenteia nas muitas obras que escreveu abordando esse assunto, desde seu livro *Diálogo com as sombras*, lançado pela Editora FEB no ano de 1976, e que já conta mais de 175 mil

exemplares vendidos, passando pela série “Histórias que os espíritos contaram”, que foram reunidas na coleção de mesmo nome publicada pela editora Correio Fraternal.

## **LAÇOS DE AFEIÇÃO ESPIRITUAL**

“Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo”, afirmou o Cristo, ensinando claramente o princípio da reencarnação a todos que têm olhos de ver, não nas entrelinhas, mas nas palavras textuais do Mestre a expressão dessa verdade.

Quando o espiritismo nos apresentou, entre pilares de sustentação, a lei das múltiplas existências do Espírito, isso pode ter deixado a impressão de que os laços de família, dessa forma, seriam destruídos, já que a ligação consanguínea durante uma existência seria irrelevante perante a longa jornada do espírito em diferentes épocas e lugares. Desfazendo essa falsa impressão, Kardec anotou em *O evangelho segundo o espiritismo* que, ao contrário, a reencarnação fortalece os laços de afeto entre as criaturas, pois eles não são baseados no sangue ou no sobrenome, mas na afetividade verdadeira que nasce e cresce no decorrer dos milênios.

Escreve o codificador: “No espaço, os espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento”.

Cientes dessa realidade, percebemos que os verdadeiros laços de família

não são materiais, que se extinguem com a morte do corpo, mas, sim, espirituais, garantindo o reencontro na outra vida, e tornando possível que as verdadeiras afinidades jamais se percam.

Uma história de afeto milenar acontece entre o vizir e sua irmã. Eles se reencontram na Terra em pelo menos duas oportunidades diferentes. Nas duas ocasiões, uma na Arábia e outra na Espanha, estando nosso personagem envolvido pelo véu do esquecimento dos propósitos superiores da existência, eventos trágicos se desenrolam, culminando em cruéis assassinatos. O antigo vizir, no entanto, culpa o Cristo por estes acontecimentos, acabando por unir-se a uma organização do mundo espiritual empenhada em combatê-lo. Haverá reconciliação possível entre esta alma aflita e a irmã querida de muitas eras? Entre o antigo combatente do vristianismo e Jesus, o Mestre do Amor? Entre um ser em evolução e seu passado, com vistas à construção de um brilhante futuro? Saiba as respostas lendo *A irmã do vizir*, um dos dez casos reais narrados neste livro.

RITA FOELKER é escritora, expositora espírita e bacharel em filosofia. Nasceu em Jundiaí, interior de São Paulo, onde reside com os dois filhos. É também ilustradora, professora de origami e dirige as Edições Gil. Fundou e divulga o projeto “Filosofia Espírita para Crianças” e tem cerca de 50 livros publicados, a maioria infantojuvenis, mas também escreve para o público adulto, com destaque para os temas relacionados à educação e à família.

# 1. Acidente na ravina

Leitores de nossos livros anteriores<sup>1</sup> sabem que não cuidávamos especificamente de problemas de obsessão em nosso grupo de trabalhos mediúnicos. Não que assim tenhamos decidido conscientemente. Achamos que não nos competia impor este ou aquele tipo de trabalho aos companheiros desencarnados, com estas ou aquelas características – limitamo-nos a oferecer a nossa instrumentação para que eles a utilizassem como melhor lhes parecesse, sem que isto jamais tenha significado renúncia aos critérios habituais de vigilância e exame crítico dos resultados de cada sessão e de avaliação periódica das tarefas que, com o nosso concurso, iam sendo realizadas.

Aliás, como ficou dito num dos mencionados livros, sabemos que nem todos os espíritos carecentes de um diálogo, de uma aproximação ou apelo, estão necessariamente envolvidos em processos de obsessão, de possessão ou de simples influenciação mais ou menos negativa. Muitos – e quase digo que são maioria – estão interessados na divulgação de ideias, na montagem de grupos ou seitas onde possam mais livremente pontificar como “guias, “mestres” e “orientadores”. Ou ainda, empenhados em se apossarem de instituições já existentes, satisfazendo dessa maneira a ânsia de poder e dominação, da qual ainda não conseguiram livrar-se.

Resolvemos, pois, deixar a critério dos nossos amigos espirituais a escolha das prioridades do trabalho, de vez que eles dispõem de recursos e conhecimentos que não estão ao nosso alcance.

Isso não quer dizer, contudo, que o nosso grupo rejeitasse sumária e sistematicamente a tarefa da desobsessão; antes a realizamos com frequência, mas sempre dentro do esquema de prioridade de nossos benfeitores espirituais.

Às pessoas que, sabendo de nossas atividades, nos procuravam com

problemas pessoais – obsessivos ou não – informávamos com franqueza e honestidade que não poderíamos garantir uma orientação específica, ante uma “consulta” formulada ou que espíritos porventura envolvidos nas dificuldades íntimas de cada um seriam trazidos para tratamento ou diálogo, o que, aliás, é válido para qualquer grupo mediúnico. Quem pode garantir que cada caso pessoal será atendido e cada questão respondida?

Como de praxe, mantivemos sempre um caderno onde anotávamos o nome de todas as pessoas necessitadas de ajuda. Os benfeitores, por sua vez, nos asseguraram mais de uma vez que todas as solicitações acolhidas no caderno eram levadas em conta e atendidas, na medida do possível, depois de estudado caso por caso. Tivemos disso inúmeras demonstrações dramáticas.

Eventualmente, contudo – e nunca procuramos questionar os critérios adotados pelos nossos maiores –, foram trazidos à nossa mesa mediúnica casos típicos e, por assim dizer, clássicos de obsessão, de possessão e até mesmo um problema da chamada múltipla personalidade.

O trabalho da noite que vamos examinar a seguir foi dedicado ao atendimento de caso de influenciação e vingança, mas que não atingira a fase específica da obsessão. Tratava-se, como pudemos observar no desenrolar do debate com o atormentado companheiro desencarnado, de situações angustiantes que vivia determinada pessoa de nossas relações que mais de uma vez conversara conosco pelo telefone, narrando suas aflições.

\*

Como era de esperar-se – e essa é a rotina em tais casos – mal incorporou-se no médium, o espírito manifestou em altos brados a sua indignação.

– Vocês não tinham nada que mexer comigo!

Estava dado o tom. Éramos, a seu ver, os maiores “metidos” do mundo. Tanto quanto permitia a sua irritação, foi desdobrando a sua tese.

– Vocês são engraçados: quando as coisas acontecem com a gente, vocês não aparecem para defender. Os outros fazem da gente gato e sapato: pisam, matam, esfolam... Na hora que chega a vez de a gente tomar satisfações, aí

vocês aparecem como salvadores da humanidade.

E, afinal de contas, diz ele, “temos ou não temos liberdade? Cada um tem o companheiro que quer”. Ele acompanhava os telefonemas – disse que ficava *ao lado* ouvindo. A pessoa “uma senhora” era uma grande vigarista e aquele choro todo ao telefone podia bem ser falso.

– Nem sempre isso é verdade – disse ele ao doutrinador. Você pode muito bem estar caindo no “conto do anjinho”. Pode estar embarcando numa canoa furada, com a qual, aliás, você não tem nada, e acabar afundando com ela.

Estava apenas avisando. Aliás, “ninguém pra chorar mais do que mulher”. Ele bem sabia que o nosso doutrinador tinha um “coração de manteiga”. E vinha outro conselho tão sugestivo quanto original: propunha botar o coração na geladeira para não ficar a derreter-se à toa...

E num impulso maior de irritação anunciou que tinha plena consciência do que estava fazendo junto da moça e que ia continuar a fazê-lo e que ninguém (Ninguém, ouviu?) ia tirá-lo de lá. Mesmo porque, estava *autorizado por lei* a cobrar a dívida. Se a pessoa não tinha dinheiro para pagá-la, o problema não era dele. Azar!

Por especial concessão, podia fazer conosco um trato, um negócio tal como já havia feito em outros lugares aos quais ela recorrera. O que queríamos nós para deixá-lo em paz? Passar por salvadores, por exemplo? Era fácil. Ele daria uma trégua de uma semana ou um mês e quando tudo estivesse no auge da felicidade, ele voltaria com toda a carga. Enquanto isso, nós passaríamos por verdadeiros anjos da paz. O problema é que – ele próprio sabia e o disse – nós não “cobrávamos” pelos nossos serviços. Quando há preço estipulado é mais fácil, mesmo porque a *transação* é usualmente com eles mesmos.

Durante todo esse verdadeiro destampatório, em que era difícil colocarmos uma ou outra observação, ele se recusou sistematicamente a explicar as suas razões. Limitava-se a dizer que ela fez com ele o que quis e agora era a vez dele. Se gostava dela? Claro, claro. Tanto gostava que “tomava conta dela”. Além do mais, estava até fazendo-lhe um favor, porque com aquele corretivo firme, evitava que ela cometesse novos erros.

– Temos que ser severos para a pessoa não se desviar de novo. Justiça é justiça, cega e implacável.

Nesse ponto o doutrinador, começa a colocar algumas questões que parecem tão insensatas quanto impertinentes ao manifestante.

– E quando ela lhe fez sofrer, a lei também a autorizava, não é?

Isso ele ainda não está pronto para admitir. E conta uma história ilustrativa. Uma pessoa faz um sacrifício danado, consegue algumas economias, bota uma lojinha e começa a vender suas coisas. Como juntou o seu próprio dinheiro, não deve nada a ninguém e os negócios vão bem. De repente, aparece um assaltante e leva tudo.

– E você acha – pergunta ele vitorioso, que a justiça deve ficar do lado do malfeitor? Se fosse assim, então, podia acabar com a polícia e fechar as prisões. Eu é que sou a vítima; fui assaltado na minha integridade moral, na minha vida!

E confirmou: gostava dela sim. Maltratava-a para que ela soubesse que lhe pertencia. Queria que fosse como ele desejava. “Se sai da linha, puxo o cabresto. E o cabresto é curto!”

O doutrinador repete a pergunta anterior, mas com outras palavras:

– E quando puxaram o seu cabresto, você era inocente?

Mas ele não se dava facilmente por achado. O doutrinador nem conhecia o caso dela!

– Como é que você aceita um caso para defender se nem conhece o seu cliente? Precisa conhecer, estudar. Julgar? Não, eu não julgo; apenas cobro o que me devem.

– Então você julgou. Como é que você decidiu cobrar sem julgar?

– Eu não decidi – eu vi!

– Sim, mas você podia perdoar também.

A ideia lhe parece tão estapafúrdia que ele até dá um pequeno riso. Então a pessoa mata, quebra, rouba e depois fica impune a gozar a vida, porque a vítima perdoou? Essa é boa! Por isso é que ele acha que estão muito certos os espíritos que se empenham em acabar com as sessões desse tipo (as chamadas sessões de desobsessão). É isso mesmo! Por que temos nós que nos meter na vida deles, desencarnados? Que cada um fique no seu plano e

pronto.

Dizendo isso, porém, abre novo flanco e o doutrinador observa:

– Quer dizer, então, que você também vai abandonar a nossa irmã encarnada?

Isso não. Ele está *autorizado* a fazer o que faz; tanto que Deus deixa-o fazer. E voltou à sua ideia inicial: se soubéssemos quem era ela! Isso ninguém vê. Só veem os coitadinhos, as vítimas, os sofredores. Só por que está chorando, pensa que tem algum direito? Nada disso!

E outra imagem sugestiva, de que são, aliás, férteis: Qualquer topada, botam a boca no mundo e logo acorrem os “bonzinhos” para socorrer. Vai ver que onde ela deu a topada está doendo mais do que o dedão... Açam que a culpa é da pedra? Não. Ela estava muito quietinha lá e deram-lhe um chute.

Nova pergunta do doutrinador:

– Quer dizer que se você tiver uma dor, ninguém deve lhe socorrer?

Ele escapa à pergunta, dizendo que ele não tem dor alguma – é até muito feliz, está fazendo o que quer... E além disso...

– Ela está dentro do *meu* território e no meu território mando eu.

Por outro lado, o doutrinador deveria estar até muito satisfeito, pois ele não estava ajudando a *educar* a moça? E a mesma pergunta de sempre:

– E quando ela ajudou a sua educação?

Assim não era possível! Não dava nem para conversar, pois o doutrinador ficava a martelar insistentemente na mesma tecla: tim, tim, tim... Se ele era rude? Claro. Não o chamaram ali? Pois tinham agora que aguentar com ele.

De repente, para de falar por alguns momentos, contempla as mãos em silêncio e depois comenta:

– Sabe? Muitas vezes desejei que minha mão fosse um cutelo. O senhor já imaginou? A gente resolveria uma porção de coisas, com a maior facilidade...

Apesar do estado de irritação perdurar, sentimos que está mais razoável e começa a falar em tom mais ameno. Diz que chega até a admitir que o doutrinador apresente seus argumentos para defender a moça. Nova “deixa” que o doutrinador procura aproveitar, pedindo que ele conte a sua história,

pois sem saber o que se passou, como ajudá-los?

Só depois desse debate que ficou aí reduzido ao mínimo possível, é que começa a indução magnética, a fim de tentarmos alcançar as raízes da problemática.

É evidente que ele também sofre, a despeito de suas bravatas, de suas ameaças, de sua aparente dureza de coração. Ao que tudo indica, ele ainda a ama e são precisamente o desengano e o amor vilipendiado que alimentam a sua vingança. Como e por que teria começado tudo aquilo? É o que nos propomos descobrir, com o maior respeito por ele, como pessoa humana, e o maior cuidado com a sua dor. A magnetização é uma espécie de anestesia, para que não doa tanto a operação de que ele tanto necessita. Sim, estamos interessados em ajudar a pessoa que nos pediu socorro, mas não apenas ela, como também ele, pois sofrem os dois e muitos outros que os cercam, na carne e em espírito.

Dentro de alguns minutos ele começa a bocejar e vai aprofundando o estado de sonolência, até que mergulha fundo nele. É nesse ponto que começa a falar, ainda com a voz arrastada e algo insegura:

– Eu era um bom marido para ela.

– E o que aconteceu? Ela traiu você?

– Por mais de uma vez.

– E vocês tinham filhos?

– Tínhamos filhos.

– E o que aconteceu? Você tomou alguma medida quanto a isso?

– Ora, você não sabe? Ela é uma mulher terrível. É uma cobra, uma víbora! Você não sabe o que ela me fez! Eu não fiz nada. Eu não soube. Só soube quando já estava morto... Eu não desconfiei nem da mão traiçoeira que me levou à morte. Eu sou um pescador. Passo dias fora, no mar.

– Onde você vive?

– Na Alsácia. (1)<sup>2</sup>

– E você nunca descobriu nada que o levasse à suspeita?

– Tinha esse primo que veio da cidade para morar.

– Morar com vocês?

– É.

– E você tinha muita idade quando morreu? Estava muito velho?

– Não muito velho. Eu tinha 54 anos.

– E você gostava muito dela?

– Eu gostava. Eu lhe dei uma casa, um nome...

– Ela era bonita?

– Ela é bonita – corrige ele. Dois filhos: Pierre é um, e Jean-Paul é outro.

Tinha uma menina, Pauline, que morreu.

– Como é seu nome?

– François.

– Bem, François, então vamos...

E ele ainda reagindo:

– Não vamos a lugar nenhum. (Mas prossegue). Tem aquele dia que eu voltei, e sempre que eu voltava, tomava muito vinho. Foi aquele dia que eu voltei. E trouxe muito dinheiro, porque fui à cidade e eu tinha um tio que me fez herdeiro de todos os seus bens. Voltei contente e já tinha bebido quase todo um garrafão de vinho. E foi nessa noite que ela me acolheu e nem reclamou de eu estar bêbado. Me recebeu carinhosa, me levou para um canto e me sentou e me trouxe a comida. Eu comi e, enquanto comia, de repente, senti aquela coisa terrível que me queimava todas as entranhas. Foi tão rápido que nunca levantei daquela mesa. Nunca terminei aquele jantar. Quando, de repente, passou tudo, fiquei sem entender... Achei que era o vinho, porque eu estava ali e de repente eu era dois! Esfreguei os olhos e disse: “Nunca mais eu bebo tanto vinho!” Mas eu continuava vendo dois eus. E ela tinha saído da sala. Sala, não – da cozinha. E eu, ali, vendo dois eus. Então, de repente, ela entrou e chamou baixinho: “François! François!” Pensei que ela ia me acordar e acabar aquele pesadelo de ver dois. Mas, não! Quando ela viu que eu não respondia, então, deu um solavanco na minha cabeça e eu caí para um lado, mas aí eu vi que não era eu – era o outro eu... que estava sentado. Então ela chamou o “outro”. E aí, sabe que eles riram na minha cara? E ele deu uma bofetada naquele outro eu que estava sentado e virou pra lá e disse: “Velho bobo! Só estávamos esperando você tomar posse daquela herança.” E dançaram os dois; ela começou a quebrar tudo e disse: “Chega de miséria! Chega de vida difícil!

Quero roupas caras!” E eu custei a entender o que estava acontecendo. Mas quando entendi... eu lhe digo uma coisa: ela *nunca* foi feliz! Quando eles se sentavam à mesa para comer, eu sentava na cabeceira. E ela me via! E ela gritava... Quando ela ia pegar a caneca pra beber vinho, eu pegava primeiro. E um dia, fiz... Ela ficou tão louca, que apanhou uma faca e disse que aquele dia ela me matava de uma vez. Aí, sabe o que eu fiz? Eu deixei... Fiz bastante raiva a ela, dizendo que ela não podia fazer isso, que ela não tinha coragem... Aí ela correu pra cima de mim e ele vinha entrando. Então eu corri na frente dele e fiquei ali. Ela veio e meteu a faca em mim. Só que você sabe que... Foi a minha primeira vingança.

– Escuta. Você não precisa contar tudo isso. Sei que é doloroso. Essas lembranças são muito penosas.

– Não. Não é nada disso! Já passou tanto tempo!

– Você ainda tem raiva dela?

– Acho que não é justo.

\*

Chegado a esse ponto, não basta lamentar a tragédia e dar o caso por encerrado, porque levantamos apenas a ponta do véu que cobre o mistério. Vimos o terrível efeito de uma causa mais remota, talvez de uma longa série de ciclos de amor-ódio-vingança, sucessivamente, vida após vida. Não resta alternativa senão a de recuar um pouco mais no tempo, para buscar a causa de tudo aquilo. Não nos interessa aqui desdobrar ante o espírito que sofre todo um ciclo de dor que se perde na memória dos séculos. Basta demonstrar-lhe a sequência inexorável de causa e efeito, a fim de convencê-lo de que não há dor sem causa, sofrimento sem culpa, cobrança sem dívida, e nem dívida sem resgate.

É o que tentamos fazer a seguir, levando-o a um passado mais remoto, onde quer que se encontre o disparador da situação na Alsácia. Seu espírito sabe e *vai lá*, com fantástica precisão e lucidez.

Vejamos.

– Estou aqui, na mata.

- Na mata? E o que você faz aí?
- Corto lenha. (Pausa). Está entardecendo. Estou aqui, sozinho, esperando um irmão que entrou um pouco mais.
- Você precisa falar com ele ou vocês vão juntos para casa? Qual é o problema?
- Nós viemos juntos.
- Vocês moram juntos?
- Sim. Meu irmão... ele não sabe, mas hoje decidi que ele não volta pra casa.
- Por que isso?
- Porque vai acontecer um acidente.
- Mas por que você está pensando assim?
- Porque ele disse que é o único jeito. Que eu tenho que fazer isso.
- Como assim? Ele disse?
- Ela.
- Ah, ela. Ela quem?
- Minha cunhada.
- Então ele é casado. E você é solteiro?
- É.
- E você gosta dela.
- É.
- E você precisa provocar um acidente?
- Um de nós precisa ficar e o outro precisa ir.
- Ele também é lenhador? Vocês vendem madeira, então?
- É. Vendemos para as lareiras. Fazemos carvão.
- E são muitos irmãos, ou só esse?
- Tenho outros irmãos... Eu vivo com esse. Ele sempre gostou muito de mim.
- Bem. Continue, então. O que aconteceu depois?
- Uma coisa horrível! Sim, nunca mais me esqueci desta cena. Voltávamos e era o entardecer e havia um caminho que passava à beira de um precipício e eu tinha planejado tudo. Era uma ravina. Sabe o que é uma ravina? Havia uma árvore na ponta da ravina. Quando estávamos

passando, tropecei, escorreguei e agarrei-me nas raízes e gritei por socorro. E ele veio socorrer-me e estendia o braço e eu lhe dizia que estava só com o pé seguro numa saliência da rocha e você sabe o que aconteceu, não é? Ele veio, eu lhe tomei o braço e o puxei, ao mesmo tempo em que me segurava com a outra mão nas raízes da árvore... Ele passou por cima da minha cabeça. E quando compreendeu o que tinha acontecido, vi nos seus olhos um lampejo de surpresa e dor que jamais esqueci.

– Que pena! E ele ficou lá, então?

– Fui pra casa e chamei outros lenhadores e viemos para resgatar seu corpo. Descemos com cordas. Sabe que quando cheguei lá, eu via seus olhos abertos? Ele caiu de costas com os braços, assim, em cruz, abertos. E os olhos com aquele olhar de surpresa.

– É. Ele não podia esperar aquilo de você, não é?

– Senti o estômago... minhas vísceras... e vomitei. Depois, não sei... o remorso...

– E você se casou com a moça?

– Não, não... Eu o via sempre. Era como se ele estivesse sempre presente entre nós. E um dia eu saí... Saí... (Pausa). Eu não tinha paz na minha consciência. Só vi uma maneira de ser perdoado. Voltei um dia à mesma ravina e atirei-me de lá. E aí conheci o inferno. Me atirei e caí lá embaixo, e quando pensei que estava morto, vi que não estava. Tinha vários outros lá que também tinham se jogado ali. E todos estavam ali e não podiam sair. Foi uma coisa horrível!

– A moça pediu para você fazer isso?

– Sim.

– Mas você não fez isso com satisfação, não é? Você se arrependeu profundamente...

– Depois, sim. Mas aí eu já tinha feito... Até que um dia... Fiquei não sei quanto tempo ali, naquela ravina. De noite eu ouvia gritos e imprecções e uivos e os bichos da floresta e tudo... Aí, sabe? Eu quebrei... Não sei se devo dizer se quebrei ou o corpo quebrou a minha espinha, Sentia toda hora aquela dor. E sentia a queda de novo. E caía toda hora. Subia lá em cima e me jogava de novo. Subia e me jogava... Era um inferno! É como se

estivesse amarrado ali.

– E como é que terminou tudo isso?

– Um dia que estava chovendo muito, eu me sentei e me lembrei de meu irmão e comecei a chorar, e a pedir que ele me perdoasse, porque se eu o tinha matado, eu tinha me matado mil vezes, o que era muito pior. Aí... Coisa estranha! Vi uma luz no alto da ravina. Uma luz... E vi alguém que descia e aquela luz acompanhava e vinha descendo e quando este alguém chegou perto de mim, era meu irmão! Ele era meu irmão mais velho. Ele me tomou nos seus braços e eu chorava e ele me acariciou os cabelos e me chamou de seu filho. “Meu filho!” E eu disse pra ele: “Será que tudo foi um pesadelo e estou acordando agora? Você não morreu!” E ele respondeu: “Você também não. Ninguém morre”. Perguntei se ele tinha me perdoado e ele disse: “Sim, meu irmão. Naquela hora em que caí na ravina, enquanto meu corpo descia, pedi a Deus que te perdoasse”.

– Que beleza de espírito, hein?

– Aí ele me levou. E tinha aquela luz... Subimos pela luz de novo. E aí, ele me levou para um lugar, mas disse que eu não podia ficar com ele. Então eu soube que tinham se passado oitenta anos desde que eu tinha caído naquela ravina. E eu não subia. Então, um dia, ele voltou e disse que eu tinha que ver alguém. Era ela. Ele disse que tínhamos que voltar.

– Voltar juntos. E vocês renasceram, então? Voltaram para a vida? É isso? Foi a sua esposa?

– Foi.

– E aí aconteceu tudo outra vez... Pois é, meu querido. Agora você vai despertar com o conhecimento de tudo que está aí, para você decidir o que quer fazer. Lembre-se bem de que você precisou do perdão, ouviu? E que teu irmão te perdoou.

O espírito é despertado e desligado.

\*

Centenas de vezes testemunhamos em nossos trabalhos socorristas o funcionamento inexorável da lei de causa e efeito e há sempre nas dolorosas

narrativas um jogo dramático de circunstâncias que explicam uma situação que a antecedeu no tempo e no espaço. Raramente, contudo, o caso se apresenta com tamanha precisão nas suas aflitivas simetrias, como se os episódios de uma vida e de outra se contemplassem face a face num espelho.

O lenhador trai o irmão com a cunhada, assassina o irmão com os requintes da premeditação e da falsidade e este somente percebe a armadilha em que caiu já a alguns segundos da morte, enquanto se despenha pela ravina abaixo. O criminoso, agindo sob inspiração da mulher, não consegue ser feliz, porque a figura do irmão parece estar sempre entre ele e a ex-cunhada.

Na vida seguinte, depois de reunir os elementos necessários no reajuste – situações e pessoas – tudo se repete, agora do outro lado do espelho: o lenhador fratricida é um pescador alsaciano. A esposa é aquela mesma criatura que o levou a trair o irmão. Desgraçadamente, ela incide no mesmo erro de instigar o amante ao crime. Só que desta vez o relacionamento entre eles não é de irmão para irmão – são primos. E tal como o irmão outrora assassinado, ele percebe toda a trama já no limiar da nova fase da vida, como espírito. Por outro lado, enquanto no crime do lenhador a figura do irmão se interpunha entre o criminoso e a mulher apenas porque a consciência atormentada assim decidira, no episódio da Alsácia ele próprio, como espírito, consciente e disposto à vingança, manifesta-se à visão dela e acaba levando-a habilmente a assassinar o amante.

A diferença fundamental entre as duas histórias está no perdão. Ao passo que ele, na condição de espírito ainda perseguia tenazmente a antiga esposa, já agora reencarnada em outro corpo, a sua antiga vítima – o irmão lenhador – o perdoara e até viera buscá-lo, a fim de orientá-lo em nova existência de reajuste. Como se percebe, o antigo irmão já era àquela época um espírito de importantes conquistas evolutivas, enquanto ele ainda se debatia em crimes e erros lamentáveis. E ele, que fora tão comovedoramente perdoado, não conseguia admitir, nem como conceito abstrato, a ideia do perdão que o doutrinador lhe sugeria. E, por isso, como perdera a oportunidade de superar uma situação conflitante na Alsácia, estava projetando suas dificuldades num futuro incerto, obstinando-se em

perseguir a mulher que o levara ao aviltamento.

Quanto a ele, repetira erro grave em duas vidas diferentes e, por isso, como muito bem sabia, punha-se à sua mercê, naquilo que ele chamava de *seu território*. Ali se sentia absoluto e a “educava” à sua maneira...

Resta apenas uma observação final. As culpas que a jovem senhora traz na sua memória espiritual são gravíssimas e ela não tinha como furtar-se às responsabilidades decorrentes e, conseqüentemente, ao resgate. Acontece, porém, que ao mesmo tempo que severa, a lei é flexível e procura acomodar o compromisso do resgate ao nosso contexto pessoal, às nossas reações e disposições.

No caso da moça que recorreu ao nosso grupo, sua atitude nesta existência abriu-lhe certo crédito, pois ela estava empenhada no esforço positivo de melhor entender as leis divinas, procurando ainda servir à causa do bem.

A impressão que nos fica em tais casos é a de que é concedida uma espécie de moratória, uma trégua que também é um teste. Se nos sairmos bem, o “processo” terá encaminhamento diferente, levando em conta possíveis atenuantes ou pelo menos a expectativa de um procedimento adequado daí em diante. Ficamos como que em liberdade condicional vigiada, que nos facultará a oportunidade de começar a servir. Se falharmos novamente, então, não há alternativa, senão o retorno às grades da prisão. Se tudo sair bem, poderemos ganhar de outra maneira a moeda do resgate em vez de fazê-lo pela dor.

São essas as lições que encontro na história do pescador da Alsácia. E você, leitor ou leitora, vê outros ângulos?

\*

Ao que ficamos sabendo, a senhora libertou-se das pressões espirituais que o antigo companheiro desvairado aplicava sobre ela. Como era de se supor, seus problemas emocionais e suas dificuldades eram na área do casamento, mas parece que a situação harmonizou-se, até onde nos foi possível acompanhá-la. Com o tempo, perdemo-la de vista. Imagino que esteja bem.

Tive oportunidade de vê-la, certa vez, à distância, num auditório vasto e cheio de gente. Poderia tê-la procurado para uma palavra, mas obviamente ela estava bem. E não me perguntem por que cheguei a tal conclusão... A indiscrição poderia revelar a alguns a sua identidade, que deve ser preservada.

## NOTA

**ALSÁCIA**, ou melhor, Alsácia-Lorena é uma pequena área territorial de 5.600 milhas quadradas – cerca de 9.000 km<sup>2</sup> – localizada entre a França e a Alemanha. Pela sua importância econômica – mineração e agricultura – a Alsácia tem sido um verdadeiro pomo de discórdia entre várias potências, durante os seus 2.000 anos de história, conhecida desde os tempos romanos.

Em 1871 a França cedeu-a à Alemanha; em 1919 o território voltou a pertencer à França; em 1940 foi anexado à Alemanha e, finalmente, em 1945 retomado pela França.

A população da região era de dois milhões de habitantes em 1954, dos quais 70% falavam francês, além do dialeto local, uma variante do alemão, semelhante ao falado pelos suíços na região da Basileia. Para os restantes 30% a língua materna era o alemão.

O espírito manifestante, como se viu, pertenceu naquela existência à maioria francesa, pois se chamava François e seus filhos tinham também nomes franceses.

---

<sup>1</sup> *Diálogo com as sombras* (Editora FEB) e *As mãos de minha irmã* (Editora Correio Fraternal).

<sup>2</sup> O número indicado entre parênteses refere-se ao número da nota do autor, apresentada no final de cada capítulo. (N.E.)

## 2. A dor não tem relógio

Tivemos naquela noite de outubro mais um caso de influencição obsessiva para cuidar. O espírito manifestante (uma mulher) apresentou-se, como era de se esperar, indignado e em altos brados. Como esses casos têm todos uma certa rotina padrão no seu desenvolvimento, preparamo-nos para o debate habitual em torno da teoria da culpa, o direito à vingança e a obstinação do espírito em continuar fazendo o que bem entendesse. Foi exatamente o que ocorreu.

Suas primeiras palavras foram uma enfática e furiosa declaração de vontade: não ia sair “de lá” (de junto da pessoa que estava atormentando) de jeito nenhum. Ninguém a obrigaria a isso, pois ela sabia muito bem por que o fazia. A vida lhe fora sempre muito dura e sempre lhe tirou tudo quanto ela mais quis. Tinha, pois, suas razões. Além do mais, por que estávamos tão interessados em socorrer a “coitadinha” da sua vítima? Quando foi a sua vez de sofrer, ninguém foi socorrê-la. Pois agora era a vez da outra. Tinha mesmo que sofrer!

– Quero que todos vivam no inferno! Sim, eu também estou naquele inferno, mas estou gozando. E não venha com nenhum Jesus Cristo pra cá, não. Não quero que ele se meta nisso. Ele não se meteu quando eu sofri! E sabe duma coisa? Rasga esse maldito caderno que você tem aí! Custei muito a pegá-los e agora não vou soltá-los. E se vocês se meterem nisso, o negócio vai virar pra cima de vocês. Venho passar um dia aí dentro da sua casa pra você ver. Não se meta, porque você também tem suas “pontas”... Eu já estive dando uma olhada no seu lado... (O caderno era o que servia para anotarmos os nomes das pessoas que nos pediam ajuda espiritual).

O espírito estava, pois, convicto da sua condição de cobrador de uma dívida. Sabia que a pessoa a quem cobrava colocara-se à sua mercê por força mesmo da lei e não estava disposto a abrir mão do seu direito. O

doutrinador, naturalmente, procura aproveitar as poucas oportunidades de falar ante aquela torrente de palavras irritadas. Por exemplo:

– Então, você reconhece que a gente sofre porque é imperfeito?

– Não acho nada. Não sou filósofa.

– Mas se a pessoa sofre porque deve e deve porque errou, quando você sofreu é porque devia, não é?

– Então isso é um mercado, uma feira livre, um camelo? Alguém tem que ter começado. Eu não fui. Estou cansada de ver gente sofrer sem merecer! Vocês pensam que a gente não tem mágoa? Para vocês somos todos uns perturbados, mas também sofremos, temos agonias dentro da gente. Não somos demônios, não. O demônio maior está aí solto e vocês não estão vendo! Você, no fundo, é um idiota. Fica dando ouvido a tudo o que te dizem. Por isso é que tem que acabar mesmo essas reuniões! Quem pensa assim está certo. Quem tem devedor que cobre. Olho por olho, dente por dente! Cada um que resolva o seu caso. Lei é lei! O obsidiado tem que ficar ligado ao seu obsessor.

– Então, quando você esteve ligada ao seu obsessor também foi bom deixar, não é?

– Não me interessa saber se estou certa ou errada. Sinto-me bem fazendo o que faço. Sei o que é sofrer. Tive uma vida de cão e ainda tenho, mas não vou ter sozinha essa vida de cão. Vão ter comigo e não vou abrir mão disso! Vou atormentar mesmo! O que quero é que ela tome veneno para vir para cá. Aí é que o inferno vai ficar bom!

A essa altura está chorando desatreladamente e diz que é de raiva, de impotência, de ódio e que vai continuar perturbando a família toda. E que lá ficaria enquanto quisesse. E daí? A vida já é um inferno, um logro e a morte é um logro ainda maior!

O doutrinador lembra que com isso ela está prolongando também sua própria aflição e angústia. Mas isso – diz ela – não importa. As pessoas a quem persegue são uns verdadeiros animais. Enquanto não exercesse toda a sua vingança, precisaria de suas garras. O mundo é como uma máquina de moer carne, de triturar. Tempo? Que importância tem o tempo?

– Se a dor está doendo – diz ela – então o tempo não passou. Não há

relógio para a dor.

– Nem para o amor – completa o doutrinador.

O argumento parece impressioná-la um pouco, porque ela faz silêncio por alguns momentos.

O doutrinador procura levá-la a contar a sua história, como um desabafo e também com a intenção de conhecer as origens da sua dor e da sua revolta, a fim de ser possível tentar ajudá-la a sair daquele impasse, de retirá-la da “máquina de moer carne” em que ela se precipitou. Seja como for, ela parece mais calma, o que admite. Pelo menos está mais inclinada a ouvir, depois que o impulso da sua cólera parece ter vazado no ímpeto inicial que durou seguramente cerca de meia hora. O doutrinador começa a falar-lhe pausadamente, com voz tranquila e com um toque de emoção. A primeira reação dela ainda é negativa. Diz que não gosta de gente de “fala mole”, mas ele insiste:

– Minha querida, há muita dor, muita angústia no seu espírito. Queremos te ajudar. Por favor, nos ajude também! Confie em nós, deixe que uma chama de esperança brote no seu coração. Tenha um momento de pacificação, de sossego para que possa botar suas ideias em ordem, para lembrar-se das coisas que esperam por você na sua vida. Todos nós temos muitas realizações para fazer, temos trabalhos para concluir, e não ficar perseguindo, sofrendo junto com os outros, se podemos ajudar. Quantas pessoas aguardam a sua presença, desejariam estar com você, dizer uma palavra de afeto. Todos nós temos no mundo espiritual aqueles seres que se interessam por nós – irmãos, irmãs, parentes, amigos, companheiros da última vida ou de outras vidas. Você sabe muito bem, pela sua experiência espiritual, que o sofrimento resulta sempre de uma falta nossa. A lei de Deus seria injusta se nos cobrasse alguma coisa que não devêssemos, não é? Você, por exemplo, seria capaz de cobrar de uma filha uma falta que ela não cometeu? Sem querer, ou por intuição, o doutrinador tocou aqui no ponto sensível:

– Filho é diferente! – diz ela. Filho pode até cometer falta que você não castiga. Filho é diferente.

– E nós não somos filhos de Deus? Somos todos diferentes, então. Deus é

nosso Pai. Sendo imperfeita, como você reconhece, você não é capaz de castigar uma filha, mesmo que ela tenha cometido uma falta grave!

Ela insiste:

– Filho é diferente. Filho é seu filho e pronto!

– E se essas pessoas fossem seus filhos, você faria isso?

– Claro que não. E eu vou ter motivo para fazer alguma coisa ruim com um filho meu?

– Não sei. Quero só te mostrar, minha querida, que no seu coração há sentimentos bons. Você também raciocina com o coração. Você não tem rancor para punir uma criança, um filho, um irmão, ou magoar um pai ou mãe...

– Quem está dizendo que eu não tenho coragem de magoar um pai ou mãe? Tenho sim!

– Não sei. Você está se fazendo de mais dura do que é. Você não é assim má.

– Sou sim. Sou ruim e quero ser muito ruim mesmo, quero ser como um escorpião!

– Não vai conseguir, porque isso não está em você. Sabemos muito bem que toda essa gritaria, essa revolta, é dor. Estamos aqui habituados a lidar com a dor, porque também temos as nossas. Só que não adianta a gente achar que porque dói, devemos castigar o outro para que ele também sofra. A gente procura ajudar para que ele sorria conosco. É isso que estamos oferecendo a você.

Apesar de insistir em exibir a imagem de durona e má, ela já demonstra menos convicção e está obviamente mais calma. Reage ainda às referências ao Cristo que nos ensinou, no Pai Nosso, a pleitear o perdão das nossas faltas, à medida que também perdoamos os que nos feriram. É bem provável que ela tema que a palavra evangélica acabe por enternecê-la, o que poria a perder todo o seu esquema de vingança.

– Conheço muita gente que vive com o crucifixo em cada canto da casa, com oratório dentro de casa, com vela acesa e vive rezando e, nas suas costas, está tramando a sua desgraça.

– Isso é culpa do Cristo, então? Você acha que o Cristo também é falso?

Você não está sendo justa, minha querida!

– Como não estou? Estou sendo tão justa como foram comigo!

– Você está olhando tudo pelo ângulo da sua decepção, quando o mundo é imperfeito porque nós somos imperfeitos. Mas Deus não é. Você mesma reconhece que ele não puniria um filho, mesmo faltoso.

– Não estou dizendo Ele; estou dizendo uma mãe. Filho é filho. Como se observa, portanto, a sua dor está centrada em torno de um núcleo poderoso de amor materno ferido, que a levou ao desespero. Começamos a descobrir suas motivações e assim a trilhar os ásperos caminhos que levam até o seu coração.

– Sim, minha filha, mas se a mãe não pune, por que Deus iria punir? Se a mãe perdoa e procura ajudar o filho que errou... Seria muito trágico para o filho se, além do erro, a mãe se voltasse contra ele, não é? Você não acha? Você teve um caso desses?

Um pouco mais e ela se dispõe a contar:

– Você quer saber da história, não é? Quer saber? Então vou contar!

– Conta aquilo que você achar necessário. Queremos lhe entender, minha querida; pelo menos compreender a sua dor. Para isso estamos aqui. Como é que vamos ajudar sem saber o que se passa no seu espírito, no seu coração? Você não acha?

Obviamente não é necessário recorrer ao procedimento da regressão da memória para esse relato; ela traz tudo muito bem vivo e nítido na lembrança, pois é precisamente essa a motivação para a sua vingança.

E assim, a história começa a desdobrar-se afinal.

\*

– É. Eu tinha uma filha, sabe? Uma filha que veio tarde na minha vida. Eu era muito rica, rica mesmo. Viúva. Tinha a riqueza que herdei dos meus pais e a que herdei de meu marido.

– E quando a menina nasceu, você já estava viúva?

– Não. Não estava. Meu marido viveu até quando ela tinha oito anos. Depois ele morreu e eu a criei sozinha. Fiz dela uma moça virtuosa, que

sabia fazer de tudo que uma moça de família de nome pudesse fazer. Tudo. Era tudo o que eu tinha. Pois é... Aí, um dia, apareceu esse maldito na nossa vida. E eu pensei que ele gostou dela! Me enganou! Era um rufião! Sabe o que é um rufião? Era isso que ele era. E se fazia passar por bonzinho. Tinha não sei quantos nomes. Depois é que eu fui saber. Falso! Mas ela, coitada, era só uma menina! Que entendia da vida? Nada. Achava tudo tão bom! Criou-se acreditando que a humanidade era boa, que o mundo era bom, indo à missa todos os domingos, confessando... Aí apareceu esse maldito e ela que não entendia nada da vida... e ele, todo envolvente, todo “falamicia” e perfumado – sabe que detesto esse negócio de homem que carrega lenço perfumado... Homem que carrega lenço perfumado não serve! Tudo assim. – Pois é. Aí eu pensei... Bem que eu vi. Sabe que coração de mãe não se engana. Quando bati os olhos naquele maldito, houve uma coisa dentro de mim que mexeu assim e me apertou o coração, que ficou pequenininho. Eu sabia que ele não ia fazer a felicidade dela. Sabia, mas ela não me escutou!

– Ela se casou com ele?

– Casou com ele. Bem que eu não queria! Bem que fiz tudo! Eu bati nela, implorei, deixei ela presa. Depois, implorei, me ajoelhei aos pés dela. Pedi pelo amor de Deus para ela não se casar com ele! Mas ela já estava... Ele já a tinha virado... Quer dizer, casou, não é? Casaram. Ele foi morar lá, na nossa casa. Foi, foi. Ele não tinha nada! Pensa que ele tinha o quê? Chegou lá com o título de barão! Não era nada, falso! Ele era todo falso! Não tinha nada autêntico naquele homem! Como é, então? Quer saber? Em primeiro lugar, depois de estar seis meses vivendo lá em casa, vivendo como um barão, como realmente ele queria viver, com carruagem, com tudo, como ele queria... E eu, quando vi aquilo, disse: “Boa agora, não é?” Mas você não sabe o que foi pior. “Eu, pelo menos, enquanto estiver viva, eu seguro.” Eu é que geria os bens da família. Sabe o que ele fez? Sabe que um dia em que eu estava em casa... (Pausa. Parecia ainda repassar cena por cena, palavra por palavra)... estava em casa e ele chegou... (Pausa) E ele tinha tudo já planejado na cabeça e eu não sabia. Ele me... me matou! Sabe? Me assassinou dentro de minha casa, porque era a única maneira de ele vir a se

apossar dos bens. E depois, eu estava morta, mas aí que foi o engano dele: pensar que eu estava morta! Que eu não ia nunca saber... Ele tramou tudo, contratou uns homens que, sabe? Tinham invadido a casa. E não tinham invadido coisa nenhuma. Quebraram coisas, só para efeito... Minha filha chorou muito, coitadinha! Como ela chorou! E como ela pediu perdão! E eu estava ali do lado dela, e ela chorando e pedindo perdão por tudo quanto tinha feito, e eu querendo tanto dizer para ela... Claro que estava perdoada, que eu a amava, boba, mas ela nem me escutava! Mas aí... o pior não foi isso. Eu não disse que ele era um rufião? Ele era isso. Aí, se apossou dos bens, porque ela era a única herdeira. Só tinha ela! E aí é que ele foi mostrar o que ele era mesmo! Jogava, enchia a casa daqueles homens que ele trazia da cidade pra jogar. E era uma coisa horrível! Ela tinha de assistir, às vezes, ali, aquilo. E aí... Olha, se ele tivesse... Ele me matou. Cruelmente. Foi uma crueldade, mas vou lhe dizer: eu teria perdoado a ele se ele tivesse tomado só os bens, mas fosse bom para ela. Eu teria esquecido tudo. Mas, não! Ele botou tudo fora e depois, como ainda não estava contente com isso... Ele nunca trabalhou! Ele prostituiu a minha filha, a minha única filha, está entendendo? – Que eu criei dentro de toda virtude. Fez ela sofrer, enlouqueceu a menina. Ela ficou grávida e ele a fez tirar o filho porque não o queria. E a prostituiu e a enlouqueceu. Fez dela uma... (Não tem coragem de dizer a palavra). E você acha que eu posso perdoar? E hoje ele está aí. Só que foi se esconder numa pele de mulher pra ver se me enganava, mas não! Eu sei quem é aquela fera que está ali dentro! Mas vai pagar e vai pagar muito! Estou ou não estou certa? Tenho ou não tenho razão? Você não sabe o que é uma filha! Você é um homem! A filha é como parte da gente. É parte do seu coração, está ligada a você, está entendendo?

– É verdade. A gente compreende perfeitamente.

– É como se fosse um pe-da-ço de mim! Eu teria admitido que ele tivesse feito tudo comigo, mas não com ela! Ele não tinha o direito! Não tinha; ninguém tinha esse direito! (Já está chorando novamente). E hoje você quer que eu deixe ele viver na boa vida? Não vou deixar, não!

– Não, minha filha. Não é isso que a gente quer.

Ela fica a repetir de mil modos diferentes que não vai mesmo deixar e que

não adianta a gente se meter.

– O que fez a mim eu perdoo, mas o que fez a ela não perdoo. Não perdoo!

– Escuta, minha querida. E a sua filha, onde está?

– Não sei.

– Você acha que ela estaria de acordo com isso?

– Claro que ela tem que estar!

– Por que é claro?

– Que mãe seria eu? Ela nunca soube de nada, mas eu sabia. Eu vi tudo!

– Mas ela não está hoje no mundo espiritual? Quanto tempo tem isso?

– Não sei.

– Onde você vivia?

– Andaluzia.

Quando o doutrinador lhe pergunta quem era o rei, a fim de tentar localizá-la no tempo, ela reage indignada.

– Que importa quem era o rei?

– Queríamos mostrar a você o tempo passado, minha filha. O tempo que você perdeu nessa agonia, nessa dor, nessa angústia, que nada construiu para você. Você se vinga, sim, mas o que realizou com essa vingança? Você continua sofrendo! A vingança não nos consola. Você está consolada? Deixou de sofrer com a vingança?

– Quantos crimes tem esse homem! Olha, ele matou a mim, ele dilapidou nossos bens, matou o meu neto que ainda não tinha nem nascido! Ele prostituiu a minha filha, viveu à custa dela. Vendeu o corpo dela pra ter dinheiro pra jogar, está entendendo?

– Bem, minha querida, não estamos justificando o procedimento dele, nem deixando de compreender a sua dor. Não, minha cara. Procure nos entender,

– Ele vai pagar cada crime, cada um...

– Mas você não precisa se arvorar em Deus para cobrar...

– Como não? Como não?

– Você não confia em Deus, então?

– Ah! Confio! Deus não deixou que ele fizesse tudo o que ele quis? Então Deus agora tem que deixar eu fazer o que eu quiser também!

– Tem de deixar?

– Ele não o deixou fazer? Então, que Deus é esse?

– Mas por que Ele está deixando você fazer?

– É porque Ele deve saber que é justo. Ou então Ele falhou, porque na hora que tinha de cuidar, não cuidou. Então, agora Ele tem que deixar!

– Vamos voltar ao mesmo ponto. Então, quando você sofreu também era justo que sofresse, não é? Ou não? Não era? É o mesmo raciocínio. Você não acha?

O argumento parece impressioná-la, mas ela ainda não está pronta para ceder:

– Ah! Você encontra explicação pra tudo! Você não sofreu. Claro; quem não sofreu acha explicação pra tudo!

– E nós não temos sofrimento nenhum? Só você sofre no mundo?

– Oh! Meu Deus, meu Deus do céu! Que vida miserável! Meu Deus!

– Por que você está falando com Deus se acha que Ele é injusto? Como é que você vai pedir justiça a Ele?

– Eu tenho tantas vezes pedido justiça...

– Não. Você tem pedido forças para se vingar. Isso não é justiça. A justiça que você está exercendo foi também exercida sobre você e você não a aceitou. Você se revoltou. Eu compreendo, minha querida, que você fez tudo isso por amor a sua filha. É bonito esse amor, mas por que o amor tem que gerar o ódio?

– Oh! Meu Deus! Quanta podridão! Vocês estão vendo quanta podridão?

– É verdade. Mas de uma coisa você precisa ter certeza, minha filha: você não sofreu inocentemente.

– Não interessa!

– Como não interessa? Pois é aí que está a explicação do problema!

– Eu não quero saber. Não quero! Para de falar, pelo amor de Deus! Para! Não quero escutar mais nada!

Começa, pois, a manifestar indícios de que vai cedendo. Tudo o que teme no momento é ser convencida a abandonar a vingança que se tornou a razão da sua existência, que, contraditoriamente, ela mesma reconhece miserável e sofrida.

– Eu era tão feliz! Por que não me deixaram feliz lá no meu canto? Eu teria tido outra vida e não iria viver neste inferno!

– Sim, minha querida. Ele errou gravemente, não o estou desculpando, não. Entenda bem. Não estamos justificando o procedimento dele que foi lamentável, horrível, mas você está fazendo a mesma coisa. E com isso está reabrindo o ciclo contra você. Se você perdoasse se libertaria. Deixa que ele cumpra o sofrimento dele perante a lei. Deus não precisa da sua vingança. Você está se punindo também. Também está presa! Antes de ser sua filha, ela é filha de Deus. Você acha que Deus não nos protege?

– Me revolta pensar em deixá-los lá, me revolta. Não é justo! – diz ela em pranto.

– Não é para deixá-los, minha querida. É pensar na sua vida; procurar sua filha onde ela estiver. Talvez ela esteja precisando de você, de um entendimento sobre a sua situação atual. Você não tem notícia alguma dela?

– Não.

– E não tem ideia de quando foi isso? Quanto tempo se passou aí, nessa agonia, só perseguindo, perseguindo... Nem o seu neto você nunca mais o encontrou? Seu marido...

– Não. Você falou em rei e eu me lembro de um Rei Carlos, mas nem sei se foi lá.

– Não sabe... Eu perguntei o nome do rei, minha querida, não foi por curiosidade. Foi só para mostrar a você o tempo que passou.

– Eu tenho uma agonia dessas e você só pensa nisso? Que importa o rei?

– Estamos tentando exatamente tirar o seu pensamento daí para botá-lo em outras coisas, nas esperanças que você ainda pode ter.

– Eu fiquei sozinha. Não tenho nada...

– Porque você quis, minha querida. Você só quer a companhia deles, não é? É a razão de ser da sua vida. Quando a gente transforma o ódio em objetivo da vida, é isso que acontece. Você se isolou de todo mundo! Ninguém mais tem condições de chegar perto de você. Você não oferece um pensamento de paz a ninguém; nem a você mesma! Como se chamava sua filha?

– Inés...

Conseguimos, afinal, enternecê-la, ou melhor, ressuscitar em seu coração amoroso as vibrações da ternura que ali está e nunca se extingue. Mas ela ainda reluta e pergunta:

– Se você me tirar isso (o ódio, a vingança), o que eu vou fazer?

– Você vai viver! Você não está vivendo; está vegetando, prisioneira do ódio. A vida está esperando enquanto você está presa aí.

– Não sei onde ele escondeu minha filha. Não sei o que ele fez dela.

– Não, minha cara. Sua filha é um espírito imortal, como você. Ela também está viva. Você é que a abandonou. Seu ódio foi tanto que você a esqueceu. Não gostaria de estar com ela?

– É... Eu gostaria, mas...

– Mas, assim, presa nesta situação você nem se interessou mais por ela.

– Mas por que os homens são tão maus? Me diga! Por que as pessoas são tão más?

– Já te disse que não justificamos o que ele fez. E é claro que ele tem de responder pelo que fez perante a lei de Deus. Ele agiu pessimamente, muito errado mesmo, mas você também está se fazendo de fera... – porque você não é uma fera – você é um ser humano.

– Nunca mais quero ter bens na minha vida! Nunca!

– Não é necessário ser tão radical.

– Se eu não tivesse nada não teria acontecido nada disso.

– É possível, mas isso foi um tipo de provação. Não acha? Era uma situação pela qual você tinha de passar. Deus não nos escolhe para punições injustas para se vingar de nós. Deus não precisa disso. Isso de a gente esbravejar contra Ele e perguntar por que Ele não castigou, por que ele não nos ajudou, não acrescenta nada a Deus nem tira nada de Deus, mas acrescenta muito a nós ou tira de nós. Você é uma mulher religiosa, você acreditava em Deus.

– Ora, tudo uma bobagem! O padre falava do céu e do inferno. Então eu achei que, pelo menos quando eu chegasse lá, Deus ia me ouvir; *alguém ia me ouvir* e... cadê? Ninguém me ouviu. Ele tinha que estar no inferno. E não está lá. Está aí, no seu bem-bom!

– Então ele está muito feliz?

– Deve estar.

– Mas você não está fazendo a vida dele um inferno e a sua também?

Novamente o argumento parece impressioná-la um tanto, pois faz um silêncio que o doutrinador respeita. Finalmente ela diz:

– É... Estou cansada... Estou muito cansada. Quero acabar com isso tudo.

– Vamos fazer uma coisa. Agradeço, em primeiro lugar, por você estar mais tranquila, mais razoável. Não vamos insistir em mostrar a você por que te aconteceu isso. Alguma coisa existe no seu passado que explica tal situação. Não o desculpamos; você não está em julgamento aqui, nem ele.

– Queria ouvir o que você iria dizer se você também fosse mãe e tivesse uma filha que fosse tudo na sua vida. Defender assim um celerado!

– Não estou defendendo esse irmão. Ele tem responsabilidades muito graves. Sei disso. Não o estou isentando de suas culpas, mesmo porque não estamos aqui para julgar ninguém. Estamos apenas debatendo um problema que é seu. Estamos vendo a sua agonia. O que estamos oferecendo a você é o nosso carinho, nosso respeito pela sua dor. Estamos mostrando que você não precisa continuar nessa dor.

– E o que eu faço? Não posso perdoá-lo! Você não pode pedir isso de mim! Não posso!

– Espere, minha querida. Isso você fará mais tarde, se e quando quiser... que um dia você vai ter que fazer, porque não podemos ir para Deus sem isso. Você me disse que gostaria de estar com a sua filha para conversar com ela, saber o que se passou, o que ela anda fazendo...

– Como é que vou chegar perto dela, se nem consegui vingá-la?

– Não conseguiu? E ela está precisando de que você se vingue para ser feliz? Você acha que ela precisa de vingança?

– Eu queria chegar perto dela e dizer assim: “Minha filha, você está vingada”.

– Mas o que é vingar? Você queria vingar como? Fazer sofrer indefinidamente? É isso? Você acha que isso é inteligente?

– É... agora você me fez... Eu nunca pensei nisso. Vingar como? Como é que eu posso vingar?

- Que você quer fazer mais? Pode atormentá-lo, atormentá-lo...
- Como é que eu posso vingar? É... Matar não adianta. Sabe que eu até esqueci que ele me matou! Isso nem importa mais...
- Pois é. Por isso é que estamos lhe fazendo um apelo. A gente vê que você fez essas loucuras todas – pois isso lhe prejudicou também e não apenas a ele – porque você amou e ama sua filha. Então, minha querida, esquece um pouco esse ódio.
- Ela não teve um pai para defender a ela, nem um irmão, ninguém.
- Esquece um pouco desse ódio e lembre-se do sentimento de amor que você tem.
- Se o pai dela fosse vivo, ela nunca tinha se casado com aquele homem. Ele não deixava.
- Será que não? Você tentou evitar e não conseguiu.
- Mas mãe é coração mole. Mãe acaba sempre cedendo.
- É, você tem razão.
- O homem tem a cabeça mais no lugar.
- Vamos então pensar isso tudo de novo. Não estou te pedindo nada de excepcional, nada contra a sua vontade – estou sugerindo que você pare um pouco para pensar. Procure saber quais as razões que levaram você a esta situação. Isso é importante: saber o porquê das coisas.
- Ah! Isso não vai adiantar. Claro que não vai.
- Ah! Não? Você acha, então, que foi inocente em tudo quanto aconteceu com você?
- Não estou discutindo se fui inocente ou não, está entendendo? Que diferença faz, se a gente sofreu alguma coisa? Eu sofri!
- Sim, e quando você fez sofrer os outros? Também não faz diferença? O mesmo direito tem a lei de te cobrar, não é, minha filha? Mas não se trata aqui de discutir direitos, trata-se agora de procurar pensar nisso tudo e ver o que você pretende fazer da sua vida. Sua vida... Sua... Você como espírito, como ser humano, lembrando-se de que estão vivos, no mundo espiritual ou aqui na carne, sua filha, seu neto – que não chegou a nascer, mas que também é um espírito – o seu marido... Você gostava dele? Foram felizes?
- Fomos sim.

- Vocês estiveram casados muitos anos?
- Eu já casei tarde. Fui muito feliz.
- Era um bom homem...
- Era. Acho que, por isso, foi mais difícil; quando você é feliz, é muito mais difícil sofrer.
- É, você tem razão.
- A gente não sabe nem o que é sofrer. Não sabe sofrer!
- Vamos, então, pensar nisso tudo, minha querida. Não leve a mal o nosso desejo de interferir; não estamos condenando nem julgando – estamos simplesmente tentando levar a você um pouco de esperança, um pouco de afeto. Depois de tantos anos nessa solidão dolorosa, pense em nós como amigos que querem ajudar, que querem servir, que compreendem a sua dor e desejam que você seja bem feliz. E você vai ser feliz um dia, voltar a ser feliz. Mas é preciso que se liberte desse ódio. Não podemos jamais ser felizes com ódio no coração. Está de acordo?
- Não poderei nunca ser feliz sem saber da minha filha.
- Mas você não procurou saber dela até agora, não é? Procurou se vingar... Nem sabe como ela está, se está sofrendo alguma coisa, se ela gostaria de estar com você. Você disse que ela pediu perdão pelo que fez, pela teimosia dela. Você precisa compreender também, que certa ou errada, ela gostou dele, não é? O amor que você tem por ela é outro tipo de amor, mas ela também o amou à sua maneira. Depois, ela também se decepcionou com ele. É preciso que ela não se decepcione com você. Não acha? Você continua sendo mãe. Você tem a sua responsabilidade junto dela.
- Como eu sofri vendo-a sofrer! Você não sabe o que é isso. E não poder fazer nada! Vê-la chorar, coitada! Pedir socorro. Chamar: “Minha mãezinha! Madrecita!” E eu estava ali e não podia fazê-la nem me escutar.
- Sim, mas você não podia fazer nada porque tinha muito ódio. Se você estivesse bem, espiritualmente, teria podido ajudá-la, sim. Como você poderá ajudar a partir de agora qualquer pessoa que esteja sofrendo, porque você passou por muita dor e por isso sabe o que é a dor, e tem condição de ajudaraos que sofrem.
- Quantas vezes me perguntei: Por que não o matei? Mesmo que eu

passasse o resto da minha vida pagando, mas pelo menos tinha evitado que ela passasse por isso tudo. Agora não adianta...

– Não. Adianta, sim, porque daqui para frente você vai pensar de outra maneira.

– Mas me dói deixá-lo assim.

– Esqueça um pouco dele – cuide de você! Você está presa a ele. Você o odeia, mas continua agarrada a ele, presa lá. Você é um espírito livre. Por que vai ficar prisioneira dele pelo resto da sua vida? Não quer cuidar dos seus interesses, das suas afeições?

– Estou cansada. Que eu vou fazer agora?

– Vou pedir-lhe que vá com os nossos companheiros para descansar um pouco. Quem sabe você vai ter oportunidade de estar com Inés? Conversar com ela... Pensar nisso tudo sobre o que a gente conversou aqui... Agradeço muito a sua confissão tão dramática.

– Você me desculpe, sim? Eu estava tão desesperada!

– Eu sei, minha querida. Estamos aqui justamente para isso – para procurar ajudar e entender.

– Sou uma pessoa de boa família; de boa educação. Não sou isso que você está pensando, não.

– Eu sei. Não disse aqui que você não estava bem nesse papel? Que não era do seu feitio, você uma mãe amorosa, fazendo uma coisa dessas, acreditando-se forçada pelas circunstâncias. Na realidade, você é tão prisioneira quanto ele. Isso nunca vai acabar, se você não der o primeiro passo. Esqueça-o por um pouco e vá cuidar da sua vida. E desculpe-nos por uma ou outra palavra mais áspera. Você é uma mulher educada, inteligente, sensata. Vamos começar uma nova existência. Você vai repousar um pouco em companhia dos nossos amigos aí. Se quiser voltar para conversarmos um pouco mais, aqui estaremos. Está bem?

Ela chora sem parar.

– Acho que acabei fazendo como um cachorro que está roendo um osso há tanto tempo que nem percebe que ele não tem mais gosto.

– É isso, mas você não é um cachorro – é um ser humano que sofre.

– Você me desculpe, mas eu...

– Não. Você não tem nada de que se desculpar. Compreendemos. Agora vá. Procure lembrar-se de Deus como um Pai amoroso, que vai te ajudar, e do Cristo. Não aquele Cristo das fantasias religiosas, mas o Cristo real, o Cristo vivo, o Cristo que ama e nos protege, nos ensina e nos aguarda. Pense na sua filha, para que, através do carinho que ainda existe e vai existir sempre em seu coração, ela possa chegar de novo junto de você. Está bem? Vá em paz. Deus te abençoe! Muito obrigado.

\*

A irmã querida foi desligada já predisposta a reconsiderar as coisas e a reordenar a sua vida. Estávamos todos emocionados ante aquela dor tão profunda. Tivemos, contudo, mais uma grata surpresa naquela noite de bênçãos. Novo espírito incorporou-se e eis o que nos disse:

– Fui o esposo. Pedi licença aqui aos seus amigos para agradecer aos senhores. Estamos reunidos há tanto tempo, esperando por ela, mas não tínhamos meios de chegar a ela. A pobrezinha é boa, mas estava presa no círculo do ódio, da vingança. Nenhum outro pensamento ocupava-lhe a mente. Temo-la acompanhado há muito tempo, mas não conseguíamos tocar a corda do coração para fazer com que ela se desligasse.

– Ela tem uma afeição muito profunda por vocês.

– Somos espíritos do mesmo grupo, unidos por várias existências. Venho agradecer, rogando ao Senhor Jesus que os abençoe e permita que os senhores continuem por muito tempo, pois assim como nós esperávamos, tantos outros esperam os seus amados e que, embora os amemos, não temos como chegar a eles; não temos como quebrar o bloco de gelo que colocam à sua volta. É como se criassem uma esfera impermeável, impenetrável, onde só há saídas para o ódio.

– Ela nos suscitou uma emoção muito profunda e foi através dessa emoção que foi possível ajudá-la.

– Não vou tomar tempo para que o trabalho não se interrompa, mas tinha que agradecer, porque estamos juntos agora... Ela ainda não nos vê, mas tivemos permissão para recolhê-la, pois, na verdade, o seu ódio era falso, de

certa forma, porque não tem raízes no seu ser. Ela tem mais amor. Desde que se desligou, ela voltará a ser a criatura que sempre foi.

- Leve o nosso afeto muito profundo, o nosso carinho a ela.
- Que Deus os abençoe e lhes dê muita paz!

### 3. O Oleiro de Dalmanuta

Desnecessário dizer que este era mais um companheiro mal-humorado e irritado com o que chama de nossa interferência nos afazeres da sua comunidade. Pudemos verificar isso logo nas suas palavras iniciais. Como de hábito, recebemo-lo com uma saudação fraterna, agradecendo a sua presença ali e declarando que ele era bem-vindo.

– Bem-vindo por quê? Seja franco! Eu sou um empecilho para vocês...

Logo a seguir, porém, confessa que o “incomodamos” a semana toda com o que chama de nossos “recadinhos”, ou seja, nossas preces dirigidas, pois já havia estado conosco na semana anterior. Em altas vozes e com a veemência que lhe era peculiar, disse que era uma pessoa ciente e consciente, que estava onde queria estar e fazendo o que desejava fazer. Mesmo assim, deixou uma abertura: queria fazer de todos seus amigos. Propunha, como sempre, um trabalho comum de grande relevo a ser realizado, naturalmente, com a nossa colaboração. Consultara fichários a nosso respeito e sabia de nossas possibilidades, que eram boas. Além do mais, tudo é evolução e precisávamos deixar o nosso morno *rame-rame* (expressão sua) de reuniões mediúnicas daquele tipo, já superadas e abandonadas por muitos grupos sobre os quais exerciam suas influências renovadoras e progressistas. Estávamos no século da ciência, no qual técnicas muito mais avançadas de comunicação haviam sido desenvolvidas. A tendência era mesmo a de extinguir de uma vez aquele tipo de trabalho mediúnico, ainda grosseiro e primitivo, no qual o espírito se incorpora e procura transmitir o seu pensamento com toda aquela dificuldade. Ele, por exemplo, era uma pessoa esclarecida e equilibrada e não acarretava nenhum transtorno ao médium, mas e aquelas entidades perturbadas e desarmonizadas? Provocavam verdadeira poluição mental e física no médium.

Havia, ademais, outras opções para nós: poderíamos continuar com o nosso trabalho inferior, se assim o decidíssemos, mas que os deixássemos fazer o deles, tal como o entendiam, sem interferências indesejáveis. Que cada qual seguisse seu rumo. E, se, ao chegarmos ao mundo espiritual verificássemos que tudo o que fizéramos estava errado? Já imaginou a decepção?

Depois dessa longa pregação, fez uma pergunta esperançosa:

– Qual a sua decisão?

– Vamos continuar – é a resposta.

Ele segue com a técnica à qual já nos habituamos, passando às ameaças mais concretas. Diz que está sendo cordial e franco, porque deseja conceder-nos uma oportunidade, enquanto há tempo. Nada tem de pessoal contra nós, mas quem avisa amigo é; aí vem a “onda” que vai arrasar-nos. Afinal de contas, estão do lado da verdade e apenas desejam libertar as consciências, pois o ser humano foi criado para evoluir. Citaria mais adiante um tópico doutrinário importante para ilustrar o seu ponto de vista. Conforme está escrito em nossos livros doutrinários, no mineral impera a atração, no vegetal a sensação, no animal o instinto e no ser humano a razão.

– O princípio espiritual passa por todos esses estágios, pontificou ele. E você quer que no homem ele estacione?

Nada disso, tem que seguir em frente, soltar as mentes, desenvolver um espiritismo mais intelectualizado, com o predomínio da mente. No seu entender, o *Evangelho* transforma todas as criaturas em cordeiros que caminham docilmente para o matadouro. É preciso que o cordeiro reaja, levante a cabeça.

– Eu não vou botar a cabeça no cutelo, porque sou uma criatura divina. O Cristo não disse: “Vós sois deuses?”. Ou vocês mudam, ou o espiritismo acaba.

Ante a nossa obstinação em contestar a sua filosofia, declara-se disposto a desistir. Sua disposição, contudo, é efêmera, porque volta a insistir que se desejamos que as nossas agremiações subsistam, é necessário ativá-las e atualizá-las. Temos de entender que o carma<sup>3</sup> tem de ser trabalhado pela

nossa vontade, a fim de se tornar um elemento positivo no processo evolutivo.

A etapa seguinte do diálogo é a tentativa de acomodação, a barganha: o que queremos para interromper as interferências? É só falar. Ante a nova recusa, reverte às ameaças. Ele já disse aos seus companheiros que não representamos nenhum risco e que o melhor é deixar-nos a brincar, mas eles não acham... É tão fácil derrubar-nos! Só querer, pois temos muitas “pontas soltas”.

O próprio Cristo – diz ele – não hesitou em recorrer à violência quando assim entendeu necessário, ao expulsar os vendilhões do templo. Violência necessária, a seu ver. É possível até, acrescenta ele, que tenha dado alguns tabefes aqui e ali. O doutrinador lembra as razões da expulsão, precisamente porque estavam transformando a Casa do Senhor num covil de ladrões, mas isso não o interessa, e sim o episódio em si.

Não é difícil perceber que ele toma dos *Evangelhos* apenas o que convém aos seus interesses e às suas fixações. E mais: quando perguntado objetivamente, responde sem convicção que sim, é um seguidor do Cristo. Não disse ele que era “o Caminho, a Verdade e a Vida?”, pois é.

– Ele me levou até determinado ponto nesse caminho. Daí em diante não é mais necessário. Aliás, o Cristo não é o único profeta. Há outros. Você sabe.

Em seguida insiste, obsessivamente, em condenar a prática mediúnica da incorporação. Diz que ele, por exemplo, está encontrando uma barreira quase intransponível para manifestar o seu pensamento e sofrendo todas aquelas inibições, simplesmente porque quer ajudar o homem a crescer! E pensar que nada daquilo seria necessário... Bastava por a mente em funcionamento. É tudo uma questão de mente, tudo se passa no campo mental. Essa é a nova teoria que estava começando a prevalecer por toda a parte. Ninguém precisa, como ele estava fazendo, utilizar-se dos órgãos físicos do médium, órgãos, aliás, “degenerados e depauperados” como aqueles de que se via constrangido a servir-se. Por isso é que seu pensamento saía deformado e ele não se fazia entender direito por nós.

O diálogo já se prolongava e ele dissera tudo o que cabia dizer. Após uma

prece, demos início à indução magnética.

Transcrevemos, a seguir, o seu relato. A primeira fala é sua.

\*

- Quem está aí?
- Alguém está batendo?
- Quem está aí? Quem é você que está falando?
- Sou apenas um amigo. Estou aqui tentando te ajudar.
- Me ajudar? Mas eu não estou precisando de ajuda. Por quê? Você também é oleiro? Onde estou? Estou aqui, trabalhando. Sou oleiro.
- Você faz vasos? O quê?
- Faço... Por quê? Você quer comprar algum? Faço vasos, faço bilhas. Sabe o que é uma bilha? Faço cântaros...
- A casa é sua?
- É minha a casa. Estou terminando uma partida que vai para Jope.
- E como se chama esse lugar aí?
- Esse lugar? Aqui é minha casa.
- Sei, mas onde fica a sua casa? Em que cidade?
- Cidade? Não sei. (Pensa e responde): Dalmanuta. (1)
- Você é daí mesmo? Nasceu aí?
- Não sei... Eu... Eu sempre vivi aqui.
- Qual a sua idade? Está muito velho?
- Não, não estou muito velho. Família? Claro que tenho família. Mulher, duas filhas. Estou fazendo estas peças... Vão para Jope. Tenho lá um comprador. Quem é? Um comprador, ora. Você tem que saber quem é o comprador? Eu vendo. Meu trabalho é muito acatado.
- Você é um bom oleiro, então.
- Sou muito bom. Você não está vendo? Faço ânforas também. Tenho umas ânforas especiais para perfumes, para óleos!
- Você tem mais gente que trabalha aí com você?
- Tenho. Tenho uns rapazes, mas eles só fazem o que eu mando. Eles não têm habilidade, mas eu preciso, porque é muita coisa (muito serviço).

- Você é rico, então?
- Sou. (Mas corrige logo) Nós éramos... Rico? Que é ser rico? Tenho o suficiente para minha família, meu sustento.
- Vamos para frente, para você me contar o que se passou aí.
- Não. Não tenho que ir para frente, coisa nenhuma. Não aconteceu nada. (Pausa). Tem este quarto aqui, mas você não pode entrar.
- Por quê? Tem alguém lá dentro?
- Não interessa. Não sei quem é você. Quem mandou você?
- Você não confia em mim, então?
- Não conheço você. Eu não o conheço; como vou relatar o que tem ali no quarto? Com que finalidade você quer saber? Ajudar? Não estou precisando de ajuda. Estou bem aqui.
- Por quê? Há alguma pessoa aí?
- Que pessoa? Você não sabe o que tem lá. Nesse quarto aí não se pode entrar. Só pessoas recomendadas.
- É um prisioneiro que está aí? Uma pessoa doente?
- Não. Não é um prisioneiro. Tem umas horas que uma de minhas filhas... Mas eu não posso te dizer. Eu não confio. A não ser que você... Qual é o seu problema? Você tem algum problema? Você é um espião, não é?
- Não. Tenho alguma aparência de espião?
- Sei lá. Essa gente aí usa todos os artifícios. Essa gente... o pessoal do templo. Eles vigiam isso.
- Mas você não é judeu?
- Sou, claro.
- E segue a lei, direitinho?
- Sigo.
- Por que, então, você está receoso?
- Porque, às vezes, a gente segue a lei, mas tem umas coisas que a gente faz que a lei não permite muito...
- E você faz essas coisas?
- Ué... A minha filha faz.
- Sua filha? Como assim?
- Sabe, ela... Estou vendo pelo seu jeito que... Vai ver que você... (Está

cheio de hesitações. E de repente): Você tem dinheiro? Tem dinheiro aí?

– Conta.

– Tem dinheiro?

– Conta. Por quê? É preciso dar dinheiro para você contar?

– Não. É porque se não tiver, não vale a pena. Se você tem dinheiro, eu levo você lá.

– Ah, sei. Agora entendi. Ela, então, não está doente...

– Não, mas ela faz uma coisa que a lei não permite. Ela invoca os mortos.

– É uma profetiza, então?

– É; mas ninguém pode saber. É proibido invocar os mortos.

– É a Lei. Mas o que ela diz a você?

– Ela diz às pessoas aí.

– Sim, mas o que ela disse a você? Alguma coisa importante?

– Ela diz, mas eu não ligo. Ela diz que essas coisas que ela faz, a gente não pode cobrar.

– É. E não precisa, também, porque você tem recursos, não é?

– Ah, mas o dinheiro nunca é demais.

– E ela recebe muitos clientes?

– Recebe. E eu faço todos pagarem. Se não tiver dinheiro, não entra.

– Houve algum cliente especial que tenha impressionado a você por alguma razão?

– Não, por quê? Vem todo mundo. Só vem gente recomendada, porque... você sabe, temos que nos resguardar. Eu sou uma pessoa muito realista. Tudo tem o seu valor, não é? Se você tem um dom, você pode... Eu não tenho um dom de fazer os meus vasos e não cobro por ele? Então...

– E daí? Sua filha continuou a fazer as previsões, as profecias e não aconteceu nada? Nunca foi descoberta? Me conta...

Ele reluta e hesita. O doutrinador insiste:

– Foi algo que esse cliente para o qual você estava fazendo todos esses vasos? Como é que foi?

– Tem o cliente que comprou os vasos todos.

– Sei; ele veio buscá-los?

– Ele mandou buscar. Está aí fora.

– E esse mensageiro foi também ver a sua filha?

– Não. Ele é um estranho. Olha, meu amigo. Eu cumpro a lei, faço minhas abluções, faço as oferendas, entende? Faço tudo, mas não deixo que essas coisas (o culto) interfiram na minha vida. Tudo pode ser útil, pode dar lucro.

– Os sacerdotes nunca descobriram isso?

– Ora! Os sacerdotes... É melhor você parar. Eu estou bem aqui, fazendo os meus vasos! Estou tão feliz... Por que você quer saber mais? Você quer para você esta ânfora? Olha esta aqui. Está muito bem talhadinha... (Suborno?).

– Não. Quero que você me conte como prosseguiu o caso da sua filha.

– Filha? Que filha?

Continua hesitando, evidência de que há ali uma barreira qualquer, um ponto crítico bastante grave. O doutrinador insiste um pouco mais, sem atropelá-lo com uma pressão exagerada. Ao mesmo tempo em que é preciso levar em conta as suas naturais resistências, é necessário ajudá-lo a rompê-las, a fim de que ele se liberte das angústias que o prendem a erros milenares. Por fim, ele começa a abrir-se:

– Olha, você sabe como é toda esta loucura aqui...

– O novo profeta?

– É. Mas você não dê importância a isso, não. É uma loucura. De vez em quando aparece uma loucura assim. E vai e passa...

– Você conhece alguns dos seguidores dele? Alguns são seus amigos?

– Por que você pergunta isso?

Está cada vez mais desconfiado e cauteloso.

– Porque você tem muitos amigos e conhece muita gente.

– Conheço – admite ele, relutantemente. Ele não aprovava muito o que eu fazia.

– Mas ele seguiu ao novo profeta?

– Claro, claro... Ele largou tudo!

– Era seu amigo...

– Ele *foi*...

– Mas ele é daí mesmo da sua vila?

– Ora, que importa! Quando a gente se conhece, não importam as distâncias. A gente mora aqui, mora ali... Ele já dormiu em minha casa muitas vezes. Mesmo porque isto é uma loucura nova.

– E ele conversou com você a respeito do Messias, do profeta?

– Ele conversou. Um dia que passou por aqui, ele achou que era errado isso que a minha filha fazia. “É errado cobrar dinheiro...” Eu disse pra ele que dinheiro é dinheiro, em qualquer lugar. Era bom e limpo. E as profecias dela eram todas sérias. Vinha gente de longe, buscando.

– E ela profetizou alguma coisa para você também? Hesita novamente e e depois resolve contar:

– Ela profetizou, mas eu não liguei.

– Que foi que ela disse?

– Ora, meu amigo, deixa disso... Estou cansado. (Pausa) Esta minha filha... Ela enlouqueceu, sabe? Com uma ida Jope. Um grupo de pessoas lá, seguidoras desse louco... É um pobre alienado...! Mas, você sabe... ela voltou um dia com a cabeça toda virada. Tirou todas as sedas que tinha e disse que queria ir embora para ajudar numa casa lá que só tinha doentes... Gente podre, sabe? Imagine ficar perto desses leprosos! Isso é um horror! Nunca minha família chegou perto...

Fala, evidentemente, da Casa do Caminho, em Jerusalém, onde a primeira comunidade cristã cuidava dos pobres, segundo o relato de Emmanuel.

– E o que aconteceu? Ela foi?

– Mas ela era minha filha. Eu disse que estava bem; ela poderia ir, mas que, afinal de contas, ela estava com dezoito anos e eu a sustentei dezoito anos. Então, eu não ia ficar com prejuízo. Só se me pagasse.

– E ela te pagou?

– Eles lá pagaram.

– Pagaram, como?

– Pagaram. Me deram dinheiro para que ela fosse. E ela foi.

– E você nunca mais a viu?

– Bem... Quando começou aquela perseguição... Porque filho é assim. Se um filho te renega, então você o repudia. Não é mais seu filho. A lei te permite isso. Então, não era mais minha filha. Riscou-se o nome dela, não

mais se falava dela. E todos que perguntavam eu dizia que tinha só uma filha; a outra havia morrido. Mas um dia, vieram os sacerdotes bater... Mandaram saber. Eles souberam que eu tinha uma filha profetisa, porque ela continuou profetizando lá. Disseram que ela falava a uma porção de gente e curava pessoas, sabe? Aí eu disse que eu *tive* uma filha sim, e que ela fazia isso, mas que eu era contra e disse para ela que isso não se fazia porque era contra a lei. Então ela resolveu ir lá para aquela casa.

– Em Jope, a casa?

– Era na estrada. Aí eles foram lá. Pegaram-na, sabe? Você sabe o que eles fazem? Não sabe? Fazem você repudiar, renegar aquela fé sacrílega. Ela não renegou a fé sacrílega. (Pausa). E ela foi entregue a um grupo de soldados e eles fizeram horrores com ela. E gritavam: “Você não é cristã? Cadê o Cristo que não vem agora te salvar daqui?”. Foi horrível!

– Você assistiu?

– Não. Eu soube... E depois, sabe o que eles fizeram? Eles a amarraram, sabe? a um cavalo e fizeram o cavalo correr, dando voltas e voltas e voltas...

(Nova pausa.) Parece remexer aquelas lembranças terríveis na memória e se finge de anestesiado. E explica:

– Sabe por que eu falo assim? (Com essa frieza). Porque ela não é minha filha. Não é minha filha. Ela morreu. E eles arrastaram aquilo que restou dela e jogaram lá na nossa porta. E a minha mulher enlouqueceu. As mulheres enlouquecem fácil! Eu não... Enlouqueceu e só ficava rezando, rezando... Bem, eu... tive que enterrar, não é? Estava ali... Porque, também, se eu não enterrasse, iam jogar lá no deserto para os abutres, sabe? As aves... Mas, afinal, ela um dia foi minha filha!

– Mas você ficou feliz com isso?

– Bom. Quando foi um dia, eu estava fazendo um vaso... Você sabe como é que a gente trabalha, não é? Tem que bater com o pé e rodar e fazer... E eu estava moldando com a minha mão... Rodando... Você tem que molhar a mão na água e passar e alisar e molhar outra vez com muito cuidado... E de repente, eu vi assim no canto de cá... Apareceu uma luz estranha, sabe? E foi crescendo... Achei aquilo estranho. Pensei que era um raio de sol que estava entrando, mas aquilo já era... Não era mais hora para aquele raio de

sol tão forte. Já era tarde... Já era a hora nona! (2) E aí... aí, de repente era a minha filha que estava ali. Ela me olhou assim, muito séria, e apontou e eu vi... Eu vi... Era um fogo terrível e eu me queimando ali no meio daquele fogo. Chega! Isso tudo está me cansando... É tão longo!

– Eu sei, meu querido, mas conta tudo, por favor. É preciso que você ponha isso tudo pra fora.

– Pois é, mas, você sabe... O chefe daqueles soldados, quando foi levar o corpo, viu a minha casa e viu que eu tinha dinheiro e que tinha uma filha jovem e o mísero... Olha que eu apregoava “Morte aos cristãos!” Estava escrito na minha parede! Mas ele deu um jeito e disse que eu também era cristão e que a gente estava escondendo. E aí eu perdi tudo! Meu rico dinheirinho! Eles nos prenderam e arranjaram provas, arranjaram testemunhas que disseram que minha filha profetizava dentro da minha casa e que eu ficava com o dinheiro. Tudo por causa daquele maldito barbudo, o Nazareno! Fomos todos presos... Tomaram-nos os bens, tomaram minha filha... E fiquei tão enlouquecido que um dia consegui fugir, voltei à minha casa e já que ia perder tudo, então, eles também não a teriam; e eu botei fogo. Ao mesmo tempo... não sei... me deu uma coisa. E eu me agarrei aos meus vasos, às minhas bilhas e não queria ir. E aí, as paredes desabaram e eu morri ali.

– É... foi uma existência muito trágica, muito triste...

– Tudo por culpa desse maldito! Bem que eu tinha que ter cumprido a lei. Não se devem invocar os mortos, porque eles estão mortos... Deixa os mortos lá no lugar deles! Meu dinheiro... Ah, meu dinheiro! Quero meu dinheiro de volta! Fiquei ali me queimando. Não parava de queimar. Estava procurando o meu dinheiro. Não sei quanto tempo fiquei ali, procurando...

– Mas o Cristo é que é o culpado de tudo isso?

– É. Tudo começou com ele. Se ela não tivesse saído lá de casa para aquela maldita casa que... não sei... devia ser uma casa de prostituição, de qualquer coisa. Sabe? Uma casa de prevaricação. Sabe o que é? Devia ser. E eu fiquei lá... (nos escombros da casa). Um dia, a minha filha apareceu e me puxou lá de dentro. Eu já estava cansado daquele fogo. Puxou-me lá de dentro... E me falava algo sobre buscar o Reino de Deus... Aí, um dia, eu mergulhei

num túnel escuro e, nessa confusão, fiquei naquele túnel... E voltei... (reencarnou-se). Não sei o que aconteceu. Sei que... Sou muito pobre. Estou trabalhando de aprendiz numa oficina com oleiros e... mas eu não quero ser pobre. Eu roubava o meu patrão.

Neste ponto tem um sobressalto, como se tivesse levado um choque elétrico, e desperta para a consciência daquele momento que estamos vivendo ali na sessão mediúcnica. E pergunta ainda um tanto sonolento:

– O que você fez comigo?

– Precisávamos de que você compreendesse as razões da sua desavença com o Cristo. Essas razões não estão no Cristo, mas em você. Aquele companheiro a quem você amou como amigo e que chegou a dormir na sua casa várias vezes, nunca procurou te ajudar?

– Você sabe quem é ele? Ele era tão bom! Eu nunca pensei que ele fosse o *que era*. Eu o perdi. (Supomos tratar-se de Pedro).

– Você seria capaz de reconhecê-lo hoje?

– Eu... eu tenho medo. É melhor deixar o passado.

– Não, meu querido. É no passado que está a explicação de nossas falhas mais graves. Este companheiro a quem você conheceu, e por quem teve amizade tão antiga, deve ter um interesse muito grande pelo seu espírito.

– Ele foi para o Nazareno. Nós nos conhecemos quando jovens. Onde? Não quero falar. Sou um proscrito!

– Não, meu querido. Absolutamente! Você tem todas as oportunidades de realizar o seu trabalho de recuperação espiritual. É claro que há muitos enganos lamentáveis aí. Isso não quer dizer que você tenha que continuar praticando erros para agravar aquela situação. Você pode mudar o rumo da sua vida, a sua maneira de servir.

– Fiz coisas tão belas com as minhas mãos!

– Você pode agora fazer coisas mais belas com o seu espírito, com o seu coração. Você tem amigos espirituais em boa situação moral, em planos mais elevados.

Nesse ponto recupera toda a sua veemência inicial e diz em voz alta:

– Você está me encantando, para me dominar e eu não quero ser dominado! Quero voltar para o meu lugar de origem. Você está me

encantando como se eu fosse uma serpente. Por que você me botou esse peso? Nem consigo levantar a cabeça!

A agitação é tanta que a sua voz sai aos arrancos, espasmódica.

– Estamos te ajudando, meu irmão. Não queremos te ferir.

– Eu... eu sou uma mente prática, racional. Eu... sempre vejo o valor das coisas, as vantagens. Não há vantagem nenhuma em aceitar o que você me oferece. Eu não tenho vantagens. Que vou ganhar? Não vou lucrar nada! Oh! Estou sendo incoerente! Minha mente! Estou incoerente... Não estou dominado. Estou cansado. Pare com a sua cantoria. O passado ficou no passado. Não tenho remorsos.

– Escuta. Presta atenção ao que vou dizer. Você não é obrigado a tomar uma decisão agora. Não é obrigado a fazer uniu escolha neste momento em que estamos aqui a conversar. Queremos apenas que você medite sobre essas coisas, essas lembranças tão dramáticas e que tanto marcaram o seu espírito. Você teve também a oportunidade de seguir Aquele que, a despeito de tudo, você respeita e admira. Não seguiu porque não quis. A sua opção continua livre, meu caro companheiro. Mas você é um artista, um espírito que adquiriu experiência muito grande em processos de manipulação de mentes.

– Ora, meu amigo. Você sabe que as religiões na terra são todas muito práticas. Eu vivi no meio delas, compreende? E éramos todos práticos.

– E você conseguiu o quê, com isso?

– Fizemos com outros aquilo que fizeram comigo: tirar os bens, mandar sacrificar. Eu estive lá!

– Lá, onde?

– Lá, nos processos inquisitoriais.

– E não conseguiu nada com isso, não é, irmão? Você levou esse ouro para o mundo espiritual? Levou angústias. E a sua filha? Onde anda?

– Mas é isso que nós somos. Somos fracos. Somos homens falíveis e falidos. Para que você quer pretender uma angelitude que ainda não tem?

– Mas a angelitude tem que ser começada a construir um dia, não é? A sua filha veio te buscar, você me disse. Tirou você daquela situação em que estava ali, preso.

- E me mete noutras e noutras e noutras. E que eu ganhei com isso?
- Você não ganhou nada porque não trabalhou para isso. O que você queria ganhar? Um céu de ouro?
- Meu amigo, eu preguei o céu dentro da Igreja. Trabalhei dentro do Vaticano, que você citou. Trabalhei. Trabalhei dentro dos palácios, das igrejas e, no entanto, meu amigo, o que todos faziam... A gente vendia o Cristo. Vendia imagens do Cristo, vendia o perdão do Cristo...
- E você continua se vendendo, meu irmão. A mercadoria hoje é o seu próprio espírito, a sua paz.
- O Cristo nunca foi lá reclamar conosco. Vendíamos tudo. Vendi tudo. Você sabe. Eu te conheço não é de hoje, sabe? Você foi um que lutou contra as relíquias que nós vendíamos. Eu estava lá (Reforma Protestante). Eu vendia. Pois se as pessoas tinham fé! Muita gente se curava com aquelas relíquias. Eu vendia.
- Meu irmão, tudo isso passou, mas ficou a mágoa no seu espírito porque você não construiu nada.
- Eu construí. Agora que tenho alguma coisa, você quer me tirar. Você quer me tirar o que eu tenho agora! Agora tenho. Tenho um nome respeitável. Sou respeitado pelas minhas ideias, pelo que eu faço.
- Quais são as suas ideias? Comerciar o Cristo? É isso? Isso dá respeito a alguém?
- Ora... As pessoas me ouvem.
- Isto não quer dizer que as ideias sejam certas.
- E me acatam... Algumas...
- Bem. Somos amigos ou não?
- Não sei. Não sei o que você quer me oferecer. Você sempre esteve do *outro* lado!
- Qual é o outro lado? Então há dois lados?
- Do outro lado! Nunca estive do meu! Você está do outro lado agora também.
- No princípio da nossa conversa aqui, você propunha um negócio para mim. Você queria vender o Cristo novamente. Nós é que não quisemos comprar.

- Vejo que você ainda é um catequista.
- Não sei se sou um catequista. Sou um amigo seu.
- O que tem o Cristo para me oferecer? O que o Cristo ofereceu a todos aqueles que foram fiéis a ele?
- A luz, com a qual sua filha apresentou-se diante de você.
- Não, uma cruz... Uma cruz!
- Ela estava revestida de luz. Como ela conquistou aquela luz?
- Estava... estava...
- Com sofrimento, com a dor, com a renúncia...
- Com os espinhos, com uma cruz, com os açoites...
- Sim, mas ela não comprou aquilo com ouro. Foi?
- Eu vi como é que ela ficou. Você não viu.
- É, meu querido, mas ela se redimiou e você ainda está perdido nas suas dores. Você disse há pouco que é... como é? Um réprobo?
- Eu não disse nada. Eu estava dominado quando falei isso. O Cristo! O que o Cristo tem a oferecer?
- Para você especificamente, em termos de poder e de ouro, realmente ele não tem nada a oferecer. A opção é sua.
- A dor... Não sei o que é dor. Eu nem sinto... Pode pegar um alfinete e enfiar em mim aí.
- Não é desse tipo de dor que estamos falando.
- Só tem uma coisa de que eu sinto falta. (Pausa). A minha companheira. Desde que ela enlouqueceu nunca mais soube dela.
- Nem em outras vidas?
- Não. Não sei dela. Sinto falta dela. Ela gostava de mim. É que eu acho que ela continua louca, porque... Não deve se lembrar de mim mais.
- Você tem ideia do tempo que se passou desde aquilo?
- Tempo? Que tempo?
- Você acha que ela ia ficar louca mil e tantos anos ou dois mil anos?
- O que são dois mil anos? Você não sabe o que são dois mil anos... Você dorme e quando acorda, passaram-se dois mil anos. Você nem viu.
- Sim, mas você não acordou ainda, não é?
- Estou cansado... Cansado de lutar, de procurar e de não achar, entende?

Estou procurando, mas não acho!

– É que você está procurando as coisas que você quer, no lugar onde elas não estão.

– Não tenho culpa se Deus me fez assim. Sou insensível.

– Então a culpa é de Deus...

– Tudo é tão árido, tão frio, tão... Você luta, você busca... Você só vence quando procura impor a sua pessoa.

– Não. Você está dizendo aí justamente o contrário: nunca conseguiu vencer. Cada vez que você vai para o mundo espiritual, confessa uma nova derrota. Quer dizer, então, que o caminho não está certo. Não é por aí.

– Então, por onde é o caminho?

– O caminho é o amor.

– Eu o procuro. Você pensa que não procuro? Mas nunca chego lá.

– Estamos te oferecendo agora a nossa mão. Você sabe... Presta atenção. Escute. Você diz que nós estamos do lado de cá e você está do lado de lá. Não é. Existe apenas um lado, o lado de Deus.

– Por que tudo existe? Por que Deus me criou? Por que Deus me botou nessa roda viva?

– Não. Você é que construiu esse mundo para você. Deus não te criou assim.

– É um remoinho e eu estou no centro desse remoinho. É isso a vida. E você jogado lá. Eu fui jogado e fiquei.

– Mas a sua filha também foi jogada e não ficou. Aquele outro companheiro seu também foi jogado e não ficou. Quer dizer que tem muita gente que sai. Você ficou porque quis.

– Não quero ser o que sou, mas o mal é tão forte em mim, que sempre me vence! Sempre me vence. Todos os progressos que faço, acabo vencido.

– Você é que se deixa vencer.

– Estou cansado. Quero sair do remoinho, mas não consigo. Quanto mais força faço para sair, mais ele me puxa para baixo. Você abalou as minhas estruturas todas.

– Somos amigos ou não? Pelo menos somos companheiros oleiros.<sup>4</sup>

– Eu largaria tudo se me dessem de novo o trabalho, como eu trabalhava...

(A voz começa a apagar-se enquanto ele repete incessantemente): Onde é o caminho? Onde é?

Neste ponto é desligado e parte.

\*

É certo que o passado explica o que hoje somos. Esse é o ensinamento da Doutrina, que a prática mediúcnica confirma reiteradamente ao longo dos anos. Nem sempre, contudo, vemos as implicações e conexões com tamanha nitidez como neste doloroso caso.

Sua primeira manifestação objetiva é contra a maneira pela qual exercemos a mediunidade em nosso grupo. Acha-a rotineira, primitiva, grosseira, superada e se empenha em convencer-nos de que podemos fazer um trabalho muito mais rendoso do ponto de vista evolutivo, substituindo aquele tipo de intercâmbio deficiente por uma prática essencialmente mental, de mente a mente, sem, portanto, a participação da emoção, do sentimento, do amor e com objetivo bem específico – um espiritismo mais intelectualizado. Em suma, mudar o enfoque do trabalho para o campo das ideias, da abstração filosófico-literária, deixando de lado o atendimento aos problemas humanos da dor, do esclarecimento, da caridade fraterna.

Tem, portanto, uma séria dificuldade com o exercício da mediunidade e a vê como um recurso destinado a obter vantagens pessoais. Quanto ao abandono puro e simples do trabalho de doutrinação em si, faz parte de um plano geral bem estudado, todo planejado e que já há algum tempo vem sendo implementado pelas instituições das sombras e – lamentavelmente – aceito, adotado e posto em prática por muitos agrupamentos espíritas mal-avisados. Não é difícil observar-se, contudo, que neste caso, o companheiro tem algum problema pessoal com a prática da mediunidade e que não está apenas lutando por uma tese coletivamente aprovada.

É interessante observar também o argumento de que ele se serve para levar-nos, senão à dúvida, pelo menos a questionarmos o nosso próprio trabalho: e se verificássemos, ao chegar ao Mundo Espiritual, *que estava tudo errado?* Aqui temos, por certo, algum ponto sensível da sua

experiência.

O aspecto seguinte é a sua postura ante o problema cármico. Não que ele traga uma contribuição original – a sua concepção é a de toda uma multidão de espíritos atormentados que, julgando-se incapazes de resolverem o emaranhado de aflições em que se meteram, adotam a trágica filosofia de tentar ignorá-las. Como não podem negar a culpa, porque nas profundezas do ser agitam-se remorsos milenares, procuram esquecê-las bloqueando-as do consciente, a fim de terem um mínimo de condição de vida. Dizem, por isso, que o carma precisa ser “dinamizado”; podendo mesmo ser um elemento positivo no processo evolutivo. Já ouvimos isso de muitas maneiras, em incontáveis ocasiões. Daí o recurso à frieza da mente, à anestesia forçada da emoção. Este companheiro, aliás, demonstrou essa posição com muita eloquência no caso da filha sacrificada. Enquanto a mediunidade dela serviu às suas ambições, tudo estava bem e ele arrostou até os riscos de uma severa punição por parte da implacável ortodoxia dominante; quando, porém, ela resolveu optar por uma utilização caridosa e correta da mediunidade, ele a rejeitou. Por isso, a sua dolorosa pergunta: “Filha? Que filha?”. E este era o núcleo da sua tragédia pessoal: usou a filha como fonte de renda, cobrou uma quantia pelo seu resgate, quando ela decidiu que não mais se prestaria àquele papel e, em seguida, renegou-a como filha. Na mágoa contra a filha, passou a condenar também a mediunidade, a não ser que em proveito próprio, da maneira que ele entendesse, para fazer com ela o que fosse de sua conveniência. Em tudo isso, o dinheiro, o ganho imediato. Regredido, diz ao doutrinador: “... se você não tiver (dinheiro) não vale nada. Se você tiver dinheiro eu levo você lá”.

Outro ângulo do seu tortuoso raciocínio: apesar de ter cobrado um resgate pela filha, pois perdia com ela uma fonte de renda, um investimento, ele atribui ao Cristo a culpa dessa perda e, por trágica ironia, acaba sendo sacrificado exatamente por ser tido como um dos integrantes da odiada seita dos cristãos. O episódio marca-o tão fundamente que nas vidas subsequentes vai empenhar-se de corpo e alma em vender sacramentos, preces, missas, relíquias, posições, tudo enfim, quanto tenha sido inventado para

representar a figura de Jesus. Era como um ressarcimento a que ele se julgava com direito. Mais do que isso, porém, pois como foi condenado, espoliado e morto, pelo menos teoricamente, por causa do Cristo, era necessário que ele condenasse e mandasse à fogueira, também em nome e por causa do Cristo.

Faltou-lhe, por acaso, esclarecimento? Não. Na velha Dalmanuta ouviu os próprios espíritos incorporados em sua filha condenarem o comércio ignóbil. Seu amigo não identificado, que resolveu abandonar tudo para seguir ao Cristo, também lhe disse que aquilo estava errado. Note-se bem, aliás, que este não condenou a mediunidade em si – ele deve ter mesmo tido considerável influência para que a moça fosse exercê-la na Casa do Caminho –; o que ele condenava era a sua comercialização. Mas para o oleiro, dinheiro era dinheiro – *bom e limpo* em qualquer lugar, qualquer que fosse a sua origem. Ele não estava preocupado com práticas religiosas, nem com as severas proibições da lei quanto à invocação indiscriminada dos “mortos” –; ele queria o lucro.

Aliás, encontramos aqui mais uma das inúmeras simetrias. Explorava comercialmente o intercâmbio com os “mortos”, consciente de que a lei mosaica impunha restrições (e não proibições, como já demonstramos alhures em outro escrito). Volvidos os séculos, vinha dizer-nos que devíamos deixar os espíritos em paz, para que fizessem o que bem lhes aprouvesse. Ou seja; não ficássemos a importuná-los com as chamadas à sua consciência atormentada, apelando para que resolvessem, afinal, reencetar o caminho de volta à paz espiritual. Ninguém melhor do que eles sabem que esse caminho é longo, difícil e com uma dor, uma agonia, uma angústia a cada passo.

Apenas um consolo – paupérrimo consolo – restava de todas aquelas loucuras: quando estive na Igreja, investido de autoridade “fazia o que todos faziam”, ou seja: “vendia o Cristo, vendia imagens do Cristo, vendia o perdão do Cristo”. E achava mesmo estar certo, porque, segundo disse, “o Cristo nunca foi lá reclamar conosco”. Não era lógico isso tudo?

Vemos, pois, como se constrói a malha fina e resistente que nos aprisiona por milênios no erro que, no entanto, nos parece tão “inteligentemente”

explicado e até justificado.

De outro lado, o Cristo. E o que tem ele a oferecer? A dor? E novamente o Cristo é culpado por não ter uma solução indolor para os nossos crimes e remorsos. Não que tenha sido fácil construir essa rede de mentiras supostamente inteligentes, não. Foi longo e difícil, à custa de muito recalque e autodisciplina para impor a si mesmo a mentira que a consciência insiste em recusar. No fundo, porém, ele sabe que está tudo errado, pois, num momento de aflitiva lucidez, admite: “Sou um proscrito”. Mas logo depois, percebe que está cedendo e implora, dramático; “Agora que tenho alguma coisa você quer me tirar”. O que tem ele, porém? Um nome que ele diz *respeitado* pelas suas ideias. Muitos o acatam. Sim, infelizmente é verdade. Muitos o ouvem e o acatam e até o seguem, porque ele prega a filosofia do desespero entre os que se perderam, como ele, no desespero. É claro que vai ter sempre ouvintes ávidos de se utilizarem das suas fórmulas anestésicas. É preciso, com urgência, *dinamizar o carma*, sufocar as dores, adiar o encontro com a paz, alienar-se por mais alguns séculos, da convivência com os amores – vale tudo, desde que a dor também fique pura depois...

E por isso, tanto combatem a prática mediúnica que leva até eles a dor, sim, o reativamento dos esquecidos remorsos, mas também a esperança e a paz.

## NOTAS

### 1 – DALMANUTA

Lembro-me da preocupação da médium com o nome que o espírito manifestante atribuiu ao lugar onde residia, exercia seu ofício de oleiro e explorava a mediunidade de sua filha. Teria mesmo existido uma cidade ou vila com aquele nome? Sim, existiu. Pesquisa posterior revelou referência específica nos textos evangélicos, em Marcos (8:10), logo em seguida à narrativa sobre a multiplicação dos pães e peixes para quatro mil pessoas:

– E entrando na barca com seus discípulos, seguiu para a região de

Dalmanuta.

Outras informações fomos encontrar em *O novo dicionário da Bíblia* (Ed. Vida Nova, S. Paulo, 1979, 1º volume, verbete Dalmanuta), onde se esclarece que esse lugarejo, certamente obscuro, é mencionado apenas no já citado versículo de Marcos.

Acrescenta o Dicionário que a cidade nunca foi “satisfatoriamente identificada”, da mesma forma que Magdã, mencionada na passagem paralela em Mateus 15:39.

No bem intencionado, mas muitas vezes, desastroso afã de autenticar e esclarecer tais obscuridades bíblicas, alguns estudiosos concluem que o nome é que está errado e deve ser “corrigido”. Foi o que aconteceu com F. C. Burkitt que, segundo o Dicionário, supõe ser o nome do lugarejo uma corruptela de Tiberíades em combinação com o antigo toponímico Amatus. Os autores do Dicionário, contudo, propõem uma solução cautelosa e sensata, achando “mais aconselhável conservar o texto existente e esperar mais luz a respeito.” Se houvessem recorrido a Emmanuel – o que dificilmente fariam os ilustrados autores protestantes – teriam encontrado a luz que esperam.

No *Vocabulário histórico-geográfico dos romances de Emmanuel*, de autoria de Roberto Macedo (Editora FEB, 1960, pag. 101), lê-se o seguinte:

– Dalmanuta – Aldeia da Galileia, nas vizinhanças do porto de Magdala, à margem do lago de Genesaré. Talvez residência de Madalena “... foi a Dalmanuta, onde conheceu Madalena” – Emmanuel, *Paulo e Estevão*, 269. Não se fazia distinção formal entre Dalmanuta e Magdala, tal como hoje é possível morar em Niterói e trabalhar em São Gonçalo (Dalmanuta, Marcos 8:10, Magedã, que é Magdala, Mateus 15:39). Predominou na prática o porto de Magdala, mais frequentado que Dalmanuta e daí, possivelmente, Maria de Magdala (ou Madalena) em vez de Maria de Dalmanuta. Analogias confirmam a hipótese (Naim-Cafarnaum, Corinto-Acaia, etc).

Como se verifica, portanto, a referência em Marcos está certa, Dalmanuta existiu mesmo e lá teria vivido o nosso irmão oleiro.

## 2 – HORA NONA

Instrumentos mecânicos para medir o tempo só apareceram em época relativamente recente na história, aí pelo século 13, na Europa. Mesmo assim, os relógios foram raridade por alguns séculos mais. Na famosa autobiografia de Benevenuto Cellini (1500-1571), ainda encontramos o tempo medido de maneira bastante imprecisa, como, por exemplo, pela duração de uma Ave-Maria ou de um Pai-Nosso.

O povo hebreu – e os povos antigos de modo geral – considerava na linguagem comum apenas o tempo útil do dia, ou seja, do nascer ao por do sol, o que hoje corresponderia ao período que vai das seis horas da manhã às seis da tarde. A hora era um duodécimo desse período. À primeira hora ia das seis às sete da manhã; a segunda, de sete às oito e assim por diante.

O incidente mediúnico que o espírito relata, portanto, ocorreu entre duas e três horas da tarde, quando a luminosidade do dia em época de inverno nos países do hemisfério norte é bem menos intensa.

---

<sup>3</sup> A palavra carma está sendo utilizada aqui no seu sentido doutrinário de ação e reação. Como sabemos, a ação positiva, voltada para a prática do bem, suscita reação igualmente positiva, ao passo que a ação negativa provoca, necessariamente, reação negativa. Isso quer dizer que o carma não tem apenas sentido negativo de castigo, como supõem alguns. Como tenho dito e escrito numerosas vezes, as leis divinas que regulam o Universo, inclusive nosso comportamento, jamais têm caráter punitivo, e sim educativo.

<sup>4</sup> Em outros tempos, o doutrinador fora também oleiro.

## 4. A irmã do vizir

Procuramos sempre compreender a agressividade inicial dos companheiros espirituais que nos são trazidos para diálogo, aos nossos trabalhos mediúnicos. É natural que se apresentem irritados e até mesmo desesperados, pois somos aqueles que os estamos fustigando, tentando trazê-los para fora de suas furnas de desarmonia para enfrentarem a duríssima realidade de uma dolorosa via de recuperação espiritual que se estende diante de cada um, mas que eles ainda rejeitam, por se sentirem despreparados, embora inconscientemente desejem encetar a longa viagem de volta à paz interior, há muito perdida.

O companheiro daquela noite, contudo, estava agressivo e revoltado como raramente havíamos presenciado em nossas tarefas. Para neutralizar seus impulsos iniciais nossos mentores o mantinham algo contido e, por isso, ele se sentia “amarrado” e começou exigindo em altas vozes que o soltássemos. Era uma luta de vontades, segundo ele, que formalmente desafiou o doutrinador a “sair para a briga”, pois não viera em busca de compreensão e entendimento, mas para responder à afronta de um abusado... Ainda nesse tom, passou às ameaças e, em seguida, a queixar-se dos próprios companheiros seus, dirigentes da sua instituição e que estavam, inexplicavelmente, com “panos quentes” conosco. Se fosse ele, acabava com tudo à sua moda, revirando tudo de pernas para o ar. Era partidário decidido da violência, da ação direta, mesmo porque éramos pessoalmente muito vulneráveis – a respeito de toda a vigilância em torno do aposento onde trabalhávamos.

Aos poucos foi revelando a razão maior da sua indignação, embora não nos tenha, provavelmente, contado tudo. Ao que depreendemos, ele conseguira convencer seus chefes a empregar seus métodos pessoais de arrasar tudo e foi incumbido da tarefa. Tinha em mente uma vitória

importante para a sua *carreira*, pois estava se credenciando a um posto de maior relevo na estranha organização em que militava. Era, aliás, o titular de uma respeitável folha de serviço e já fora até *condecorado* por atos particularmente significativos. Seja como for, munido de tais credenciais, partiu decidido para cima de nós. A primeira dificuldade foi penetrar no que considerava nosso I, que classificou de verdadeira fortaleza, com guardas à porta e tudo. Por que não removíamos os “guardas” e não os enfrentávamos cara a cara? Isso ele conseguiu contornar, entrando com uma pessoa (encarnada), que se dirigia ao interior do imóvel, mas topou, em seguida, com novo imprevisto: não conseguiu levar a pessoa até o local desejado, onde pretendia começar o seu trabalho demolidor – a pessoa ia até certo ponto, hesitava e voltava.

Em suma; falhou amargamente na sua missão. Regressou à sua comunidade e ainda foi repreendido e (pior de tudo!) foi rebaixado, perdendo a oportunidade da desejada promoção. Daí a sua fúria contra nós. E, por isso, a despeito de tudo, era ainda favorável a uma solução violenta que classificava como uma bomba. Em exame retrospectivo, via agora que escolhera mal o dia para a sua incursão, pensando que as coisas estariam facilitadas porque o doutrinador estava ausente, mas enganara-se, porque, ao que suspeitava, a vigilância fora redobrada.

Seus objetivos eram bem claros e ele não fazia o menor segredo em torno deles: barganhavam interesses. Tinham um plano de trabalho que estava sendo implantado com a colaboração de pessoas encarnadas que ele chamava de seus pupilos, aos quais, evidentemente, não falava naquele tom agressivo com o qual se dirigia a nós ali. E como estava acostumado a negociar adesões, propôs-nos também uma barganha. Qual era o nosso problema? Dinheiro? Posição? Problemas de família? Tudo isso poderia ter solução.

E voltava, obsessivamente, à sua desgraça pessoal, como que falando consigo mesmo. “Imagine só! Ser rebaixado!” Tiraram-lhe a condecoração na presença de todos! Um verdadeiro vexame público! Como que poderíamos esperar que ele viesse a nós com todas as amenidades e cortesias sociais?

Voltou a referir-se ao plano de trabalho em andamento. Acrescentou informes e fez previsões (que, aliás, se realizaram no devido tempo), cujos detalhes seria imprudente expor aqui, porque dizem respeito a situações e pessoas que poderiam ser identificadas.

A essa altura, embora ainda indignado, já estava mais razoável, mesmo porque não perdemos a paciência nem a serenidade com ele, procurando manter o diálogo em tom fraterno, ainda que de contestação às suas ideias. Interrompemos por alguns momentos a conversa e oramos. Em seguida, foi iniciada a indução magnética que nunca é fácil em tais situações. Quando começou a ceder, reclamou, dizendo que aquilo só era possível porque estava condicionado ao aparelho mediúnico. Ao cabo de algum tempo, mergulhou fundo no estado de sonolência característico. É a partir desse ponto que começa a desdobrar-se a sua história pregressa.

\*

– As tendas estão armadas – são as suas primeiras palavras. Estamos nos preparando para fazer as orações.

É um chefe e sua tarefa consiste em dar combate aos infiéis.

– Você, então, segue o profeta? (1)

– Sim, claro.

Segundo nos explica, fazem as preces antes da batalha que vai ferir-se ali mesmo, por perto.

– Vocês pretendem tomar alguma cidade? – pergunta o doutrinador.

– Precisamos fazer com que todas as cidades se voltem para Meca.

Ele não sabe ou não se lembra se está ou não em território europeu, mas confirma que é o comandante das tropas.

– Vamos, então, em frente. Vocês já fizeram as preces. E depois?

– Somos abençoados pelo profeta. Não, não está aqui conosco, mas sabemos que ele nos abençoa. Muitos cavalos...

– Como é que foi a batalha? Vocês a ganharam?

– Ah! Você não vê? Um tumulto terrível.

– Muita matança? Morreu muita gente?

– Sim. Já degolei muitos com o meu sabre. Quantos já tenho degolado!

– Cristãos?

– Sim. Precisamos defender as ideias do profeta.

– E vocês conquistaram a cidade?

– Matamos tanta gente! Homens, mulheres, crianças... Saqueamos... Gritos... Você não ouviu os gritos? Pessoas que correm e gritam. Matamos e degolamos... E os cavalos correm para lá e para cá. E as pessoas correm, mas os cavalos correm mais! Olha aqui: acabei de decepar outra cabeça! É preciso que rolem muitas cabeças.

– Então você tomou a cidade...

– Tomei. É uma cidade pequena, quase uma aldeia. Ou é uma cidade grande? Estou confuso, não consigo me lembrar direito.

– Mas o que fez você lembrar-se disso aí?

– O profeta. A fidelidade ao profeta. Fidelidade ao Islã!

– O que mais tem você a dizer disso aí?

– Eu tomei uma dessas mulheres e a levei comigo.

– Levou para onde? Para a Arábia?

– Para a minha tenda.

– Ela era muito bonita?

– Ela é, mas... Estou admirando meu cavalo. É tão belo! Obviamente, o cavalo é, a seu ver, mais importante do que a mulher, que ele parece considerar “mero episódio menor”. Faz uma pausa e continua:

– Chama Rachid.

– Você?

– Não. O cavalo. É branco. Rachid, belo... É ensinado! Ele ajoelha na hora das preces... Eu o ensinei. Alá seja louvado! Vencemos o inimigo.

– Alá seja louvado com a matança?

– Foi por Alá que matamos! Eu sou nobre. Sou um xeique! O meu pai é um vizir.

– Essa mulher? Ficou com você?

– Ficou, mas eu... ora... eu a usava. Eu a usava, simplesmente. Essas mulheres não se pode... Elas são infieis (não-muçulmanas). Ela é uma serva na minha casa.

- Mas você a levou de volta ou continuou as suas conquistas?
- Eu vivi um pouco aqui. (Ocupação militar). Depois, eu voltei. Muito tempo depois. A grande calamidade! Perdemos o profeta!
- Mas você ainda o viu quando voltou?
- Não. Perdemos. Toda a cidade está de luto. Mas, Alá dá, Alá tira. Alá vai enviar-nos outro profeta.
- Você vive onde? Aí em Meca?
- Sim. Meu pai era o vizir. Temos o nosso palácio.
- E você conheceu o profeta?
- Conheci, quando eu era jovem. Meu pai queria que eu seguisse a carreira dele, mas eu não queria ser Conselheiro. Todos dependem do vizir. O vizir é um sábio. Meu pai era um sábio. Há uma tradição de vizires em nossa família. Os antepassados nossos remontam há muito tempo! Homens de letras! São todos homens sábios.
- E como é que você se chama?
- Eu? Ahmed... (Faz uma pausa, repete o nome e comenta): Ahmed! Que bom ouvir o meu próprio nome!
- Ahmed? – pergunta o doutrinador caprichando como pode na pronúncia ligeiramente aspirada. Ele parece aprovar:
- Ahmed! É assim que se fala. Ahmed...
- O que aconteceu daí em diante? Você era ainda moço ou estava com mais idade?
- Mais idade. Cansado das guerras.
- Mas meu querido irmão. Não está aí a razão das suas angústias, das suas dificuldades posteriores, embora você tenha matado profusamente em nome de Deus. Deus não nos aconselha a matar. As leis de Deus, pelo contrário, dizem: “Não matarás!” Assim foi dito por Moisés. Não é verdade?
- Vivi aqui muito tempo – prossegue ele. Eu vivi aqui outra vez (em outra encarnação).
- Na Arábia também?
- Sim.
- Outra existência, então. Mas isso não está em desacordo com o ensino do profeta, não é. O profeta não ensinava isso. Mas o argumento não o

impressiona e ele prossegue:

– Fui vizir.

– E você era um *bom* vizir?

A pergunta parece confundi-lo um tanto, pois a pausa é longa. Que seria um *bom* vizir?

– Bom vizir? – pergunta ele, meio perdido. (E, afinal): Não. Eu queria riquezas.

– E o que você fez para consegui-las? Matou mais? Também isso não o impressiona:

– Oh, nossas mulheres são tão lindas!

Alguma lembrança mais desagradável parece assaltá-lo de repente.

– E você tornou a voltar para o Mundo Espiritual – prossegue o doutrinador – e vir novamente para a Terra e essas vidas todas não te ensinaram coisa alguma? Foi sempre assim? Matando, conquistando posições, dinheiro e mulheres?

– Estava escrito. Estava escrito que seria assim.

– Ah! Então, estando escrito, não cometemos erro algum?

– Alá escolhe o seu destino. Somos servos.

– E Alá manda matar?

– Alá pode ficar irado...

– Você é, então, um instrumento de Deus?

Ele muda de assunto:

– Vejo aqui esta jovem, linda, tão jovem que nem usa chador. Quase criança. É minha irmã. Eu sou o vizir. Ela... (hesita). Ela foi iludida por um cristão, um infiel, que a possuiu e eu tive que aconselhar o seu sacrifício. Era a lei!

– Ela também?

– Sim. Ela e seu filho.

A lembrança é extremamente penosa, pois as palavras saem como que arrancadas.

– Ah! Esses olhos que me olham! Ela chora, ela vem pedir, ajoelha-se. Ela pede, ela suplica misericórdia, compaixão...

– Mas você não a perdoou...

– Eu não tive chance. O Corão tem que ser respeitado. É a lei, é a lei! Você sabe. Não posso fazer nada. É a lei! Mas ela é tão jovem... tão bela!

– É sua irmã, não é?

– É minha irmã.

– E como ela foi sacrificada?

Longa pausa e depois:

– É a morte, você sabe. É a morte. A pena é a morte... à espada... sabre. O sabre...

– E ele também?

– Sim, é claro. Ele, duplamente, por ser... Eu fiz que primeiro se lhe cortassem a mão, porque ele foi um ladrão – ele a roubou.

– É... A lembrança não é agradável para você. Isso demonstra que...

– Tão linda ela! Tão linda...

– Não. Não é por isso. É porque você gostava dela. Você a amava como irmã.

– Tão linda, tão jovem...

– Havia, portanto, em seu coração algum sentimento de afeição, de amor. Você a sacrificou, a ela, ao filho e ele...

– Ela traiu por esse maldito cristão. Um ser inferior... O profeta nunca disse isso. O profeta nunca aprovou. O que o profeta disse era lei, era a Verdade. Alá é o senhor e Maomé o seu profeta.

– Sim, meu querido; mas Alá não manda matar.

– Lamento não se matar mais os infiéis hoje. Eu quero... (hesita). Sofri muito com a sua execução. Ela fazia a alegria do meu palácio com a sua voz, com a sua presença. Eu a amava muito, a minha irmã (A essa altura, já está chorando). Ela me foi confiada ainda menina. Me foi confiada...

– Era meio irmã, de outra mulher?

– Não. Era irmã mesmo.

– E você nunca mais a viu no mundo espiritual ou em outra existência?

– Não. Parece que meu castigo maior era não vê-la, mas eu jurei que iria combater esta seita maldita dos infiéis. Mas já não se matam mais infiéis!

– Mas você esteve sempre na religião do profeta?

– Não. Fui para outra, porque há várias maneiras de matar.

– Para outra como?

– Para a religião dos infiéis.

– Para a Igreja Católica?

– Sim. Para poder vingar-me.

– Na Inquisição?

– Sim.

– Matou mais gente, então?

– Espanha... Essa imagem me persegue. Ah! Outra vez! Não... Foi lá, na Espanha. De novo... E novamente mandei matá-la.

– Ela era cristã?

– Ela queria fazer-me compreender que o ódio era errado. Veio para que eu a perdoasse.

– Mas era sua irmã novamente?

– Sim. Veio morrer por mim.

– Como assim?

– Depois eu soube. Não; ela não era minha irmã na Espanha, mas era o mesmo ser que veio ajudar-me. Veio numa religião oposta para mostrar-me que eu devia perdoar.

– Oposta como? Ela não era cristã?

– Não era católica.

– Ah, sim. Então foi depois da Reforma. Ou era judia? Por isso você mandou matá-la?

– Por isso.

– Mas você não sabia que ela fora sua irmã na Arábia. Você gostou dela?

– Eu soube depois que era; e eu a matei outra vez.

– Por que você a matou?

– Porque novamente, era uma infiel. Eles não eram aceitos, você sabe.

– Você tinha autoridade para isso? Era um cardeal?

– Era. Eu tinha um anel que era quase mágico. Esse anel me dava poder.

– Sim. Meu querido irmão. Eu gostaria que você agora viesse novamente a este momento em que estamos aqui conversando para que você, com a lembrança de todos esses episódios, procure racionalizar os seus sentimentos, colocar tudo isso numa perspectiva que você possa entender

e, principalmente, extrair disso tudo as lições que existem aí. Por favor... O que você conclui disso, meu amado companheiro?

– Não sei. Estou confuso. Estou aturdido.

– É verdade. Muito crime, muita matança. Você não quer parar um pouco para pensar? Não precisa me dizer agora, nem assumir compromissos que você não possa cumprir, mas, por favor, pense, medite, procure colocar essas coisas devidamente em ordem, especialmente os seus sentimentos, o tumulto interior em que você vive, para que você possa voltar a ser feliz e reencontrar esse espírito a quem você tanto ama.

– Onde andaré essa minha irmã?

– É possível que ela esteja sempre ao seu lado, tentando ajudar de alguma forma, mas você sempre a criar dificuldades para ser ajudado, não é? Creio que agora é chegado o momento de parar e dar a ela a oportunidade de te alcançar. Você a ama, com respeito e muito carinho. Dê a ela essa oportunidade.

– Ela sacrificou-se na Espanha voluntariamente para – disse ela depois –, para me salvar.

– Para que você não ficasse com o crime...

– Não. Não é isso. Você não está entendendo. Ela aceitou aquela vida para sacrificar-se por mim, para me acordar. *Ela não precisava ter morrido assim.*

– Ah, sim! Você quer dizer que ela não tinha compromissos espirituais que a obrigassem a passar por aquilo...

– É. Ela quis.

– Que dedicação, que amor, que afeição!...

– Ela buscou-me. Suplicou pelos inocentes, por ela, tentando acordar em mim lembranças.

– Mas como você a conheceu lá? Por que razão vocês se encontraram? Em que posições? Você gostou dela? Como foi isso?

– Ela... Não consigo me lembrar muito bem. Tudo muito confuso... Não consigo lembrar. Vejo uma cerração tão grande, como se eu estivesse andando no meio de uma neblina.

– Está bem. Isso fica, então, para depois. Provavelmente temos aí um

ponto em que você não pode ainda penetrar ou não deve, não sei.

– É uma neblina...

– É. Alguma coisa misteriosa está aí. Seja como for, você gostaria de estar com ela, não é? Dê a ela, portanto, uma oportunidade. Fica conosco, em nossos locais de repouso e de meditação para que você possa ser tratado com todo respeito e com muito carinho.

– Nós combinamos tudo... *Mas quando você veste esta roupa* (corpo físico), é difícil. Os ódios antigos prevalecem, e você cai num meio que alimenta aquilo. É difícil! Vem o momento e você esquece! Vem o momento e as chamadas e o alerta, mas você não vê. Cada vez mais você se mantém firme na decisão inicial para não fracassar e, na verdade, você está fracassando.

– Mas agora, meu querido, você tem que tomar novas decisões, partir para novas opções. Por favor, não insista mais. Nesse grupo em que você tem vivido ultimamente...

– É uma maneira de combater o Cristo.

– Você já viu que nesses séculos todos você nada conseguiu, nem um pouco de paz ou de felicidade. É uma fuga permanente e o afastamento desse espírito a quem você ama. Vamos agora mudar isso, por favor.

– É um sentimento tão puro, tão bom... Sinto muita saudade...

– Pois é, meu querido. Você tem sobre o que construir. Você tem aí uma base muito pura, muito nobre e boa, sobre a qual erigir sua melhor compreensão desses problemas espirituais. Não vamos exigir que você passe, de repente, a compreender e a amar o Cristo, mas dê uma oportunidade à sua companheira, sua amiga espiritual e ao seu próprio espírito para recompor essas aflições.

– Mas, o profeta estava errado?

– Ele tem grandes virtudes e cometeu grandes erros. Posso lhe falar isto com toda a convicção, com todo o afeto que tenho por ele, um amigo pessoal de muitos séculos...

– Ele nos deu todas as normas de vida.

– Sim, mas ele também se enganou. Laços de profunda afeição e amizade muito antiga existem entre nós.

– Estou vendo uma estrada. Vejo um homem que vem andando com umas

sandálias, uma mochila... Parece-me que conheço aquele homem! Eu o conheço. É um homem simples, tranquilo... Tudo neste lugar é tão tranquilo... As águas deste lago calmo. Tudo calmo...

– Foi aí que você o conheceu?

– Sim, eu o conheci. Eu o acompanhei.

– Entendeu agora, meu querido irmão? Falhamos uma vez, falhamos dez vezes, cem vezes, mas não precisamos falhar *sempre*. Vamos começar tudo de novo.

– Vejo tudo tão claro! Era um bom amigo, mas nós não podíamos seguir este novo profeta.

– Poder, podíamos. Muitos não quiseram. Então você me conhece também...

– Sim.

– Você vê, portanto, que reatamos aqui uma velha amizade. Agora você vai ficar conosco. Depois voltaremos a conversar.

– O que eu faço com isso tudo, agora, dentro da minha cabeça?

– Meu querido, você vai precisar meditar. Vamos te ajudar a recomeçar a sua vida. E ela também vai ajudar... Conte conosco, confie em Deus e na sua querida irmã, sua companheira espiritual.

– Será que ela ainda tem aqueles olhos negros? Cintilantes... Cintilavam, os seus olhos.

– E o mesmo coração afetuoso. Você provavelmente vai estar com ela. Vai com os nossos irmãos, por favor. Confie em nós e nos dê uma oportunidade de te ajudar. Você está sabendo agora que está entre amigos, não é verdade?

– Você me botou um fardo tão pesado nas costas...

– Não, meu querido. O fardo estava aí, nós apenas te ajudamos a vê-lo.

– Que vou fazer agora?

– Você vai com os nossos irmãos para descansar, em primeiro lugar. Vai dormir um pouco. Depois voltaremos a falar. É adormecido e retirado.

\*

Embora ele não nos tenha dito, supomos que a irmã que ele tanto amou

na Arábia e que mandou executar porque assim o exigia a lei do Corão, tenha sido a mulher que ele tomou para si quando da conquista do território europeu. Ali viveu por alguns anos, ao que tudo indica, na Espanha, onde os muçulmanos, então conhecidos como mouros, permaneceram largo tempo junto ao povo subjugado.

Vinha, pois, de longe o seu ódio aos cristãos. Primeiro por fanatismo, porque achava que todas as cidades do mundo tinham que “ficar voltadas para Meca”. Mais tarde, porque um cristão seduziu a sua irmã. Se esta é o mesmo espírito, teria voltado junto dele para sublimar e purificar o tipo de relacionamento que, ao tempo da conquista na vida anterior, tinha sido para ele apenas uma submissão tipo senhor/escrava e ainda mais: uma infiel, pois assim eram chamadas todas as pessoas não-muçulmanas. E são chamadas até hoje. Não é difícil perceber que o seu encantamento pela irmã, mesmo sem as tenebrosas conotações do incesto, era quase uma exaltação.

O episódio contribuiu, contudo, para consolidar o seu ódio aos cristãos, porque foi um cristão que a seduziu. Temos que entender que o contexto era realmente difícil para ele, mas é também óbvio que foi deliberadamente armado para se tentar uma solução humanizada dos seus conflitos. O seu amor por ela era tanto que ele poderia tê-la perdoado, mesmo que o sedutor fosse, como foi, um cristão. Teria também aprendido uma lição de tolerância. Mas, como ele próprio diz, havia vestido esta roupa de ser encarnado e não via mais com a necessária clareza. Afinal, ele era irmão, mas era também o vizir. Além do mais, como ignorar ou desrespeitar o Corão, que lhe cabia, mais do que qualquer outro, respeitar e fazer respeitar? O teste foi muito difícil e ele falhou.

Mais tarde, na Espanha, novo teste. Ele era agora um poderoso prelado católico e ela uma judia. Certamente que ela teria sido uma conversa ou cristã nova, pois a Igreja àquele tempo somente julgava e condenava os judeus que, uma vez convertidos, por bem ou por mal, por convicção ou por conveniência, colocavam-se sob sua jurisdição. Era um mecanismo diabólico, porque todas as dificuldades eram criadas para os judeus que desejassem continuar praticando suas crenças e ritos, uma pressão enorme

era exercida sobre eles para que se convertessem. Muitos o faziam para se verem livres dessa pressão e terem um mínimo de regalias, mas aí era pior, porque quase todos continuavam secretamente suas práticas religiosas, movidos por uma admirável fidelidade aos seus princípios tradicionais de raça e fé. As denúncias, baseadas ou não em fatos, eram constantes e, conseqüentemente, as prisões, as torturas, as confissões arrancadas a ferro e fogo e lágrimas.

É numa crise dessas que ela o procura pessoalmente para um apelo dramático, não apenas por ela, mas por tantos outros, cujo crime imperdoável estava em crer no mesmo Deus único de maneira diferente. Ele não nos contou as minúcias desse lance, mas deve ter sido um momento das mais profundas emoções, pois ali estava o ponto culminante de séculos de preparação. Aquele encontro poderia resolver-se numa libertação ou na confirmação no ódio. Quem seria aquela judia ali ajoelhada a seus pés, novamente a lhe implorar a vida? E podia ele concedê-la? Antes era o Corão que o negava. Ou fora o seu ciúme, o seu fanatismo? E agora? Não tinha que defender o Cristo? Negou-lhe de novo a vida e por isso falhou de novo. Tudo perdido. Somente no mundo espiritual, em novo encontro com ela, ficou sabendo da dura realidade de seu fracasso.

Na regressão, viu-se ainda no tempo do Cristo. A memória lhe trazia de volta a imagem de um homem bom e tranquilo, seguidor do Cristo e que o amou fraternalmente, mas ele não encontrou em si mesmo disposição e renúncia para seguir aquele “novo profeta”.

Por tudo isso, juntara-se à instituição das sombras, porque pelo menos ali continuava a combater o Cristo, infiltrando-se nas hostes que se diziam do Cristo.

## **NOTA**

### **MAOMÉ**

Impossível minimizar a influência exercida por Maomé nos rumos da história. O fundador do Islã, religião que congrega hoje milhões de seres,

especialmente entre os povos árabes, morreu em 8 de junho de 632, com 63 ou 65 anos (não há certeza quanto à data de seu nascimento).

Órfão de pai e mãe, foi criado, a princípio, pelo seu rico avô e, em seguida, por Abu-Talib, um tio pobre. Cedo começou sua existência de lutas, trabalhando nas caravanas que sustentavam o fluxo de mercadorias através do deserto. Casou-se depois, com Kadija, uma viúva rica e quarentona, quinze anos mais velha do que ele, que contava nessa época apenas 25 anos.

Embora analfabeto, segundo consta, era dotado de invulgar inteligência e capacidade de liderança. Ao que podemos hoje depreender, o Corão é obra mediúnica, recebida em transes que, na época, eram considerados verdadeiras crises místicas.

Seus primeiros seguidores – sua mulher e uns poucos parentes e amigos – constituíram pequeno grupo secreto que após algum tempo expandiu-se enormemente e acabou empenhado em sangrentas campanhas militares de conquista, tradição que se consolidou nos séculos seguintes. Cerca de um século depois da morte do profeta, o Islã dominava e ocupava militarmente uma fatia considerável do mundo, na Ásia, na África e na Europa.

Não mais à força de tropas de ocupação, mas pelo poder fantástico dos petrodólares, uma grande parte dos negócios do mundo está, hoje, sob controle de comunidades muçulmanas, localizadas principalmente na Arábia Saudita e nos diversos reinados e emirados do Golfo Pérsico, no Oriente Médio.

## 5. Ser e viver

Já disse alhures, mas não seria excessivo reiterá-lo aqui: é mais difícil a doutrinação de um espírito empenhado num caso típico de obsessão do que em tarefas de outra natureza. A obsessão tem um ingrediente de paixão e ódio, certa motivação pessoal que a nutre indefinidamente com o alimento envenenado, mas potente, do rancor. Já os demais casos são como que despersonalizados ou, pelo menos, não tão pessoais e ainda que dotados de um componente passional, a dosagem do ódio neles é menor. O caso de obsessão tem seu objeto concreto, sua finalidade específica e um alvo humano bem caracterizado e conhecido. Os demais espíritos desarmonizados lutam genericamente por uma causa mal definida, às vezes, sem visarem especificamente esta ou aquela pessoa encarnada ou desencarnada. Perderam-se pelos atalhos da vida e não conseguem mais acertar com o caminho de volta e por isso filiam-se a instituições que lhes ofereçam proteção e certa motivação para trabalharem em algo com o que possam ocupar a mente, já que o tempo de que dispõem é imensurável. Unem-se, por exemplo, para “restaurar o prestígio e o poderio da Igreja”, ou para promover a demolição das religiões em geral ou do espiritismo em particular. Ou, como certo grupo de que cuidamos, para especializarem-se em tortura e terrorismo espiritual, ou ainda, como aquele outro que apenas se dedicava à atividade jurídica, estudando processos e promovendo condenações, tudo dentro do mais cuidadoso ritual processualístico do direito terreno.

O caso daquela noite era da espécie mais virulenta – o da obsessão pessoal agravada pela condição de que era o ódio cego de uma mulher por outra – pois se muito sabe amar e até por muito amar, a mulher parece ficar mais vulnerável à terrível malignidade do rancor. E ainda outro aspecto juntava fogo à fogueira: tratava-se de um exacerbado amor maternal vilipendiado e,

em seguida, transviado e, por conseguinte, seguro da sua motivação punitiva.

Além de tudo isso, a vingadora era um espírito inteligente, que armazenara ao longo do tempo amplo e seguro estoque de argumentos – bastante sólidos e até aceitáveis alguns, ou pelo menos compreensíveis – para justificar sua desesperada ação vingadora. Não diria que foi o caso mais difícil com o qual nos foi dado trabalhar, mas foi seguramente um dos mais difíceis ante à implacável obstinação do espírito.

Como nos demais casos dessa natureza, que guardam entre si certas constantes, ela considerava líquido e certo seu direito de vingar-se; a fim de cobrar à outra as atrocidades que cometera contra ela. E, de fato, a lei assim autoriza ou permite, ainda que não o aprove, porque o que ela propõe é o perdão que liberta; punindo, com o retorno, a vingança, que acaba por transformar o carrasco em nova vítima alhures, no tempo e no espaço.

Na sua visão unilateral do problema, contudo, a nossa querida irmã não conseguia perceber – ou não queria admitir – que, da mesma forma que ela agora se vingava porque a outra errara gravemente contra ela, quando ela sofreu as aflições daqueles erros foi porque também estava aberta, exposta, aos rigores da lei por crimes anteriores que ela própria cometera, pois a lei não admite em tais casos o sofrimento inocente.

Daí a irritação e a agressividade contra nós, os que estávamos ousando interferir no seu processo de vingança, direito seu inalienável e do qual ela jamais pensara abrir mão. Mesmo na sua irritação, porém, tinha um tom frio e cerebral, como se tudo aquilo fosse um processo mecânico, no qual a emoção pouco partilhasse, o que sabíamos não ser verdadeiro.

Falava calma e pausadamente para criticar a palavra inicial do nosso orientador espiritual. Achou mesmo que ele estava “de ponta” com ela, ao entender que sua preleção tinha endereço certo e continha alusões e indiretas que a atingiram de certa forma.

– Curioso – disse-lhe o doutrinador. Eu também achei que era comigo. Você sabe que a palavra dos amigos espirituais sempre serve para todos nós, porque quase todos ainda temos certa dificuldade em entender a mensagem do Cristo.

– Eu acho que é difícil entender a mensagem do Cristo em qualquer época – retorna ela com voz sempre calma, bem estruturada e até suave. Vou dizer uma coisa para o senhor. Olha, é muito fácil falar que a gente deve perdoar, esquecer... Que a gente deve amar, deve servir...

Confessou que estava já presente quando foi lido o texto da noite, que lembrava não bastar o estudo da palavra evangélica, mas que era preciso pô-la em ação. Tudo isso estava muito bem, mas quem vive, observa e passa tanta coisa descobre como que duas realidades – uma da qual apenas falamos e outra que vivemos.

– Ou a coisa é assim – prossegue ela – ou então esse negócio de viver o Cristo ou para o Cristo... olha, não há cristão que aguento, não. Você tem que ser santo para poder conseguir. Uma pessoa comum não consegue, não. Não dá, não. Uma pessoa que tem de viver, tem de amar, que tem de fazer todas as coisas que as pessoas fazem, entende? Não dá, não... Acontecem duas coisas: ou o senhor vive, defende a sua vida, defende o seu território, defende aqueles (a quem ama), pois o predador está aí mesmo – porque o predador não tem atitude cristã... Há dois lados que questão que vocês não veem – vocês que pregam – Vocês veem um lado, só o lado de uma criatura. Agora, vocês não veem o lado da outra. Como eu estava dizendo... O predador não está tomando conhecimento do que o Cristo ensinou, ele tem só um objetivo na vida, que é predação, é entrar, é invadir, e defender o seu lado. Ele não tem atitude cristã. Ele vai e invade e o senhor que está lá dentro tem de ter atitude cristã? E fazer o quê? Abrir mais a porta e dizer para o predador: “Entre, meu irmão, e carregue”. Eu não digo que seja impossível, não. É até possível que se consiga isso, mas tem de ser uma pessoa que já se santificou. Não é mais uma criatura humana. Porque eu acho que se a criatura é humana, tem atributos humanos, então, tem de ser humano, tem de viver a vida humana. Ela não pode ser humano e viver a vida dos santos.

– Pela sua teoria, então, ninguém chegaria à santidade, não é? Não tem de começar um dia? Alguém já chegou lá; muitos chegaram. Então passaram por onde estamos hoje, não é?

– Eu não sei... Você está ali no meio do fogo, está sendo atacado e não

está vendo nada do que o Cristo disse... Acontece que você esquece de um fator: você está vivendo uma realidade.

– Mas essa realidade, quem a criou? Não fomos nós mesmos?

– Às vezes não. Muitas vezes são os outros que a criam para nós. Veja bem: uma pessoa cria uma situação. Dificulta as coisas para você, mete você lá dentro e, não satisfeita com meter você lá dentro, mete também aqueles a quem você ama.

A pior dor, para ela – e sob certo aspecto ela está certa – não é a dor do nosso ferimento, mas a dor do ferimento que atingiu aquele a quem amamos. Esta observação nos traz a revelação implícita de sua motivação principal – ela deve estar empenhada a seu modo, é claro, num obstinado processo de reparação do amor ultrajado. Seus métodos são, certamente, inadequados; seu ódio, como sempre, irracional, mas não podemos deixar de experimentar certo respeito pelas suas motivações e é aí nesse ponto sensível que temos que encontrar o caminho que nos leva ao recesso do seu coração. Só então poderemos tentar convencê-la da validade da mensagem de perdão e de amor que o Cristo nos ensinou. Mesmo porque ela não ignora a palavra de Jesus e nem mesmo a despreza. Vejamos, aliás, como ela própria coloca a questão:

– Eu há tempos deixei essas coisas de religião e de Cristo de quarentena. Não vou dizer ao senhor que deixei de crer ou não crer. Eu deixei isso ali, como a senhor deixa uma coisa de molho. Deixa a coisa ali, descansar. O senhor entende de cozinha?

– Alguma coisa...

– Há certas massas que a gente tem que fazer e deixá-las “descansar”. É o que eu faço. Estou deixando descansar. Enquanto isso, estou fazendo aquilo que, no momento, é mais urgente.

O doutrinador faz uma observação ante a qual ela se mostra ofendida.

– Mas você não é apenas uma cozinheira – diz ele.

– Claro que não. O senhor não está me achando com jeito de nenhuma débil mental!

– Sim, minha filha. Desculpe. Não estou procurando te ofender. Estou dizendo apenas que você não deve estabelecer comparações dessa maneira,

porque você avilta o assunto que expõe. Estamos falando de coisas tão sérias e você vem com receitas culinárias para mostrar que o Cristo está de lado, como um molho?

Meio desconcertada, ela diz que é apenas uma imagem e pede desculpas, ironicamente, pela pobreza da imagem que foi a única que lhe ocorreu no momento. Acrescenta que não é uma “pessoa muito intelectualizada”.

Não, você demonstrou que manipula bem as ideias, pelo menos para justificar os seus atos. É algo que todos trazemos conosco – a sabedoria de tentar justificar os atos.

– Vou lhe dizer uma coisa – diz ela –, como que a mudar de assunto. Sabe que trago em mim certa simpatia pelo senhor?

E explica, com objetividade e franqueza. Por alguns dias andou observando nosso doutrinador no seu dia a dia e viu que, no seu dizer, a situação dele não era nada fácil, em vista das suas lutas e problemas pessoais. E pensou: “Por que tenho eu que me envolver com essa criatura que já tem tantos problemas?”

A voz continua pausada, tranquila e segura. Com óbvia satisfação, fala sobre a função que exerce na instituição a que está ligada. Não é uma simples burocrata ali. Tem suas responsabilidades.

– É uma função de certo relevo, porque a minha palavra... Sou chefe da Seção de Sindicâncias. E não é um trabalho fácil, não. Porque lá tudo quanto fazemos tem de estar estritamente dentro do que os códigos legais permitem. Temos de ter muito cuidado e essa parte que dirijo é importantíssima, porque sem uma sindicância bem feita o senhor tanto pode deixar de trazer elementos vitais, como pode trazer elementos enganosos, entende? Elementos inverídicos.

– Que vão provocar um falso julgamento.

– Exatamente. E vou dizer ao senhor: desde que estou exercendo essa função (sem aqui nenhum desdouro para meus companheiros e nem autoelogio, mas...), até hoje só em um caso houve engano numa sindicância. Aliás, não foi bem um engano, no sentido de colher informações erradas, enganosas, inverídicas.

– Resultou em prejuízo para alguém?

– Não. Vimos em tempo e o único problema é que o caso teve de ficar pendente, porque sem os elementos essenciais...

Depois descobrimos a razão dessa falha. A criatura em questão estava sob... digamos assim – O senhor conhece uma expressão legal *en parole*? – (Sob palavra, liberdade condicional). Então... Essa pessoa, apesar de estar comprometida, estava *en parole* e por isso tinha um elemento de cobertura e digamos... não sei se o senhor conhece... Tem uma pessoa que a acompanha, que a vigia à distância, observa... Foi isso que nos impediu... E tínhamos um cliente que...

– Cliente?

– Sim, cliente é aquele que chegou ao Tribunal solicitando a abertura do processo. Tivemos de dizer que no momento não era possível. O que podíamos fazer era colocar um acompanhante com aquela criatura, para observá-la e, ao menor deslize, então, sim...

Estava contando aquilo, acrescentou, apenas para que compreendêssemos o grau de importância da sua função na instituição jurídica à qual servia.

Não sei se ficou bem claro o mecanismo ao leitor, por causa das suas reticências e subentendidos. Em suma, a história é a seguinte: alguém foi solicitar a abertura de um processo contra certo adversário encarnado. Embora a inevitável “sindicância” não o tenha revelado com clareza, a vítima em potencial estava sob os cuidados de alguém que conseguira para ela uma trégua, uma espécie de crédito de confiança. Se ela demonstrasse condições positivas de autocorreção, estaria no bom caminho e, de certa forma, a salvo de complicações e perseguições; mas, como acentuou a nossa irmã, ao menor deslize, “eles” poderiam entrar em ação. Lamentavelmente, portanto, não podiam atender àquele “cliente” que, não obstante, não deveria perder as “esperanças”, porque uma espécie de “olheiro” seria posto a “trabalhar” junto da cobiçada vítima para aproveitar-se de qualquer descuido.

Esse era, portanto, o seu trabalho. E a posição de destaque lhe fora concedida, porque lhe fora prometido que a justiça se faria no seu caso pessoal. Por isso não podia falhar.

– Há pessoas ligadas a mim por profundo amor. Pessoas essas que foram

lesadas. Só que antes de tratar do meu próprio caso, eu teria de dar provas de fidelidade e trabalho desinteressado, ajudando outros. E vou dizer ao senhor, foi um período muito bom, porque vendo os casos dos outros, fui mais me convencendo da justeza da minha posição, do meu desejo de fazer justiça; de exigir que se fizesse justiça.

Achava ela que tínhamos um serviço semelhante ao deles, com fichários, sindicâncias e tudo o mais para *defender* certas pessoas, que se consideram prejudicadas em seus interesses particulares “por nós”, “os chamados desencarnados”.

Faz uma pausa, respira e prossegue:

– Não quero vingança; quero que se faça justiça. (Pausa). Eu... sou mãe... Ia dizer fui mãe, mas acho que a gente quando é mãe, é mãe sempre.

– É verdade.

– Eu sou mãe. E por mais de uma vez eu vi o fruto de minhas entranhas, aquele filho que carreguei nove meses no meu ventre; que amei antes mesmo de nascido, de saber o que ele seria; aquele filho para o qual eu preparei tudo com tanto amor, com tanto carinho; aquele filho que, quando nasceu, foi o sol da minha vida, foi a luz... Olha, o senhor não pode entender... E este filho meu – isto foi uma vida na França – ele conheceu determinada moça; moça esta que vivia na corte, e que envolveu meu filho de tal maneira – atendendo a interesses particulares dela – usou meu filho; usou-o de tal forma que ele foi acusado de traição, foi torturado; torturado de uma maneira que o senhor nem queira saber... Meu Deus do céu! Eu mobilizei as forças de que dispunha – políticas, de palácio... enfim, tudo, porque eu era uma viúva, mas titulada! E vou dizer ao senhor: me dói tanto quando falo sobre isso... Vi chegar meu filho... Era um rapaz lindo, muito belo, másculo... E sabe o que os selvagens fizeram com ele? Ele foi mutilado. Entende o que quero dizer? Consegui levá-lo para casa, para o nosso burgo.

– Tirou-o da prisão?

– Tiramos. Eu e o padrinho dele. Mas ele, quando estava convalescendo – porque quando o levamos estava semimorto; conseguimos médicos para tratar dele; quando conseguimos... ele estava se restabelecendo – percebeu-se da sua situação. Matou-se! Matou-se! Eu nunca aceitei essa criatura que

o matou. E não foi só aí. Ela o matou mais de uma vez. E o pior é que, na época eu era muito católica; eu não sabia dessas coisas. Eu sabia é que aquele que se suicidava ia para o inferno e fiquei desesperada e me matei também. Porque eu dizia assim: “Já que meu filho foi para o inferno, eu me mato também, porque assim vou para o inferno com ele. Lá, pelo menos, posso ajudá-lo”. E vou dizer ao senhor: nenhum inferno pintado por nenhum sacerdote se equivale ao que nós passamos. Eu preferia mil vezes que houvesse diabos com as suas caldeiras ferventes, com as chamas, onde lançassem a gente. Pior! Por aí... Ora, afinal, por que estou aqui me confessando?

– Não, minha irmã. Você está relatando a história da sua dor, e nós partilhamos dessa dor com você. Recebemos o impacto da sua aflição, da sua angústia, com muito respeito, com muito carinho, com muita compreensão.

– Agradeço a sua solidariedade, mas já passei dessa fase de sofrer, de me emocionar. Hoje posso falar disso com frieza. Em mais de uma vida essa mulher me prejudicou “em pessoas” a quem amei. Eu a catei em outras vidas, mas ela me escapou em várias. E agora, *eu quero* que ela se mate. Porque não estarei – nem eu nem meu filho estaremos – não é bem vingados; é reparados. Reparados – se ela não passar por isso... E por pior que ela tenha passado, ela não passou por aquele inferno que passam os que se matam.

– É isso, então, que você está procurando lá...

– Estou. E ponho na cabeça dela que a melhor coisa para ela, para fugir das agonias, das dores, ela tem que se matar, porque assim vai para um lugar de paz. O senhor vai dizer que isto é um trabalho demoníaco. É. Eu até aceito que é! Mas é uma coisa que vou fazer, e vou continuar fazendo. Que eu faço com frieza. Não tenho pena da mãe dela, não. Porque ela também é uma boa bisca. Não tenho pena de ninguém, de nenhum familiar, porque também sou familiar. Eu sou mãe! Estão sofrendo muito menos do que eu sofri. Eu vou lhe dizer... Os processos que há contra ela! Esse não é o único. Digo-lhe então: mesmo que o senhor utilize dos seus sortilégios, que até anule minha atuação, o senhor não vai anular todo o mecanismo que está

montado através da nossa associação. Se eu não voltar hoje para lá, amanhã haverá alguém do Departamento de Sindicância e terá tudo – o fichário, os processos encaminhados... Porque, às vezes, os processos vêm a mim com exigências para que eu atenda, compreende? Se eu não estiver lá amanhã, outros estarão e o trabalho continuará a ser feito, porque quando eles assumem um compromisso conosco, uma das cláusulas dos documentos que assinamos reza o seguinte: mesmo que eu, solicitante, amanhã – preste bem atenção – mesmo que eu, solicitante, em futuro, me sinta perturbado e venha a pedir que se revogue o pedido – quer dizer, que não seja mais atendido – que eu seja considerado como estando em período de alienação, porque é preciso que a justiça não seja embargada por nenhum artifício. Sabemos que os homens têm múltiplos artifícios. Claro. Todos fomos criaturas que conhecemos os artifícios.

– Mas os espíritos também não têm seus artifícios? Os homens não são espíritos?

– Entenda como quiser. Não quero levantar a questão para o senhor. O senhor está percebendo. Não quero levantar questão, não quero entrar em atrito. Só quero que o senhor saiba porque as coisas estão sendo feitas. Para que o senhor não fique só com a ideia na sua cabeça de que Fulaninha, pobrezinha, infeliz, coitadinha, está sofrendo assim, assim, assim... Que é preciso que se perdoe. Muito bem. Perdoa-se. E quem repara a falta daquele que sofreu? Me diga isso agora. Me diga! Me dê uma solução. Está certo que se perdoe. E fica por isso mesmo? Então a criatura sai feliz, perdoadinha e vai viver a sua boa vida? E o outro que sofreu, que se matou, que se massacrrou? Ah, não... Por isso é que digo ao senhor que deixo as coisas de religião de quarentena, porque não quero me envolver neste assunto. Tenho um objetivo na minha vida; quero cumprir esse objetivo e não adianta o senhor dizer para mim: “E os seus amores?” Eu sei que estou separada. Já ouvi apelos de meus amores que foram à frente. Mas eu digo para eles: “Tudo muito bem; eu amo vocês, mas só vou para lá depois que tiver cumprido essa tarefa que me atribuí”.

Só a esta altura do diálogo realmente começa a exaltar-se, a falar em voz alta e a marcar o ritmo agoniado das frases com pequenas pancadas da mão

sobre a mesa.

– No dia em que eu cumprir essa tarefa, no dia em que eu sentir que meu filho foi reparado, eu vou. O filho que eu perdi... perdi de todas as maneiras que uma mãe pode perder um filho. Um filho pode ser o pior criminoso, um cão danado, sarnento, hidrófobo, que para a mãe ele é seu filho e aquele que lhe der o tiro de misericórdia, que lhe der a bala para matar a sua enfermidade, é um inimigo para a sua mãe, porque para ela ele será sempre o assassino de seu filho.

Já agora está completamente fora de seu controle habitual.

– Mesmo que fosse um cão danado, ele era seu filho! E ninguém tinha o direito de matá-lo. Só Deus teria o direito de matá-lo.

– Sim, mas então você está se arvorando em Deus, porque você quer matar a outra.

– Não, não quero matar. Quero que ela se mate... E meu filho, quando se matou, não foi ela que o induziu? Foi. Foi, sim. O senhor não é mãe. Os homens são feitos de um material diferente. O senhor vai dizer que os homens amam. Amam sim, mas amam mais com o cérebro do que com a emoção.

Começam, neste ponto a surgir vagos sinais de esperança. Em primeiro lugar, na manifestação aberta, afinal, das suas próprias emoções, em vez da calculada frieza de antes. Em segundo lugar, porque já podemos ver que, a despeito de ter afirmado que para ela a religião está “de quarentena”, ela acha que só Deus pode tirar a vida de alguém. A dificuldade maior com esta querida irmã está em que sua fixação no filho é mais paixão possessiva do que amor. Não há dúvida, porém, de que, a despeito da contaminação pelos rubros tons da paixão e do rancor, o sentimento do amor está ali, vivo e presente. Como purificá-lo para que ela o veja em toda a sua singela grandeza, como amor e não como paixão? Como subtraí-la ao círculo vicioso da vingança que nunca satisfaz e que nos arrasta à dor nova, da qual já poderíamos estar livres pela aceitação da dor antiga?

O doutrinador vale-se da oportunidade oferecida para uma pergunta:

– E por falar nisso: seu filho é um homem também. Como é que ele encara tudo isso? Ele está sabendo do que você está fazendo?

– Mesmo que meu filho chegasse para mim e dissesse: “Mamãe, perdoa!”, eu não perdoaria.

– Mas você sabe dele?

– Não sei. Não sei dele, porque só quero encontrar-me com ele no dia em que eu senti-lo reparado.

– Está bem. Me dá licença de falar um pouco. Em primeiro lugar, meus respeitos pela sua consciência de mãe. (Ela tenta desconversar, mas ele insiste). Mas você está cumprindo uma tarefa sem cogitar de saber qual é a opinião dele. E uma tarefa *em nome dele*.

– Não é em nome dele, não. Eu, a mãe, vou ser a campeã de meu filho. Defensora de meu filho. Eu vou sair em campo contra todo um exército, contra todos os executores, contra todos os carrascos. Eu vou sair e vou defendê-lo, com as minhas mãos, com a minha vida! Foi a isso que eu me propus. Me ponho na frente para receber tudo.

Voltou à exaltação, em altas vozes. O doutrinador mantém-se calmo e lembra:

– Imagine se Maria tomasse a seu cargo a tarefa de vingar-se de todos aqueles que fizeram sofrer a seu filho. Quantos processos, quantas sindicâncias, quantas condenações... O argumento parece causar-lhe alguma impressão.

– Não, não. Você não pode misturar duas coisas que são totalmente diferentes.

– Não são duas mães?

– Mas... Mas... Espera aí! Não põe Nossa Senhora nisso, por favor! Eu tenho muito respeito pela Virgem. Não traz a Virgem para isso, não. Quando ela recebeu Jesus já sabia que ele vinha para ser mártir, vinha para redimir o mundo. Meu filho veio para me dar vida, me dar razão de viver, para trazer luz para minha vida, dar sol. Eu era uma mulher solitária; sofri muito... Tive um esposo boníssimo, que eu amei e perdi antes que meu filho tivesse nascido. O senhor compreende, então, o que esse filho era para mim? Era a única coisa que eu tinha daquele marido, o homem que eu amei mais do que tudo. Que era bom para mim, que me amava. A única coisa com que fiquei, além do dinheiro. Mas que são as coisas materiais? Nada! E

esse meu filho, fizeram isso dele!

Como se observa a fixação no filho é obsessiva, de um exclusivismo obstinado, mas não menos digno de respeito e compreensão. Quanto ao marido, diz não tê-lo visto nunca mais no mundo espiritual. “Por que tanta crueldade?” – pergunta-se ela. O filho era bom, embora reconheça que para as mães os filhos são sempre bons. Quando, porém, o doutrinador lhe pergunta se ela acredita que o filho haja sofrido inocentemente, ela resolve tomar a iniciativa de trazer o Cristo à conversa, o que não era de sua intenção. Teria o Cristo sofrido inocentemente? Claro que sim, é a resposta, mas ela não está pronta para admiti-lo. Se podemos compará-la à Senhora, por que não podemos comparar o Cristo com seu filho? Sem dúvida alguma, o sofrimento imposto a ela e ao filho – lembra o doutrinador – resultou de um desrespeito anterior à lei divina, pois “a lei só pode punir aquele que errou”. Ela responde prontamente:

– Então vamos punir a criatura que errou, ora essa!

– E quando você foi punida?

– Eu fui punida! Eu fui vítima de traições, de tudo...

– Mas a vítima não está à mercê da lei?

Isso ela não pode negar e sai com um comentário:

– O senhor já começa com a sua famosa dialética! E muda logo de assunto, declarando que tinha condições para resolver certos problemas pessoais do doutrinador, “de graça”, diz ela, mesmo que este não formalizasse sua queixa perante o Tribunal, onde ela exerce tão destacada função. Faz uma pausa e prossegue:

– Mas cheguei à conclusão de que o senhor é uma pessoa da qual a gente tem que desconfiar muito, porque o senhor, diante de um quadro desses, não tem a menor atitude... digamos... de... de... autoridade! Como é que o senhor quer ter autoridade para dizer para mim: “Não faz isso! Não cobre!”

– Minha filha, eu disse que você não deve cobrar ou que não deve fazer ou deixar de fazer? Estou exercendo alguma autoridade sobre você? Estamos discutindo problemas que nos são comuns. Não estou defendendo ninguém, nem acusando ninguém.

Não é difícil entender a razão de suas observações. É que, perante certos

problemas humanos que o doutrinador poderia tomar providências mais enérgicas, de reação, de revide, de vingança, enfim, ele prefere assumir uma atitude de aceitação mais ou menos complacente que para ela cheira a covardia, mas que, no fundo, no fundo mesmo, ela saiba que é uma atitude de coragem, no esforço de viver a sabedoria do Cristo, ainda que tão rudimentar e precariamente. É isso, enfim, que a faz questionar-se, como se perguntasse a si mesma: “Por que razão ele não reage, não toma uma providência, não procura dominar a situação de qualquer maneira e a qualquer custo? Quer dizer que há gente que não se vinga?” É claro, porém, que tais perguntas – se é que existem mesmo nela – ela não as verbaliza ou talvez nem as formule assim nítidas e objetivas, mas parece senti-las.

Ocorre aqui um pequenino e quase despercebido incidente. O doutrinador pergunta-lhe o nome e ela, como era de esperar-se, recusa-se a dizê-lo.

– Que diferença faz? Chame-me de irmã mesmo, que já é muito.

O doutrinador prossegue, voltando ao tema do sofrimento inocente e depois de falar longamente sobre o assunto, ela se desculpa:

– Sabe que o senhor estava falando e eu não estava prestando atenção? O senhor foi me perguntar pelo meu nome e fiquei pensando nisso, e uma coisa puxou outra, e eu nem prestei atenção. O senhor me desculpe.

Começa a ficar mais razoável, pois, afinal de contas, é uma mulher educada.

– Mas, no que você estava pensando? Isso é muito mais importante do que aquilo que tenho a dizer. Você voltou à França?

– Não; voltei antes da França. Estava pensando no quanto a vida da gente... O senhor nunca pensou assim: “Ah! Se eu nunca tivesse feito isso, minha vida nunca teria sido assim”?

– Pensei, sim. Acho isso mesmo.

– Pois é; o senhor agora aí perguntou meu nome. Meu nome é Angelina. Angelina Massini. E agora eu me pergunto: se eu nunca houvesse saído da Itália, da minha cidade, para ir para aquele outro mundo que eu nem conhecida – se bem que quando se casa com um homem você vai para onde ele te leva – quem sabe, talvez, minha vida tivesse sido totalmente diferente? Nada disso teria me acontecido. Eu estaria lá, como uma boa

matrona; teria

ficado lá, velha, gorda, como toda boa matrona italiana, com meu *signore e mi bambini*... E não tinha acontecido nada!

– Não, minha filha. Deixa eu te lembrar uma coisa. O que aconteceu com você não foi por acaso, minha querida. O espírito de seu filho já tinha uma ligação com o seu, quando nasceu lá na França... Você disse que ele é fruto das suas entranhas, mas você forneceu a ele apenas o corpo físico. Ele já era um espírito preexistente, como você também era e continua sendo um espírito imortal. Portanto, vocês têm um passado, tanto você quanto ele. E agora, envolvida como está, neste processo que você chama de justiça...

Pela primeira vez em nosso diálogo ela ouve em silêncio, mas vê-se que está presa a uma ideia dominante que reitera:

– É uma pena você não poder voltar para trás... para trás... e deixar que uma coisa que aconteceu... desaconteça. Sabe que seria tão bom! Se conseguíssemos fazer desacontecer!

– Isso mesmo. É verdade. Compreendo perfeitamente.

– A gente voltar e dizer: não aconteceu nada; e começar tudo de novo. Não saí com meu marido, meu filho nasceu aqui...

– Mas, veja bem, Angelina. Suponhamos que você agora consiga que esta moça se suicide...

A essa altura, porém, ela vai mergulhando nas memórias daquela vida na Itália, quando o pai dizia: Angelina, tenha um filho *maschio*...

– Sabe que italiano tem que ter neto *maschio*... Para ele, neto tem que ser homem! Nasceu um filho másculo, para acabar assim como acabou.

– Seu pai conheceu o seu filho?

– Conheceu, sim. Nós fomos à Itália. Eu tinha dinheiro. Quando o doutrinador lhe pergunta em que cidade ela vivia como solteira, ela comenta:

– É melhor não voltar. O senhor não vê que com a menor volta atrás, de repente, a gente volta, vê tudo, e lamenta tanto não poder parar o tempo; não poder desfazer as coisas feitas!

– Digamos, porém, sugere o doutrinador, que daqui a muitos anos, após haver induzido a moça ao suicídio, ela venha a pensar a mesma coisa: parar

o tempo, desfazer o que foi feito, desacontecer o acontecido.

Pois, ao fazer isso, minha filha, você se envolve novamente em outro processo. E amanhã a moça pode ir à organização em que você está e abrir um processo contra você, pois você está ignorando tudo o que passou para trás.

Sua lógica, contudo, é unilateral – só vale o argumento da culpa para a outra, para ela não; mesmo porque, a seu ver, ela não “está fazendo nada”; está *apenas* “exigindo a reparação de um mal”.

Ela interrompe a veemência do diálogo para dizer que o doutrinador está fazendo com que ela se emocione e emoção “não se mistura com essas coisas”. O certo, porém, é que ela sente os primeiros sintomas de um vago fraquejar. E fica a repetir que não pode “abrir mão” daquilo, mesmo porque a moça não deve somente a ela, mas a muitos. Ademais, a posição dela é semelhante à de uma galinha que defende a sua ninhada do ataque do predador. Ainda que morra, ela luta, pois isso é do instinto maternal.

O doutrinador lembra, então, a mãe da outra, que tem o direito de fazer o mesmo, mas isso não parece impressioná-la muito, porque a mãe da moça, no seu dizer, “não tem muito cartaz”, ou seja, também está envolvida em complicações cármicas. É certo, porém, e ela o admite, que ao tentar defender seu filho como uma leoa e até matar-se por ele para ajudá-lo no “inferno”, ela se complicou ainda mais e não conseguiu ajudá-lo em coisa alguma. Daí é que ela concluiu que as leis de Deus são uma terrível complicação. É cômodo culpar a lei quando as coisas se recusam a sair do jeito que a gente acha que devam sair. E de nada adiantaram as missas, a água benta, nada.

\*

O debate prossegue, girando em torno dos múltiplos aspectos do mesmo tema básico da culpa e da conseqüente dor e é evidente que ela começa a ficar algo impressionada, embora não o admita especificamente. Confessa, porém, que o doutrinador tem uma estranha linguagem, difícil de ser entendida por pessoas em situação como a que ela se encontra. Indício,

esse, de que ela começa a repensar as coisas. Depois de uma pausa, volta ao seu relato:

– Depois que fui à procura de meu filho naquele inferno, eu o encontrei lá... Só que ele continuava com as mesmas coisas, com tudo que ele tinha sofrido. Houve uma vez que disseram para mim que eu tinha uma maneira de ajudar meu filho. A única maneira: ele teria de voltar, em outra vida... aí... eu disse que estava bem, se era para o bem dele. Até o momento em que eu soube que ela seria a mãe dele. Aí eu fiquei... o senhor pode imaginar como é que eu fiquei. E disse: “Como é que vou botar meu filho nas mãos dessa celerada?” Disseram que não, e me convenceram. Tiraram a gente de lá e tal... Isso foi há muito tempo.

– Mas ele estava com muito ódio?

– Meu filho estava mais enlouquecido do que com ódio.

– Continue, por favor.

– Aí, prepararam tudo, me levaram lá no lugar e me mostraram. E me disseram: “Olha! é até um lugar parecido com aquele onde você viveu aquela vida na Itália – meu filho não viveu na Itália – uma vida de campo, uma vida simples... Eu fui lá e tive de vencer... Quando eu olhava para ela tudo me subia, assim, por dentro de mim, mas eu fiz um esforço terrível para aceitá-la. Foi tudo preparado. Só que ela matou de novo meu filho antes que ele nascesse! (Aborto). Nem permitiu. Bem, aí virou tudo de novo, complicou tudo, porque eu estava vendo meu filho ser morto outra vez. E aí eu já estava convencida de que aquela vida ia ser contra ele... A gente que é mãe pode ser esfolada que não se importa; o que a gente quer é que o filho esteja melhor. Eu já estava querendo que ele viesse, querendo gostar dela, compreende? Porque meu filho estava muito ferido, sabe? Aquela mutilação... E me disseram que se ele fosse viver outra vez aquilo tudo passava. Quando voltasse estaria perfeito.

– Você aceitou o sacrifício de confiar o espírito dele a ela. Isso demonstra que você...

Ela interrompe para dizer:

– O senhor vai dizer que isso até parece romance de folhetim. Mas é fato. É um fato da minha vida que estou lhe contando. Da minha vida!

Aconteceu comigo.

– E ela estava casada?

– Estava casada, e tinha dinheiro, tinha tudo. Ela só não queria a gravidez porque era bonita, porque queria viver nos bailes e não queria um filho... Então, sr. advogado, me diga o que o senhor tem em defesa dessa criatura.

– Mas eu não sou advogado, minha filha.

– Queria que o senhor fosse mãe, não um homem. Pergunte às mães, pergunte a essa aí (aponta a uma de nossas companheiras)...

– Não, minha filha. Não estou pondo em dúvida o seu sofrimento...

– É, talvez. Já me disseram: “Angelina você enlouqueceu o amor. É tão pior o amor que se transforma em ódio; é pior do que o desamor, Angelina, pior do que o ódio gratuito, porque é ódio com força! É ódio que tem a força do amor enlouquecido...” É possível que isso tudo seja verdade, não é?

Faz uma pausa e pergunta, afinal:

– Mas o que eu faço? Me diga. O senhor quer que eu perdoe, não é?

Ela ignora os protestos do doutrinador, pois não é isso especificamente que ele está tentando conseguir dela, mas que ela aceite a sua responsabilidade de faltas anteriores que explicam seu sofrimento como mãe. E prossegue:

– Mas por que então, senhor, quando chegou a minha hora de sofrer, por que eu não fui perdoada? Por que meu filho não foi poupado? E quando chega a minha vez eu terei que poupar? É justo isso?

– Escute, minha querida. Deus não precisa de vingadores para que a lei se cumpra. O fato de você vingar-se ou não um nada altera as leis divinas. Ele não precisa de sua ação junto “dela”. Ela vai responder pelos seus erros onde quer que esteja; um dia, hoje, amanhã, daqui a duzentos anos, mil anos, ela continuará respondendo pelas suas faltas. Agora, sempre que a gente recebe a correção e se revolta contra ela e sai para uma nova vingança, a falta contínua em nós.

– Não sei por que o senhor está me provocando tantas lembranças. Eu não queria pensar nisso. Estou vendo tudo tão nítido agora...! O dia do batizado... Eu fiz com as minhas mãos uma camisola toda branca, linda, sabe? Comprida, cheia de fitas e rendas... E na hora de consagrar meu filho eu o entreguei ao padrinho. O senhor sabe que é importante para nós o

padrinho – principalmente meu filho que não tinha pai – para que o padrinho fosse um pai para ele. E aquilo foi tão bonito, meu Deus! Com toda a minha dor ali, de estar sem meu marido e estar de luto, eu fui feliz, com meu filho nos braços... E alguém vem com um gesto de pura maldade e acaba com tudo isso... Todos os sonhos de uma pessoa! O senhor está fazendo com que as lágrimas escorram pelos meus olhos. Há muito tempo que eu não via lágrimas correndo pelos meus olhos. Às vezes eu acho que ela é uma desgraçada.

– Claro que é. Como você foi também no passado. Por que ela se expôs a uma situação dessas? Porque errou gravemente contra você.

– De certa forma ela está pagando, porque meu filho ficou alienado muito tempo e ela também está alienada.

– Isso mostra ainda, minha querida irmã, outro aspecto que é muito importante que você considere. Com todo o amor pelo seu filho, você sabe que ele também era um espírito comprometido perante a lei, senão ele não teria sofrido o que sofreu. Você não acha isso?

– Ora, meu senhor, aquele entezinho inocente, recebido em meus braços... ?

– Aquele ente inocente que você recebia nos braços era um espírito que vinha de outras vidas, como você veio também. Sabe lá o que ele andou fazendo? O que você andou fazendo? Que foi que vocês fizeram que resultou em toda essa catástrofe?

– Eu não quero saber. Pelo menos por agora... Mesmo que eu saiba que a minha dor não foi inocente. ... O senhor não entende? Eu já considerei isso; mas isso não apaga a mágoa que eu tenho. E nem me faz mudar de atitude. Outras pessoas já tentaram... Não aqui. Eu digo pessoas amigas minhas, lá...

O doutrinador resolve explorar outro aspecto:

– Eu pensei que o amor pelo seu filho fosse suficiente para dominar esse ódio. Então seu ódio é maior do que o amor. Você não gosta tanto do seu filho como eu pensava.

– É claro que gosto – reafirma ela.

– Não. Você está dominada pelo ódio; o amor não interessa. Você não quer saber nem onde ele está! Você não gostaria de cuidar dele ainda?

– É, mas desde aquele dia em que ele ia voltar e ela fez aquilo com ele, aí ele me escapou, sabe?

– Então ele teve duas existências em que foi excluído da carne, não é? Alguma responsabilidade ele tem perante as leis. Não é verdade? Ou então, a justiça de Deus seria falha, o que não é.

– Acho que ele está melhor. Sinto que ele está melhor.

– Ele não pode estar melhor vendo você nessa angústia. Você esqueceu o amor por ele para dedicar-se apenas ao ódio. Agora o que interessa para você é o ódio. O amor que espere; seu filho, que fique por lá; ele que se arranje... Nem é mais seu filho, porque você agora está voltada para outra pessoa.

– Que é isso?

– É, minha filha. Qual o interesse que você tem por ele? Você está interessada é na outra.

– O senhor não sabe o que está dizendo – diz ela sem convicção. Eu sei que ele está bem, porque quando aconteceu isso, eu sei que a madrinha dele... que foi a madrinha que conseguiu aquela oportunidade para ele. Eu sei que ele deve estar com ela. E deve estar bem. Por isso não me preocupo tanto.

– Sim, mas não pode estar feliz. O tempo que você está perdendo aí em se vingar poderia estar com ele, cuidando de outras coisas, dos seus problemas pessoais, dos seus planos futuros.

– E o mal feito? Fica assim?

– É por isso que digo que você desrespeita a figura de Deus. Você quer agir como Deus. Você acha que é Deus, e que tem de cumprir a lei divina com as suas mãos.

Ela faz uma pausa, suspira e se mostra algo abalada, mas ainda insiste no seu ponto de vista de que a justiça divina parece mesmo desatenta ante o número enorme de pessoas que recorrem à instituição, à qual ela serve para promover processos de cobrança. E começa a ficar confusa, pois não há como recusar o fato de que ela também sofreu porque devia.

– Sei lá... Vou dizer ao senhor. Confesso que, às vezes, me sinto um pouco cansada disso tudo...

Bom sinal. Começa a pensar, a questionar-se, a examinar aspectos que antes não faziam sentido ou nem solicitavam sua atenção. Longas pausas e silêncios.

– Acho que não valeu a pena, não é, irmã? Esse tempo todo andando em círculo, só vingando, só na esperança de matar alguém... Tanta coisa para construir e você ainda empenhada em destruir, em vingar-se, em odiar... Tantas pessoas que te amam e te aguardam. Você não tem nem notícia de seu marido, do seu filho... E, no entanto, está aí, presa nesse caso, a uma organização criada para a vingança...

– Eles lá não são maus, não. E não são só casos pessoais, não. Não pensa o senhor. Há pessoas lá que estão comprometidas com grupos inteiros que desencaminharam em termos de religião, de filosofias... Tudo tem processo lá. Tem uma porção desses espíritas aí – com os quais o senhor se dá tão bem, pois o senhor também é espírita – com processos lá, porque desencaminharam pessoas...

– Por quê? Porque erraram, não é?

– Porque... Não sei, não. É um negócio...

Antes de falar a seguir, ela reluta, pois tem receio de que sua palavra seja considerada desrespeitosa a Deus. O doutrinador observa que podemos e devemos falar com respeito acerca das leis divinas. Ela admite, então, que a lei pode estar certa, mas a justiça tarda e “a gente fica impaciente”... Daí forçar a cobrança.

– E quando a gente erra, a gente quer logo a cobrança também?

Ela faz uma longa pausa, suspira e diz uma frase muito profunda no seu conteúdo filosófico:

– É tão difícil *ser*... O senhor entende o que eu digo? É mais difícil do que *viver*.

– Nós *somos*. Não adianta você querer mudar isso.

– Viver é mais fácil. O senhor vive mal ou vive bem. Uma vida rica ou uma vida pobre, mas *ser*... O senhor tem que suportar no íntimo de si mesmo... Não sei... É uma coisa complicada.

E novamente retornamos ao tema obsessivo da culpa.

– Minha filha, você não pode negar a existência de Deus, você tem em si

mesma a centelha divina, você não poderia existir se Deus não estivesse no seu espírito, na sua consciência. As leis divinas se cumprem a despeito de nós mesmos. Não precisamos ajudá-lo a governar o mundo, corrigir as faltas alheias. Elas se corrigem no contexto das leis e dos tempos. Quando a gente passa por um resgate doloroso como o que você teve na França – que foi horrível... Estou tentando me colocar na sua posição de mãe, de esposa...

– Será que o senhor consegue?

– Sim, minha filha. Você não consegue colocar-se na minha posição de pai, de esposo, de ser humano, enfim? Não consegue entender os meus problemas? Por que não posso entender os seus?

– Não estou me colocando na sua posição. Estou vendo, observando. É diferente.

– Claro, minha filha. Estou “vendo” o que você está me contando. Aceito o seu depoimento como legítimo, compreendo as suas dores, mas preciso, por favor, que você entenda o que quero dizer. É que um dia chegou uma cobrança para você. Chegou aquele momento em que você diz que a lei divina deve atuar. Você acabou de dizer isso. Disse até que, às vezes, ela tarda. Chegou a cobrança e você pagou. Depois você se revoltou porque veio a cobrança!

– Mas como? Se eu era boa. Em termos humanos, eu era boa... Não prejudicava ninguém. Eu era religiosa, cumpria todas aquelas normas que a Igreja mandava...

– Sim. Você está falando de uma vida. E o passado? Você foi boa no passado? Sempre foi boa? (Silêncio). É preciso pensar nisso, minha querida. Nós somos aquele passado. Essa irmã que está devendo perante você agora, o que foi que lhe aconteceu? Um passado de erros. De crimes, de aflições que ela provocou nos outros. O que estou pedindo a você não é que perdoe, que você seja poupada ou que seja inocente. Ninguém aqui está em julgamento. Isto aqui não é um tribunal. Estamos fazendo um apelo a você para que considere *todos* os aspectos da questão. Não apenas a sua vida como Angelina Massini. Antes de ser Angelina você foi outras personalidades, teve outras vidas. O seu filho, antes de ser seu filho, existiu também em inúmeras outras vidas. Ele tem também culpas, tem um carma

muito difícil, muito doloroso, pois em duas vidas ele foi rejeitado.

Evidentemente, ela começa a pensar...

\*

A querida Angelina tornou-se mais descontraída nos minutos finais de sua entrevista com o nosso doutrinador. Confessou-lhe até que sentia a autenticidade da ternura dele por ela e mais: que isso parecia fazer vibrar alguma corda secreta de seu coração, pois tinha a impressão de que o conhecia de antiga existência, na qual ele teria sido um confessor ou confidente dela, a quem ela ouvia com respeito e carinho.

Voltou na semana seguinte, totalmente desarvorada. Chorava tanto que custou a acalmar-se para conseguir falar coerentemente. Estava não apenas arrasada, mas também decepcionada consigo mesma e aturdida ante a realidade que, afinal, começava a enfrentar. Fora uma semana dramática para ela. Estivera com antigos companheiros espirituais que a trataram com afeição profunda: seu antigo marido e aquela a quem ela chamava de madrinha de seu filho. Explicou-nos o marido, depois, que infelizmente a nossa querida usara o amor materno como arma e não como recurso aperfeiçoador e evolutivo. Tinha um compromisso muito sério com a maternidade e por isso fora planejada aquela vida na Itália e depois na França, durante a qual ela ficaria, sim, sozinha com o filho, mas bem posicionada econômica e socialmente, a fim de enfrentar com dignidade as lutas que lhe estavam reservadas. Seu fracasso foi desastroso, como vimos.

Quanto ao filho, está novamente reencarnado, desta vez na Itália, e empenhado em aprendizado para desenvolver tarefas no setor das práticas espíritas. Tanto quanto possível, está bem e amparado por amigos espirituais que o ajudam na sua recuperação.

Ela, porém, não tivera ainda acesso a ele. Estava bem consciente de que precisava como que reaprender as sublimes tarefas da maternidade, para então poder habilitar-se a ter seus próprios filhos e criá-los da maneira correta. Para isso, estava sendo encaminhada a uma organização, onde trabalharia cuidando de crianças.

E outra coisa: tivera conhecimento também das razões pelas quais sofrera tão terrivelmente na França. Visitou-nos ainda uma vez, na semana seguinte para marcar com as suas lágrimas e a sua ternura a gratidão que sentia por nós, que tanto teimáramos em ajudá-la. Estava longe, muito longe, daquela fria vingadora que nos falava com voz pausada e estudada, em nosso primeiro encontro. Reconciliara-se com a vida e, principalmente, consigo mesma.

Gostaria de poder reproduzir aqui, com as minúcias devidas, os seus dois relatos; suponho, contudo, que não era mesmo para fazê-lo, de vez que, da primeira vez, desligamos deliberadamente o gravador, pois nos pareceu uma profanação gravar mecanicamente aquele dramático *mea culpa*, em que todo o seu coração agoniado deixou vazar suas dores numa catarse comovente. Da segunda vez, quando mais tranquila e já em condições de avaliar com relativa serenidade a sua posição e seus anseios, por uma razão qualquer que não percebemos, nosso gravador simplesmente não funcionou...

E foi assim que resgatamos e acolhemos a nossa querida Angelina Massini, e que abrimos as portas de nosso coração a ela e demos com ela os primeiros passos na trilha da recuperação. Mais uma amiga que descobrimos no mundo espiritual, sofrida, perdida pelos atalhos, pensando que o ódio haveria de curar as suas dores, e que, no entanto, trazia em si um tesouro inestimável de ternura.

Onde estará hoje a querida amiga? Não saberíamos dizê-lo; mas, certamente sua lembrança está em nossa memória, e as marcas da sua dor e das suas esperanças, em nosso coração.

E, por fim, uma observação oportuna – a tragédia do aborto. Muitas dessas aflitivas agonias teriam sido evitadas se a moça houvesse levado a bom termo sua gravidez. O menino teria tido a sua oportunidade, a mãe antiga estaria compensada, e a responsável pela sua mutilação estaria também redimida daquele erro hediondo. O aborto, induzido pelo demônio da vaidade e do egoísmo, apagou num único e sangrento sopro, três pequeninas chamas de esperança, que em breve seriam claridades solares a iluminar novos roteiros de paz.

## 6. O buquê de muguets

O companheiro cuja história se vai ler a seguir veio ao nosso grupo sob controle mental de um de seus mandantes ou chefes, que era visto à distância, indignado, a manipular sua mente, enquanto ele falava conosco. Qual a natureza do seu trabalho? O mesmo de sempre: interferir na seara espírita, a fim de lançar no solo fértil de muitas vaidades a semente nociva da desagregação da obra do Cristo.

Declara-se em paz, mas impaciente com o que chama de nossas *interferências* e *manobras*. Será que não se pode mais trabalhar sossegado neste universo imenso? Por que não vamos servir noutra campo de atividade e não os deixamos em paz com a sua tarefa?

Sua comunidade sempre trabalhou bem ajustada e com eficácia, sem defasagens e agora aparece alguém junto acerca deles e começa a questionar os trabalhadores que estão ali entregues às suas tarefas, lançando dúvidas e inquietações onde antes nada havia senão obediência.

Se é bom parar para pensar? Claro que não. Como nos grupamentos humanos, há os que pensam, discutem, planejam e decidem, de um lado, e os que executam, de outro. Estes não têm nada que perguntar, porque tudo já foi pensado e resolvido por eles.

Neste ponto, faz uma proposta concreta, objetiva, direta:

Que queremos nós para encerrar nosso trabalho antes que penetremos mais profundamente nas suas estruturas? Como declara que podemos pedir o que quisermos, nosso doutrinador pede sua amizade e compreensão.

O *preço da transação* causa-lhe o impacto de uma genuína surpresa. Ri de satisfação, pois não pensava que fosse tão fácil. Assegura-nos sua amizade, estende a mão e pergunta, sempre muito objetivo:

– Vai se retirar agora?

A coisa, porém, não é tão simples como lhe pareceu, de início, e o diálogo

prosegue, procurando ele detalhar melhor a proposta, pois há alternativas, como a de trabalharmos juntos. Ele nos traria umas *matrizes*, sobre qualquer assunto de nosso interesse para que reproduzíssemos suas ideias da maneira desejada: mensagens, palestras, livros, etc. Se tínhamos o direito de alterá-las? Claro que não. A uma secretária, por exemplo, não se admite alterar o texto de uma minuta. Agora, se quando ela está datilografando a carta, chega alguém e começa a questionar o texto, as coisas se confundem. Não devemos analisar nada.

Usa conosco de toda franqueza, embora não consiga explicar como, sendo um trabalhador da verdade, utilize a mentira como instrumento de trabalho. Quanto às tais matrizes, representam certos *avanços tecnológicos* nas suas tarefas no campo da informática. Como não é possível estar permanentemente junto de cada mensageiro de suas ideias, colocam em suas mentes as “matrizes” como se fossem cassetes que, no momento oportuno, reproduzirão fielmente os textos preparados ou as ideias-mestras aprovadas por eles.

Quando o doutrinador informa que vai orar, ele aproveita a oportunidade para dizer que estamos sem argumento.

– Você não tem mais o que dizer – diz o doutrinador.

– Como não tenho?

– Então diga.

Ele faz uma pausa. Parece que não contava com esta e responde;

– Faça a sua prece.

Quanto ao passado, os mesmos bloqueios de sempre. É extraordinariamente fértil a imaginação deles em criar estratagemas para justificar o que costumamos chamar de *lixo debaixo do tapete*. Como o próprio termo revela – “pas-sa-do”, diz ele, sílaba por sílaba – “o que passou, passou”. Acabou. Pode até admitir que exista, mas *lá* no passado, não aqui, no presente.

Pouco adiante, porém, diz que nos observou bem de perto durante a semana. O doutrinador aproveita a *deixa* para perguntar:

– Quer dizer, então, que o passado existe? Ele escapa novamente com evasivas. Passado, somente para quem tem relógio, folhinha, coisas assim.

Em seguida, o doutrinador deseja saber desde quando ele está filiado à organização que ora representa ali junto de nós. Ele insiste na sua tese:

– Desde hoje.

– Sim, mas como você se filiou hoje e há uma semana vem nos observando?

Ele desiste de argumentar, alegando que não há possibilidade de diálogo mais coerente entre os dois planos da vida.

Em seguida, faz algumas previsões, ou melhor, adianta certos planos que já têm prontos para entrar em ação, e que, no devido tempo, serão lançados. (Ao escrever este trabalho cerca de nove meses após a nossa conversa naquela segunda-feira, verificamos algo impactados que dos quatro planos que anunciou, três já estão em funcionamento, faltando apenas um que preferimos não mencionar.)

Não foi essa, infelizmente, a primeira vez que nos anunciaram medidas, assim, de certa envergadura ou de menor vulto e que se realizaram com assustadora precisão. Sobre isso, porém, manda a prudência que nos caemos.

Depois deste acalorado debate, do qual fizemos apenas um resumo, certamente inadequado, levamo-lo pela magnetização à regressão no tempo.

Eis, a seguir, o que se passou.

A primeira mudança é no timbre da voz – não mais aquele vozeirão grave e ágil do diálogo até este ponto, mas o som meio apagado de um velho doente que precisa fazer certo esforço para falar. O doutrinador lhe pergunta o que está acontecendo e ele diz:

– Nada. Não há nada para se passar. Estou cansado dessas lutas...

– Por que você não para com essas lutas – pelo menos com esse tipo de luta? A luta é necessária à vida porque é nela que aprendemos, é nela que fortalecemos a nossa vontade.

– Não sei por que esse nome está na minha cabeça.

– Que nome?

– Margueritte.

– Você sabe por quê?

– Não sei. Não conheço ninguém com esse nome.

– Provavelmente você conheceu.

Observe-se, a seguir, como ele vai compulsivamente revelando as coisas:

– Não conheço nenhuma jovem. Tem uma imagem aqui na minha cabeça. É uma jovem linda e loura, mas não sei quem é.

– E você o que está fazendo aí? Onde você se encontra?

– Tem um buquê na mão. Um buquê de *muguets*. Por que ela tem esse buquê nas mãos? Porque é o símbolo do amor. Não tenho nada com essa jovem.

– Vamos, irmão. Coragem. Não procure ocultar as coisas que estão no seu espírito, gravadas na sua lembrança.

– Vejo um parque e ela está sentada com um buquê. Está tudo tão confuso...

O doutrinador o ajuda com passes e com sugestões apropriadas. Ele prossegue:

– Não sei... Não vejo... O que é isto? Vejo essa construção escura. E vejo um sacerdote que saí de lá, caminhando nesta alameda. Ele vai até ela. Sim, um homem calvo, um sacerdote. Não sei. Estou perdido...

– Ou você está fugindo às lembranças?

– Não sei... Oh, que horror! Não é preciso. Para quê isso?

– Mas você já entendeu o que se passou? Não é preciso que você me conte, ouviu? É preciso que você entenda o que se passou.

– Não. Que loucura! Ela pensa que sou outra pessoa. Ela pensa que sou bom, que sou puro e santo, mas não sou nada disso. Você sabe por que ela me traz aquele buquê? Porque ela está me agradecendo; porque ela pensa, meu amigo, que eu salvei os seus pais, os coloquei no céu; salvei-lhes as almas. Meu amigo, na verdade, tudo o que eu queria era aquele condado, as terras. Mas ela era... Meu amigo, essa moça eu a induzi a entregar os próprios pais, entendeu? Porque eles estavam com aquela crença herética. (Protestantes) E eu disse a ela que queria salvar-lhes as almas, mas precisava de provas. E lhe falava de Deus e de Jesus, do sacrifício do Cristo na cruz para lavar os pecados com o seu sangue. Ela era uma tola. Ela só nos disse... Disse a mim, em confissão, quando haveria uma reunião em sua casa

com todos aqueles hereges. Então mandamos investigá-los e prendê-los. E eles foram presos e torturados.

– E morreram?

– Você acha que alguém sobrevivia àquelas torturas? Depois disso, lavramos um documento à família, perdoadando-lhes os pecados, mas não lhes confiscamos os bens, não. Aquilo eram bens do diabo e eles precisavam *doá-los para que os purificássemos*. Eles não podiam ficar...

– Eles é que tinham o condado a que você se refere? Eram o conde e a condessa?

– É. E ricos.

– E você ficou com esses bens?

– Ficamos.

– Ficamos, por quê? Você se casou com a moça?

– Não. Sou um sacerdote.

– A Igreja ficou? E você entrou na posse?

– Claro.

– E ela, a moça?

– Ela era muito frágil. Depois ela descobriu toda a trama. E enlouqueceu. E todo dia vinha trazer um buquê de *muguets*.

– Para você?

– Sim. Voltou à infância e corria e brincava como uma criança.

– Isto foi quando, meu querido irmão? Quando se passou isso?

– Não sei. Não consigo ver.

– Mas foi após a Reforma? Eles eram reformistas?

– Eram. Essa seita maldita. Creio que em...<sup>5</sup>

– Então deve ter sido mais para diante. Século 16, 17, talvez... Isso não é importante. Como você ficou depois diante desses espíritos? Você os encontrou novamente, no mundo espiritual ou noutra existência?

– Ela me perguntava todos os dias: “É verdade que o Cristo morreu na cruz para lavar os pecados?” E aquilo era uma punhalada em mim, porque, na verdade, eu a enlouqueci.

– E como terminou aquela existência sua? Você galgou posições de muito destaque na Igreja local?

- Cheguei ao bispado.
- Ela já havia morrido?
- Eu a tomei sob minha guarda.
- Ela vivia com você, então?
- Ela era uma criança – responde ele com certa veemência, como se tivéssemos suspeitado de alguma ligação irregular. Jamais abusei dela!
- Sei. Não estou fazendo mau juízo. Ela ficou sob sua guarda, ela vivia lá com você.
- Vivia. Eu tinha que fazer alguma coisa por ela. Tirei-lhe os pais, tirei-lhe os bens, tirei-lhe os amigos, porque naquela noite todos foram sacrificados. Só ficou ela...
- E depois, como ficou isso no mundo espiritual? Você era muito idoso quando partiu?
- Sim, mas não muito. Não os encontrei. Um pecador não pode encontrar os mártires, meu amigo. E me pergunto: Por que fiz aquilo? Por quê?
- Pois é, meu querido. Isto são erros realmente muito graves, mas a misericórdia de Deus é muito grande também. Infinita. E há sempre lugar para que possamos mudar de posição, sair daqueles ambientes de desarmonias espirituais...
- Estou mentindo a você! – diz ele, chorando.
- Diga tudo o que você acha que deva dizer. Não lhe estou obrigando a falar, ouviu, meu querido irmão?
- Você me perguntou se eu os encontrei... Não fui tão bom e puro como você está pensando. Fui simplesmente um homem da minha época.
- Sim, meu querido. Não estou julgando você, por favor. Quero apenas te ajudar...
- Por isso eu a queria tanto. Por isso eu a protegia. Eu...
- Você a amava?
- Não como um homem ama uma mulher.
- Sim; mas como uma criança, uma filha...
- Como um pai ama à sua filha. E ela era minha filha!
- Era sua filha?
- É? Era? Não sei mais... Eu tinha uma vida muito alegre, da época. E tive

uma aventura com uma moça de família, que abandonei. Eu queria a vida do convento, porque era lá que estavam a liberdade, o poder, o dinheiro. Você tinha que ser duas coisas: ou um nobre ou um sacerdote. Se você não era nenhuma das duas coisas, você não era ninguém. Compreende?

– E a moça foi criada pelo casal, então?

– E a moça... Mas eu nunca soube. Eu a abandonei, nunca soube...

– Ah! Você não sabia que era sua filha...

– Só fui saber depois que ela já tinha enlouquecido, que ela já tinha morrido e eu também.

– Ela não era, então, filha daquele casal!

– Não. Era só minha e dela. Ela encontrou um homem nobre, desta religião maldita de vocês, que aceitou e legitimou a criança. E eu lhes tirei tudo. Eu os matei!

– Mas olha aqui, meu querido irmão. Deixa-me falar um pouquinho agora. Lamento muito e te peço perdão por ser forçado praticamente a levar você a estas recordações. Mas sem elas você não poderia refazer a sua vida.

– “É verdade – repete ele em pranto – que Cristo morreu na cruz para lavar os pecadores?”

– Não lavar os pecadores, mas para exemplificar com a sua coragem moral.

– Era isso que ela me perguntava a toda hora. Com os olhos lindos da inocência. Você está me destruindo. Tenho um trabalho! Quero voltar para o meu trabalho.

– Ouça: você não está percebendo que esse trabalho é uma fuga?

– Sempre usei o Cristo; por que não posso continuar usando?

– Claro que pode. E você conseguiu alguma coisa com isso, irmão?

– Você não conhece aquela podridão! A gente usava o Cristo, as coisas santas e depois a gente ria e ironizava os que criam.

– Mas você continua fazendo a mesma coisa, meu querido!

– Os que criam nos beijavam os anéis e se ajoelhavam aos nossos pés como se fôssemos deuses... Meu Deus! Que loucura!

– Escuta. Preciso te falar um pouquinho. Um momento.

Tenha paciência. Eu ia dizendo que é preciso que você não se deixe paralisar pelo remorso.

– Você sabe de alguma coisa mais pura do que um buquê de *muguets*? E uma criança de olhos límpidos, que confia no próprio algoz de seus pais? Fui eu que assinei a petição; fui eu que assinei a denúncia, fui eu que presidi ao julgamento.

– Margueritte, não é? Ele repete:

– Margueritte...

– Escuta; irmão. Pedimos a você agora um momento de pausa.

– O que você quer fazer da minha vida agora? Você me tirou tudo que eu tinha, que era meu trabalho. Podia ser errado, mas era sincero e honesto. (E aos gritos) Tira esse buquê de *muguets* da minha frente! Não consigo tirar isso da minha cabeça. Você botou isso aqui! Tira isso daqui! Tira! Não posso continuar vendo isso! Isso está me enlouquecendo. E ela cantarolava! Meu Deus! Você o que queria? Está satisfeito com essa podridão que está aí? E pensa que eles foram os únicos? Não, não foram os únicos. Foram muitos. Há muito que eu vinha matando. Não foi só nesta vida. A Igreja matou muita gente. A Igreja cometeu muitos crimes.

– Não foi a Igreja, meu querido. Fomos nós que estávamos na Igreja. Eram os homens que estavam na Igreja. A Igreja, em si, é uma instituição que os homens fazem à sua imagem. Mas você não me deixou ainda concluir.

– Nós bebíamos... E como bebíamos! E nos embriagávamos. E tínhamos as nossas orgias.

– Peça-te agora um momento de pausa. Vamos colocar este passado numa perspectiva...

– Pelo amor de Deus, tira esse buquê de *muguets* da minha cabeça! Essa sua maldita... O buquê era para mim que ela sempre fazia.

– Sim, mas vamos primeiro tomar uma decisão aqui. Muito séria. Você me promete que vai repensar toda a sua vida, reexaminar todo o seu procedimento, todas as suas ideias, aquilo que você está fazendo. Para se colocar numa outra situação, numa outra posição. Mudar o rumo da sua vida.

– Não há o que mudar, meu amigo. Para onde é que eu vou?

– Você vai para Deus, como todos nós. Mas é preciso fazer alguma coisa, não é, meu irmão?

– Para onde vou? O que vou fazer? Colher flores? Veja as minhas mãos. Veja! Posso colher flores com estas mãos que sangram? E o sangue que vejo?

– Mas é preciso que você comece a limpar o sangue algum dia.

– Não posso colher flores. Não posso enfrentar o olhar de Margueritte e não posso receber o seu buquê. Tire esse buquê da minha cabeça.

– Não é assim que você resolve as coisas: exigindo e gritando e ordenando a Deus que faça as coisas como você quer. Você está na posição de pedir.

– Mas se o Cristo nos via fazer tantas loucuras, por que não mandava um raio e não acabava com tudo?

– E fazer as mesmas coisas que vocês fizeram, e nós fizemos, no passado? Acabar tudo com a violência?

– Onde estava a sua força que não nos destruía?

– Você não tem o livre-arbítrio? Agora, por exemplo, no momento em que você está aqui a conversar comigo. Você não é obrigado a seguir o caminho do bem. Você pode continuar seguindo o caminho do mal. Ele não vai te impedir. Não vai violentar a sua vontade. Mas é isso que te convém? Que você resolve?

– É por isso que não creio nele. Não creio na força das suas palavras, porque se fazia tanto com essas palavras! Como se odiava essas palavras, como se matava, como se extorquia e ele nunca fez nada contra nós! Sempre fomos fortes.

– Forte? Isso é fortaleza? Você acabou de dizer que era tudo uma podridão.

– Quantas famílias esfaçamos, quantas almas...

– Se você se dispuser a isso e nós dispusermos de tempo, podemos ir mais longe, ao passado para saber das razões do seu problema com o Cristo. Mas não creio que seja necessário.

– Você não acha que chega? Chega de razões. Não são bastantes?

– Eu acho. Você é que não está achando.

– Cristo nunca foi uma realidade. Eu nunca o vi na minha frente, e a sua doutrina nunca me freou para nada. Foram sempre palavras num papel...

– Vamos, então, buscar a razão mais profunda disto?

– Você já viveu em seminários, você sabe que são palavras.

– Não. Um momento, meu querido. Existem nas nossas vidas – creio que

nas suas também – aquele instante, em que nos defrontamos com ele.

– É só fazer penitências, é só cilício. É só loucura!

– Não. Não. Isso são os rituais, as fórmulas, o palavreiro que vocês, no seu grupo de trabalho atual, estão tentando reproduzir num movimento que está trabalhando para levantar novamente o cristianismo primitivo.

– Esse movimento é também um movimento de palavras, meu amigo.

– Não, meu querido irmão. Vocês é que estão botando o palavreiro no movimento.

– Palavras, bate-boca... É só o que você ouve. Até os jornais batem boca. Um escreve, ou responde...

– Isso não é o movimento. São pessoas desatinadas, como vocês foram desatinados. Você não está dizendo que a Igreja cometeu loucuras? Não é a Igreja; somos nós que estivemos lá que cometemos aquelas loucuras.

– Cada um quer falar mais do que o outro.

– Então, qual a sua decisão?

– Estou confuso. Não sei o que faço.

– Eu sei. Você tem que parar, repousar...

– De repente você me criou um vazio. Saiu tudo da minha cabeça e só vejo esse buquê.

– Sim, mas para que a gente coloque alguma coisa na cabeça é preciso antes tirar de lá o que não está bem. Foi isso que tentamos mostrar a você. Está de acordo? Você está sentindo comigo?

– É horrível você não ser dono dos próprios pensamentos. (É a sua maneira de referir-se à estranha compulsão de falar a verdade, custe o que custar, doa onde doer, quaisquer que sejam as consequências.)

– Eu a matei, compreende? E pior, eu matei a sua alma. Não foi o seu corpo que matei. Eu lhe matei a alma.

– Meu querido, a alma não morre. Você a magoou, você a feriu...

– Ela continuou viva, mas louca.

– Você não gostaria de estar com ela novamente, em espírito?

– Para que ela me dê outro buquê? Não. Que será de mim, meu Deus?

– De fato, a perspectiva não é fácil e há muito sofrimento pela frente. Não podemos iludir você, mas tudo é possível àquele que crê. Mas você está

num momento sem fé.

– Estou tonto, completamente tonto.

– Você está dentro de um contexto que não é o que interessa ao seu espírito. Você obedece cegamente a ordens, a instruções...

– Mas lá eu era feliz. Não tinha esse buquê na minha cabeça. Você compreende? Lá eu não lembrava.

– Ah! Sim, não se lembrava, mas isso é outra coisa.

– Você me fez lembrar. Lá eu não tinha esse maldito buquê na minha cabeça. Nem sabia mais disso.

– Sabia, sim. Como não? Não fui eu que inventei essa história, foi? Alguém de nós aqui inventou a história para você? Você não me respondeu a uma pergunta. Está sentido comigo? Somos amigos ou não?

– Estou assustado.

– A tarefa é grande e é difícil, mas não é impossível.

– É como se, de repente, você me cortasse os pés e as mãos e me deixasse com esses cotos. Não posso me mover e não sei o que fazer. Eu devo a ela! Mas não é a ela só. Era minha filha!

– Tudo isso vai ser possível reparar. Você não pode é desfazer aquilo que fez. Está feito e acabado, mas você pode voltar àqueles espíritos e ajudá-los ou servir a outros espíritos, de outra maneira. Mas por favor, meu querido irmão, não procure enganar-se e enganar os outros e tornar a falsear a verdade insistentemente como vem fazendo. Assim não é possível, meu querido. Você assim não vai chegar a lugar nenhum, nunca.

– Ah! – diz ele admirado – O buquê está se apagando. Oh, meu Deus! Está sumindo. Ai, graças a Deus. Isso estava me agoniando tanto!

– Desculpe, meu irmão. Você fica, então, conosco?

– Para fazer o quê? Para quê?

– Para descansar, em primeiro lugar. Não vamos desrespeitá-lo. Vamos tratar você com todo o carinho que merece. Com todo o respeito. Vamos pedir a você que repouse por algum tempo sob os cuidados dos nossos irmãos espirituais. Depois, se quiser, voltaremos a conversar. No momento, é preciso que você dê uma parada.

– E que faço com ela? Devo tanto a ela!

– Escute, meu querido. A lei de Deus dará a você a oportunidade de se refazer perante ela. Não tenha receio disso. Confie em Deus. Àquele Cristo que você nunca aceitou, procure aceitar agora. Está bem?

– Ah! Meu amigo. Que Deus tenha pena da minha alma...

Em seguida é retirado.

\*

No caso deste companheiro, achamos prudente não levá-lo mais longe ao passado, a fim de descobrir as razões do seu desamor ao Cristo. Certamente teríamos encontrado as origens desse lamentável desvio que, de crime em crime, o levou a tão aflitivos desatinos. O objetivo do trabalho junto destes irmãos não é o de expô-lo ao vexame e às agonias de reviver crimes horrendos que praticaram no passado – é o de suscitar neles as emoções do arrependimento construtivo, criar neles o estímulo necessário para a retomada, mostrar-lhes que nem tudo está perdido e que é possível recomeçar tudo, mesmo porque não há alternativa a não ser a de continuar deliberadamente seguindo os descaminhos do erro e, portanto, da dor. É preciso, por outro lado, que a aflição do remorso não os esmague e nem os paralise novamente, mal acabam de despertar para uma realidade íntima que haviam decidido esquecer para sempre, como se, esquecendo os crimes, eles se tornassem inexistentes.

Pelo que se observou do diálogo, bastou trazer à tona de sua consciência a terrível tragédia na França para que o remorso suscitasse nele o desejo da retomada. Não é difícil imaginar como foi que seus mandantes conseguiram sua devotada colaboração nas tarefas das sombras. Por avançadas técnicas hipnóticas, apagaram as lembranças da sua consciência atormentada, em troca de uma subordinação e de uma fidelidade realmente inquestionáveis. O *negócio* era bom para ambas as partes, segundo o estranho código de “ética” ali prevalente. Eles estão habituados a essas barganhas. É tudo uma lamentável troca de interesses, um jogo escuro de paixões, uma vasta rede de influência, na qual muitos se deixam envolver.

Vimos, também, a sua tendência em transferir responsabilidades que lhe

eram inalienáveis, como as orgias, porque era um homem de seu tempo, querendo significar com isso que aquilo tudo era natural e compreensível naquela época. Quanto aos crimes, às hipocrisias, às denúncias, aos confiscos, às espoliações, eram culpa da Igreja, não dos indivíduos. Acontece que as instituições são aquilo que fazem delas os homens encarnados e desencarnados.

Uma última observação: supomos que ele nem chegou a saber que havia engravidado a jovem, ao abandoná-la, pois disse que somente depois, no mundo espiritual, veio a saber que a menina era sua filha. Estava muito consciente da enormidade do crime que cometera contra todos, mas especialmente contra aquela criança que usou impiedosamente como instrumento de suas ambições, induzindo-a à prática de uma traição que explodiu os limites da sua razão e o levou à total alienação mental. Mesmo na sua loucura, contudo, parecia haver um sutil mecanismo de censura, para lembrar todos os dias ao criminoso o seu crime repugnante.

– É verdade – perguntava a jovem louca – que o Cristo morreu na cruz para lavar os pecados?

O símbolo visual daquela censura era um suave buquê de *muguets*, que, mesmo decorridos alguns séculos, continuava sendo também a chave secreta daquele tremendo drama de consciência.

Não seja, porém, o nosso, um pensamento de censura e de horror, e sim de compreensão e amor. Quem necessitará mais de tais vibrações do que aqueles que trazem tão angustiosas aflições nas profundezas da memória espiritual? Além do mais, podemos atirar a primeira pedra?

## NOTA

**MUGUET** – O professor Aurélio Buarque de Hollanda informa, em seu *Dicionário* que o *muguet* é o nosso lírio do vale, ou seja, uma planta ornamental, da família das liliáceas (*Convalaria majalis*), de pequenas flores alvas, campaniformes, grudadas em cachos, muito comum na Europa, onde é objeto de colheita e comércio intenso a primeiro de maio, e utilizada em

farmácia e perfumaria.

---

<sup>5</sup> Cita o nome de conhecida cidade francesa.

## 7. O rei dos vingadores

Havíamos atingido, na tarefa junto daquele grupo, um ponto crítico. Depois de trabalharmos, semana após semana, no resgate de vários servidores importantes da instituição, inesperadamente veio a nós o chefe supremo que, também cedeu e não teve condições de retornar ao seu posto. Um princípio de caos estabeleceu-se lá, mas como sempre acontece, alguém resolveu assumir as responsabilidades mais graves e impedir que a desagregação da comunidade prosseguisse. Fora até então um dos dirigentes do segundo escalão e, como todos os seus companheiros, dedicava-se com feroz fidelidade aos objetivos da tenebrosa organização. Poucas vezes, em muitos anos na convivência com esses companheiros desarmonizados, testemunhamos tamanha fúria. Abriu o diálogo com estas palavras:

– Maldito sejas! Maldito sejas até a terceira geração! Maldito seja o ventre miserável que te gerou!

Se não estivesse contido ali – tinha as mãos dobradas sobre si mesmas, incapaz de movimentá-las – o doutrinador teria a lição que há muito estava merecendo. E prosseguia:

– Mas você não vai longe! Tira essas amarras, se você é homem!

Mais impressionado com o seu terrível estado de aflição do que com suas ameaças, o doutrinador lhe fala com toda a calma e o trata com o máximo respeito pela sua dor, procurando compreender a razão da suas aflições, o que parece mais irritá-lo.

Seja qual for a obra à qual nos dedicamos, certa ou errada, voltada para o bem ou para o mal, e se acreditamos nela, é sempre penoso vê-la desmoronar diante dos olhos e converter-se num montão de escombros, o que foi o sonho de uma vida. Ali eles estão ao abrigo das suas tormentas interiores; ali são verdadeiros semideuses, manipulando seres e acontecimentos importantes; ali são temidos, respeitados e obedecidos sem

vacilações.

Onde antes havia disciplina, ordem e trabalho – dizia ele – instalaram-se a indisciplina, o caos, o inferno. Um dos “cães” (seres humanos reduzidos à condições licantrópicas) ousara tentar mordê-lo! Afinal de contas, estavam na condição de animais porque assim o mereciam. Não haviam cometido crimes horrendos? Não há, ali, na sua instituição, a menor arbitrariedade. São procuradores dos oprimidos, dos lesados. São instrumentos da justiça de Deus. Caçam o culpado onde estiver. O mundo não tem seus juízes, advogados, promotores? O mesmo acontece ali. Alguém leva uma queixa, eles examinam o assunto, abrem um processo e vão em busca do criminoso. Tudo legítimo, certinho, segundo a lei. “Ou será que Deus perdeu a gerência do mundo?” – pergunta ele. São condições sub-humanas para seres também sub-humanos. Aliás, coisas estranhíssimas estavam acontecendo lá. Eles pensavam que conheciam todos os “truques”, mas acabavam de verificar que não. (A essa altura, está mais contido e razoável.) E conta o seguinte:

– Esta maldita semana, todos os dias... Começou num dia estranho. Não sei... “Eles” (os infelizes prisioneiros) saíam do alojamento, assim como se estivessem hipnotizados – quando não hipnotizamos ninguém – e, de repente, começaram a ajoelhar, arregalar os olhos e, depois, abaixar a cabeça no chão, gritando, gritando coisas que nunca ouviram lá dentro, pois sempre tivemos o cuidado de fazer o saneamento mental. Certas ondas mentais não entram lá, certas palavras não se pronunciam...

– Por exemplo: Deus, amor, Jesus... Palavras assim... E você vem dizer que a sua obra é de Deus?

– Essas palavras – prossegue ele, após ligeira pausa – têm uma vibração de baixo teor. Temos que sanear as mentes.

– Sanear as mentes excluindo delas essas palavras?

– São palavras que enfraquecem... E alguns começaram a chorar. E, de repente... Este é outro truque que você precisa me ensinar como foi feito! Temos tudo cercado. De repente, aparecia um negócio estranho no meio da cerca, um negócio intangível, um cone estranho de luz e começava a sair por ali. Como foi esse truque? Esse eu não conheço!

– Você sabe, sim; chama-se amor.

– Recebi a denúncia, fui lá. E a cerca estava lá! Naquele lugar eu botava a mão e não tinha cerca! E a cerca estava! Não entendi. É uma coisa mais estranha: eu me botei naquele lugar e disse: “Aqui ninguém passa!” Mas eles continuaram passando como se eu não estivesse ali! E eu tenho um corpo sólido, aqui, rígido...

– Como é que você explica isso?

– Se eu explicasse não estaria lhe perguntando.

– Você está me narrando, não está perguntando.

– Perguntei como é que vocês fizeram isso!

– Já lhe expliquei; é o amor. Você pode experimentar e ver como funciona.

– Confesso que isso eu queria aprender – esse truque. Como se vê, portanto, as equipes socorristas começaram a remover os prisioneiros (alguns terrivelmente mutilados, deformados ou animalizados), ante o olhar impotente dos “comandantes” daquele mundo de dor. A cerca estava lá e, ao mesmo tempo, não estava. O nosso visitante daquela noite convocou o mais poderoso “mago” da instituição; passaram horas a estudar o fenômeno; tentaram reproduzi-lo, mas tiveram que reconhecer o fracasso. Não conseguiram deslindar o mistério da cerca e as vítimas continuaram a escapar...

Pede, a seguir, que sejam liberadas as suas mãos, prometendo que não pretende mais fazer nenhuma violência. As “amarras” magnéticas são desfeitas por meio de passes e ele sente um grande alívio ao retomar o controle de suas mãos. E admite:

– É... Vocês têm métodos fortes. Tenho que respeitar... Está mais calmo, a despeito de um ou outro ímpeto mais agressivo. Diz que o doutrinador fala uma linguagem muito estranha, num tom igualmente estranho, mas continua firme na sua filosofia de trabalho. Se ninguém cuidar da execução da justiça divina, como é que ficará o mundo?

– Deus te pediu ajuda? – pergunta o doutrinador.

Ele não parece impressionado com isso, mesmo porque insiste na estrita justiça e lisura dos procedimentos adotados.

– E os injustiçados? Quantos aí são injustiçados, insultados, injuriados, e

fica por isso mesmo... Alguém tem que responder por essa gente. Nós só fazemos isso. A lei me faculta! Aquilo é um tribunal decente. Cada um que está ali tem o seu processo, tem a sua pena baseada naquilo que ele fez. E a gente não aplica uma chibatada fora do processo dele. Ninguém tem ordem para isso. Se alguém faz isso é castigado, porque não tem ordem. O Cristo não disse que cada um iria ser metido no cárcere e só sairia de lá depois que pagasse o último ceutil? Não foi isso que ele disse? Então tem que ter um cárcere. Ele falou, tem que ter.

– Não é essa a ideia, mas admitamos que sim. Quando chegar a sua vez, você vai cumprir a pena com essa mesma disposição?

– Se eu tiver que ir, vou.

– Ah, você não acha que vai...

– Estou cumprindo a lei, meu amigo. Estou a serviço da lei. Você está pensando... quanta gente aí que vive, como você, num corpo de carne, já foi lá pedir e a gente fez processo para pegar aqueles que devem a eles... Há pouco tempo mesmo um nosso protegido foi lesado por um companheiro dele. Eles tinham uma firma... Um lesou o outro. E ficou por isso mesmo: tudo direitinho, ali, no papel. Então, nós fomos em cima dele!

– Por que esse outro companheiro foi lesado?

– O outro era desonesto, ora essa!

– Isso eu sei. Mas por quê? Você disse que só nos submetemos a um sofrimento quando a lei autoriza. Então a lei autorizou que ele fosse lesado...

– Não, não... O outro é que, lesando, caiu no código da lei...

– Você está em contradição, porque cobrando, você caiu novamente no código da lei. É a mesma coisa, meu filho. Não há como fugir.

– Então isso é uma bagunça completa, se for assim como você quer. Ou seja, para evitar isso que ele chama de “bagunça”, Deus precisa de gente como eles. Sem isso Ele não tem como dirigir o mundo. O Cristo não disse que é preciso ter uma cadeia? “Eles” têm uma. Quando lembramos que eles também estão fazendo jus a uma cadeia semelhante, pois, reconhecem ter faltas graves a resgatar, dizem que estamos mudando o rumo da conversa, ou que isso não interessa, ou coisa semelhante.

A despeito dessa divergência – digamos – doutrinária, já estamos nos

entendendo melhor. Ele já não agride com a sua virulência verbal, admite uma ou outra observação, reconhece que os trabalhadores do bem dispõem de recursos – chama-os truques, mas não importa – que eles ignoram e não conseguem impedir que funcionem. Naquela primeira fase do diálogo seria, pois, impraticável qualquer tentativa de magnetização, qualquer esforço para obter-se uma regressão da memória. Agora, decorrida cerca de uma hora de diálogo, já é admissível tentar-se algo. É o que faz o doutrinador, encontrando a costumeira resistência e a convicção da parte do nosso manifestante de que nada será conseguido com ele, porque ele tem suas “defesas” próprias. Pouco a pouco, não obstante, vai mergulhando num estado de torpor. Queixa-se, a princípio, de intenso calor, insuportável, inexplicável. Diz que foi preparado e que a sua mente foi condicionada para a eventualidade da regressão, de forma que quanto mais intensos fossem os comandos para voltar ao passado, maior seria a resistência.

– Não adianta, seu doutorzinho pretensioso. Você quer ser um Mesmerzinho... Eu conheci Mesmer, sabia? (1) Conheci muito ele. Vou pensar noutra coisa... Sou mais forte do que você!

A voz vai ficando pastosa e distante, enquanto se aprofunda o sono magnético. A indução prossegue, a despeito das suas resistências. Continua a sentir muito calor. Em seguida, começa o relato.

– Está quente. Uma noite muito quente...

– Onde é isso?

– Andaluzia. Eu vou para casa.

– Sim. O que você faz? Qual é a sua atividade?

– Tenho terras. Vou para casa. Venho da cidade. Fui pagar o doutor. *El niño* que chegou...

– Ele fez o parto da sua mulher?

– Sim. E agora estou voltando. Muito calor... . – Você vai a cavalo?

– Não, num carro... Numa carruagem. *La luna*...

– Sua casa é fora da cidade? Uma residência muito grande?

– É... Estranho! Tudo tão silencioso... *Hey demorado dos dias*... Dois dias longe. Está tão quieto...! Estranho! Os cães não latem... Estou entrando. Vejo... Os cães... manchas de sangue! *Los perros... estan mortos!* Me aflijo.

Entro. Está tudo virado... tudo confuso...

– Era só a esposa e esse menino ou há mais pessoas?

– Não. *Una niña... quince años e otro niño*, doce. A *niña* maltratada...

– Mas quem fez isso?

Geme de desespero, enquanto percorre toda a casa. Marcas de sangue por toda a parte...

– Todos mortos. Encontro *la niña* segura num lenço... um lenço de pescoço. Todos conhecem este lenço na cidade: Dom Carlos Allende! Estroina horrível; bandoleiro!

– Foi ele que fez isso?

– Sim. Ele tem feito isso. Ele invade os lares, ataca as mocinhas, mas o pai dele é poderoso, tem muito *diñero* e nunca tem provas. Mas agora eu tenho uma prova! (O lenço). Oh, quero morrer também... Mas preciso vingá-los! Não é possível! Não creio, não creio... Tira-me este pesadelo. *La luna* está tão linda! *La luna* entra e ilumina. *La luna* está clara. Não pode ser! Esta tragédia... Não pode ser...

O doutrinador procura levá-lo para frente no tempo, a fim de que ele possa contar o que aconteceu posteriormente.

– Acordei depois, aqui nesta casa. O doutor disse que eu estive doente – louco – uma semana. Lembrei tudo de repente. Que vazio! Não tenho mais nada. Que importa um castelo vazio?

Subitamente parece lembrar-se:

– O lenço! O lenço! Que horror... Eu vou ao magistrado e acuso Dom Carlos Allende. Eles não me acreditaram. E todos se riram de mim. E Dom Carlos riu e arranjou testemunhas de que ele estava numa festa e que eu estou louco! Mas eu vou vingar-me de todos eles. Ele nunca vai só; é ele e uma turba de jovens estroinas que bebem e se alucinam. É um louco! Não tenho mais nada a perder. Vou matar a todos eles... um por um. (Levanta o braço e golpeia a mesa, como se tivesse um punhal na mão).

O doutrinador propõe uma incursão nas memórias mais antigas, num passado mais remoto, a fim de entender por que ele perdeu toda a família numa quente noite de lua.

Minutos depois ele começa a falar:

– Vejo estes homens que atacam esta aldeia e matam.  
– Você está entre eles?  
– Sim. Não somos soldados – somos gente que vem do Norte. Somos uma tribo. Este homem com uma adaga entra nesta casa e mata e mata, e mata!...  
– Só pelo prazer de matar?  
– Sim.  
– É um bandido, então?  
– Sim. Esse homem terrível! Mata todos, até uma criancinha... Mata... Esse homem... Não sou eu, não... (Hesita). Este homem... este homem... sou eu...

O doutrinador lhe pede para conservar esse episódio na memória e retornar às lembranças da existência na Andaluzia, de maneira a poder confrontar os dois episódios.

– Dom Carlos... Vou buscá-lo no inferno, pois ele se escondeu lá.  
– Sim, meu caro, mas lá onde houve a invasão, na qual você também matou como Dom Carlos... Você não percebe que foi aplicada contra você a mesma lei?  
– Eu tinha uma família...  
– E aquela que você sacrificou no passado? Também era uma família.  
– Eu não matei só uma família. Matei muitas.  
– E como é que quando chega para você a cobrança, você quer vingar-se?  
– Matar era natural.  
– Era, não. Nunca foi.  
– O mais forte mata o mais fraco. É a nossa lei.  
– Mas não é a lei de Deus.  
– As mulheres são para satisfazer os homens. Entende? Depois a gente mata.  
– Foi isso que foi feito na Espanha?  
– Foi.  
– E você acha que está certo?  
– Não! Por que você foi me fazer lembrar isso?  
– Meu querido, desculpe. Isso era indispensável.

– Eu tinha me esquecido deles. Eu tinha esquecido que tive uma família.  
– Eram dois meninos e uma moça? E onde estão eles? Você sabe?  
– Não sei. Vivi mergulhado no meu ódio. Cacei todos eles, um por um.  
– Há alguns deles lá no seu grupo?  
– São os cães e os répteis... Era isso que eles eram. Cães, porque atacaram minha família. Eu fiz deles cães. Répteis, porque foram sorrateiros, traiçoeiros. Eu os cacei um a um...

Quanto ao seu nome, não quer dizer.

– Mas como é que você justifica o crime que cometeu da mesma maneira?  
O seu crime está certo?

– Se a lei é olho por olho, dente por dente, então eu tinha o direito de vingar-me, de pegá-los um a um, como peguei.

– Mas eles não estariam se vingando de você também? Como é isso? Então, isso não vai acabar nunca? Meu querido, por favor, entenda uma coisa: o que desejamos de você...

– Você não perdeu toda a sua família. Naquela corte havia um enorme crucifixo, porque você sabe que a Espanha sempre foi católica e em todos os lugares públicos havia uma cruz. E embaixo daquela cruz eles riram de mim, a vítima. E o Cristo defendeu aqueles criminosos.

– O Cristo estava lá?

– Mas era em nome dele que lavravam as sentenças.

– Meu querido, você não está lavrando sentenças semelhantes em nome de Deus, na sua instituição? Você não percebe que o engano é o mesmo? Não procure mais fugir, meu querido irmão. Estamos oferecendo a você uma oportunidade para recomeçar. Estamos estendendo as mãos a você. Não perca esta oportunidade. Abandone esses ódios, essas agonias...

– Eu me tornei o rei dos vingadores.

– Triste coroa!

– Todos que querem vingança vêm a mim.

– Mas agora você não vai fazer mais isso. Terminou a sua tarefa de vingador.

– Estou cansado... E eu amei tanto! Estou só e vazio. Você me tirou o ódio que me alimentava. Agora não tenho nem mais o meu ódio. Não tenho

mais nada... Eu precisava daquele ódio! Eu devia tê-lo matado de novo, mas eu o torturei tanto, antes de fazê-lo um dos meus animais... E ele pedia piedade e eu ria na cara dele como ele ria de mim aprisionado. Ele foi julgado noutra tribunal. E eu tinha um crucifixo no tribunal para ele lembrar-se bem como tinha sido.

– Mas escute uma coisa: Você acha que a sua esposa e seus filhos aprovaram isso tudo?

– Eu precisava vingar-me. Eles não me perdoariam se eu não me vingasse. Era minha incumbência. Eu devia vingar-me.

Senão eles não teriam paz. Você não sabe que aqueles que morrem assim pela violência, enquanto o criminoso está solto, eles não têm paz?

– Foi o seu caso quando você morreu? Você tem paz? Você não tem paz... Que adiantou a sua vingança? Você apenas alienou-se ainda mais e perdeu o contato com aqueles seres aos quais você amou... Eles continuam a existir e estão à sua espera.

– É... eu enlouqueci e morri dentro daquela casa. Pus fogo em tudo. (Pausa). O Cristo não me defendeu nem aos meus... (que eram) inocentes. Quem devia à lei era eu e não eles.

– Eles também deviam. Escute: Por que ele não defendeu também Dom Carlos Allende quando você se vingou?

– Ele era um criminoso...

– Então você quer continuar essa vida? Você é livre.

– Não. Quero esquecer essa tragédia toda.

Quando o doutrinador sugere que se faça um apelo aos seus amados – esposa e filhos – para que venham ao seu encontro, ele confirma que os ama a todos sem preferências, mas tão fixado está na sua postura que só tem uma coisa para dizer-lhes: que se vingou! O doutrinador lhe fala das agonias desses séculos e ele retruca convicto:

– Séculos? Não. Foi ontem mesmo que aconteceu tudo isso. O tempo aqui não anda... Tudo parece que foi ontem!

Para localizá-lo no tempo, o doutrinador lhe pergunta quem era o seu rei. Ele diz, a princípio, que não sabe e depois que não quer dizer o seu nome. Mais adiante, acrescenta:

– Não posso me lembrar daquele rei porque é maldito. Eu o amaldiçoei porque Dom Carlos era seu protegido. Nunca mais quero voltar à Espanha. É uma terra maldita.

– Não. Isso você não pode dizer. Nem é para você decidir agora.

\*

O problema não está, contudo, solucionado, pois as agonias que sofreu e fez sofrer àqueles que destruíram o seu lar naquela cálida noite enluzada na Andaluzia, impregnaram e envenenaram muito gravemente o seu espírito atormentado.

Na semana seguinte, voltou ele ao nosso grupo, mais indignado do que nunca, ameaçando céus e terras. Pensávamos havê-lo dobrado? Estávamos muitíssimo enganados. Ninguém o dominava. Estava de volta e com toda a força! Novamente as agressões verbais. O doutrinador era um covarde, e ele não batia em covardes... Senão iria mostrar-nos.

Depois do diálogo da semana anterior conosco, regressara à sua instituição que se desmoronava inexoravelmente. Não conseguiam mais uma concentração mental contínua. Onde estava Deus que não o socorria a ele, um servo da divindade, um instrumento da justiça divina?

Pouco a pouco vai se acalmando, e já consegue ouvir em silêncio a palavra do doutrinador. Por fim, uma revelação: fora vítima de uma “chantagem”. Fora no quinto dia daquela semana fatídica, após a conversa conosco. Ficara lá, impotente, a caminhar de um lado para outro, sem saber o que fazer, para onde ir, como um louco.

– Uma pessoa me foi visitar... O que adianta você ver alguém que está a séculos... Séculos? Está a milênios de distância. Tem um abismo imenso que você não pode ultrapassar. Que me interessa?

E a seguir, em outro tom, emocionado e suave:

– É como alguém vir e te dar uma gota d’água quando você está *morrendo de sede*. (E novamente aos gritos): Para que serve uma gota d’água?

– Para te lembrar que a água existe.

– Uma gota d’água não molha um deserto. Sou um deserto!

Contestando o doutrinador, ele acha que a sua culpa é maior do que a misericórdia de Deus. Além disso, não pode ceder, porque se sente responsável pelos companheiros que seduziu e induziu a erros clamorosos. Eles os chamou, prometeu-lhes coisas e os enganou à vontade. Todos lá estão por sua causa.

– Isso não o torna um monstro para nós– diz-lhe o doutrinador –. É um irmão que sofre e a quem amamos e respeitamos. O espírito que o visitou não foi lá para dizer que é impossível a ele vencer a distância que os separa. Não estão separados aqueles que se amam. Ao contrário, foi mostrar que é possível.

Poderosas emoções se agitam dentro dele e ele começa a falar com a voz mais doce:

– Eu já me havia esquecido como era a beleza! Eu me esquecera como o ser humano pode ser tão belo, pode ter formas perfeitas...!

– É uma mulher?

– Ah! Você sabe... você sabe quem é. Eu já me esquecera do som de uma voz cariciosa. (E novamente exaltado) Eu já tinha me esquecido e estava bem no esquecimento. Eu tinha me esquecido da doce expressão de dois olhos tranquilos... (Chora). Mergulhei em tanta podridão que não sabia mais o que era o perfume.

O doutrinador procura consolá-lo de tão fundas agonias e ajudá-lo a não escorregar no desespero. Mas ele prossegue no relato inexorável de suas misérias: drenou oceanos de esperanças em muitas criaturas, matou ilusões, ludibriou a tantos! Não vê caminhos, não tem opções. Não pode enfrentar o que já fez a outros passarem.

– Você não me conhece. Não sabe a fera que se esconde aqui. Você não imagina!

– Isso não torna você um ser abjeto para nós.

– Eu injuriei o próprio Cristo! Insultei sua mãe! Você não sabe!

Se fosse posto numa arena, e fossem chamados todos aqueles a quem ele ofendeu, ele seria destruído num segundo. Entendeu que era preciso tornar-se forte no mundo espiritual, precisamente para enfrentar essa turba alucinada. Não sobraria um átomo dele...

E noutro tom, calmo:

– Não compreendo vocês. Estou tão perplexo! Não pude dizer nada diante dela – só me ajoelhei e chorei. E me revoltei e pedi que um raio me fulminasse naquela hora para que ela não tivesse a visão de mim. E quando entrou este a quem vocês chamam irmão dirigente, a minha frustração, a minha angústia... Fiquei louco! Quis agredi-lo, gritei, insultei-o... Ele só olhou para mim e, por força de olhar-me, acabei me acalmando... Havia qualquer coisa naqueles olhos... Ele só me disse: “Mas você não está feliz de tê-la visto?” Você compreende? É como se você tivesse um vulcão que está rugindo e vem uma aragem... sei lá... e num minuto cala todo o estrondo...

E pergunta a si mesmo: “Por que Deus não nos fez perfeitos?” O doutrinador lembra que Deus nos fez simples e ignorantes e não nos obrigou a ir por aqui ou por ali – apenas nos fixou a meta. Fala ele da agonia do espírito que vem e volta e vem novamente e continua a repetir erros e muitas vezes, num minuto, perde cem anos.

– Mostraram-me numa tela tantos amigos! Já estive junto de tantas almas escolhidas e não as segui. E fiquei, e fiquei... e estou até hoje na lama da terra... Estive em tantas vidas sozinho e porque não tinha ela comigo cada vez me perdia mais, procurando, procurando... E quanto mais a procurava, parece que mais me afastei dela.

É muito aguda a consciência de seus crimes, a extensão e profundidade de seus erros. Acha que precisa renascer cego, surdo, mudo e paralítico, para que o mal que nele existe não volte a emergir. Quantos crimes, no mundo espiritual e na carne! (Aqui – diz ele – e aí; e aí, estando aqui). Levou grupos humanos a práticas primitivas de fanatismo e sacrifícios somente porque em algumas das vítimas tinha algo a cobrar. O último crime – ou seja, o mais recente – fora o de levar uma pobre mãe enlouquecida a estrangular o filho recém-nascido.

O esforço do doutrinador se concentra em reativar em seu coração devastado a chamazinha da esperança, em não criar bloqueios que dificultem ou impeçam a retomada, em dar-lhe o apoio da solidariedade, do respeito e da compreensão, mas, principalmente, do amor fraterno. Sem tentar minimizar as suas culpas, que são reconhecidamente terríveis, mas

tentando convencê-lo de que é possível reconstruir, ainda que não seja possível desfazer o que fez errado. Ele, que conhece a manipulação de mentes, não pode deixar-se condicionar, declarando-se impotente para vencer o mal.

Não é este o momento de planejar seu futuro e decidir como vai renascer. Isso terá que ser feito com mais calma, com ajuda superior, para que o esforço do resgate não seja superior às suas forças.

Pede-nos perdão pela sua insensata agressividade inicial. Gostaria de ficar com os nossos companheiros espirituais, mas como conviver com aqueles que, no seu dizer, estão mais perto dos anjos do que dos homens?

– Tenho medo da minha força e do meu próprio conhecimento. Fiz de homens, animais.

– Sim, mas você também poderá fazer de animais, anjos...

Acha ele que o mal tem muita força porque encontra condições de medrar no coração de tantos. Com isso, cresce sempre, o que não é verdadeiro, porque, então, o universo seria um caos. Cansado, sem forças nem para andar, é retirado em estado de sonolência.

## **NOTA**

**MESMER** (Franz Anton Mesmer) – nasceu em 23 de maio de 1734, em Iznang, perto do lago Constância, na Áustria. Estudou teologia e medicina na Universidade de Ingolstadt, na Alemanha e na de Viena.

Interessado na obra de Paracelso, aprofundou-se no estudo da influência dos astros sobre a saúde e as condições de vida do ser humano. Foi esse, aliás, o tema da sua tese de doutorado em medicina. Chegou, em seguida, à convicção de que de seu próprio corpo físico emanava uma forma de energia curadora, a que chamou de “magnetismo animal” pela primeira vez em 1775.

Combinando seus conhecimentos médico-acadêmicos com as novas técnicas que vinha consolidando, realizou curas verdadeiramente dramáticas. Isto suscitou a cólera de seus colegas, que o acusaram de praticar a

magia e acabaram conseguindo sua expulsão da Áustria.

Mesmer estabeleceu-se em Paris, onde obteve renovado êxito profissional e social, tornando-se o médico da moda. Mas ali também foi perseguido pelos seus colegas de profissão que o acusaram de impostura e charlatanismo. Uma comissão de sábios nomeada pelo governo para examinar seus métodos concluiu que, realmente, ele obtinha curas importantes, mas que seriam atribuíveis a causas desconhecidas e não ao magnetismo animal.

Desgostoso, Mesmer abandonou a medicina. Viveu algum tempo em Versalhes e, em seguida, passou para a Suíça. Em 1814 mudou-se para uma pequena vila nas vizinhanças de Iznang, onde nascera, e ali morreu em 1815, aos 80 anos de idade.

A despeito da rejeição formal de suas ideias, e ainda que muitos não o admitam até hoje, as energias que Mesmer conheceu sob o nome genérico de magnetismo animal foram reconhecidas no contexto do espiritismo e são objeto de crescente interesse da ciência moderna, o que situa o combatido médico austríaco como um dos precursores do que Stefan Zweig chamou de “a cura pelo espírito”.

A língua inglesa dicionarizou o verbo *to mesmerize* e as várias formas substantivas e adjetivas para significar a influência magnética ou hipnótica de alguém sobre outrem, ou até mesmo em sentido figurado.

## 8. Perplexidade

Lido o texto, apagamos as luzes mais fortes e diretas, fizemos a prece inicial e nos preparamos para a tarefa daquela noite. Os amigos espirituais trouxeram sua palavra habitual de saudação, sempre muito breve e discreta.

Dali a pouco, manifestava-se o companheiro trazido para dialogar conosco. Sempre os recebemos com uma expressão de afeto e boas-vindas, deixando-os expressarem livremente seus pensamentos, a fim de colher elementos com os quais possamos ajudá-los, na medida de nossos recursos.

Aquele irmão apresentava-se agitado e contrafeito. Por que o obrigavam a estar ali? Não gostava do nosso trabalho, nem de nós. Fora apanhado no que identificava como *armadilha*. Pedira mesmo aos seus companheiros que o dispensassem da tarefa marcada para a noite, ou que, pelo menos, adiassem a sua presença ali, pois não se sentia preparado para levá-la a bom termo. Precisava de mais tempo, de muito tempo ainda. Não podia mais fazer o que viera determinado a fazer. Ironia! Logo ele que tinha uma enorme responsabilidade na sua instituição. Pela posição que ocupava, precisava dar o exemplo aos seus subordinados e viera exatamente por isso, ou seja, para mostrar aos seus companheiros como se faz um trabalho bem feito. No entanto, fora “derrubado pela raiz”. Sentia-se constrangidíssimo. Tudo saíra errado! Viera especificamente para nos testar e ridicularizar. Mandara preparar um extenso e substancial dossiê a respeito de cada um dos membros encarnados do grupo, a fim de expor publicamente nossas mazelas espirituais, imperfeições e erros antigos e recentes. Desejava constranger-nos. E tudo saíra tão diferente...

\*

Já há algumas semanas vínhamos trabalhando junto àquela organização das sombras, uma das mais impiedosas das muitas que procuramos atender. Há neste livro várias histórias pessoais de companheiros dessa ampla e dura instituição. Incumbia-se de cobrar faltas alheias, certamente para esquecerem-se ou adiar o resgate de suas próprias. Eram especialistas – verdadeiros técnicos – em atormentar e torturar seres humanos.

Manipulavam com fria e eficiente competência os mecanismos da culpa e os dispositivos da mente, por meio da hipnose, do magnetismo e de outras práticas. Como tivemos oportunidade de conversar com muitos deles, em vários níveis e estados mentais, foi-nos possível fazer um levantamento bastante completo, não apenas das suas estruturas como de seus métodos de trabalho.

Eram procurados por aqueles que tinham contas a ajustar com inimigos nas mãos de quem haviam sofrido. O caso era examinado em todas as suas minúcias e, se chegassem a um acordo proveitoso a ambas as partes, a tarefa nefanda era planejada e montado o dispositivo de cobrança que entrava em ação no momento oportuno. Ainda veremos, alhures neste livro, o caso do pai que após uma existência em que sofreu tormentos inconcebíveis por ordem de seu próprio filho, levou o espírito deste acorrentado aos “técnicos” daquela tenebrosa instituição e pediu que transformassem o recém-desencarnado num cão. Assim foi feito.

Ali, portanto, negociava-se com o terror, a vingança, a tortura, a angústia nas suas expressões superlativas. Piedade? Remorso? Nenhuma e nenhum. Não eram todos criminosos perante a lei? Na realidade, consideravam-se benfeitores da humanidade: “Já pensou naquela malta solta por aí a perturbar?”

Quanto à estrutura administrativa da estranha e terrível organização, um de nossos médiuns teve oportunidade de entrevistá-la com auxílio de nossos mentores. Toda a hierarquia sentava-se em cadeiras dispostas em fila, numa espécie de escadaria, na qual, quanto mais acima, mais importante os chefes. Lá em cima, na última cadeira, imponente como um trono, sentava-se a figura máxima, o dirigente maior.

Nosso companheiro daquela noite não era o chefe, mas também não

estava nos primeiros degraus da escada. Diríamos que era um dos componentes do “segundo escalão” daquela terrível hierarquia.

Para entender o que ele vai narrar daqui a pouco, precisamos, antes, contar um episódio que se passou com um de nós, componentes encarnados do grupo.

\*

Findava-se já o dia e como nos encontrávamos em pleno inverno, as sombras da noite envolviam a cidade imensa e sofrida. Nossa companheira repousava das suas canseiras quando soou a campainha da porta principal de seu apartamento.

Ao atender, não identificou prontamente a pessoa. Era jovem, parecia cansado e evidentemente estava tenso. Depois se lembrou dele. Semanas antes – ou seriam meses? – ele estivera ali, em companhia de um irmão mais velho, para instalarem um aparelho eletrodoméstico. Vinha ele agora oferecer seus serviços, pois era um trabalhador autônomo.

A dona da casa nada tinha no momento para ele fazer. Havia, porém, algo aflitivo nele, um tom mudo de urgência, de agonia tão bem dissimulada quanto possível, mas não menos angustiada. Nossa companheira sentiu que precisava ajudá-lo de alguma forma. Não quis, porém, humilhá-lo com uma esmola. Emprestar-lhe algum dinheiro? Também não parecia boa solução. De repente, como se lembrasse de algo que até então não lhe ocorrera, disse que tinha, sim, um problema que ele poderia resolver. Mandou-o entrar e indicou-lhe a tarefa, aliás, singela, sem nenhum caráter de emergência, e que ele executou prontamente, em minutos.

O pagamento foi extremamente generoso, desproporcional ao serviço feito. Parece, no entanto, que ele entendeu que o trabalho fora apenas o pretexto para ajudá-lo sem humilhações desnecessárias. Era tão jovem e simpático; parecia “um bom menino”, embora sofrido, batido pela adversidade da cidade grande e impiedosa. As agonias deviam ser muitas, porque exibira uma receita médica ainda não atendida para socorrer um filhinho de colo, e enquanto trabalhava perguntou à dona da casa se ainda

encontraria um supermercado aberto...

Vida dura, horizontes limitados e dores ilimitadas...

\*

Ouçamos, agora, o companheiro espiritual que viera preparado para nos submeter aos maiores vexames.

Tomamos o diálogo entre ele e o doutrinador no ponto em que ele ainda reluta desesperadamente entre as razões pessoais que o puxam para um lado, e a fidelidade que deve aos seus companheiros de direção na terrível instituição das sombras.

– Mas eu devo fidelidade aos meus companheiros! – diz ele.

– Você deve fidelidade também à Verdade – retruca o doutrinador.

– Eu saí para testar vocês e acabei eu sendo testado.

– Como você se saiu do teste? Saiu-se maravilhosamente bem, acho eu, do ponto de vista ético. Porque com todas as informações de que dispõe no momento, você não se sente encorajado simplesmente a ignorar os seus sentimentos e a dizê-los. Portanto, você está provando que tem uma substância muito boa no seu espírito, a despeito dos seus enganos. É natural. O que você viu entre nós? Que somos espíritos falíveis, que estamos cheios de mazelas, de defeitos, imperfeições, como você... Somos todos irmãos. Não há grande diferença entre nós, não é verdade?

Ouve, em silêncio. Quando retoma a palavra, sua voz está densa de emoção. Fala pausadamente, com dificuldades muitas e, pouco adiante, em pranto mesmo.

– Mas acontece – diz ele – que vocês costumam nos considerar como espíritos grosseiros... maldosos...

– Não... Não! Aqui neste grupo não temos essa prática. Absolutamente.

– Insensíveis, perturbadores... Tudo isso é verdade; está certo!

Embora o doutrinador continue a negar veementemente, o que é estritamente verdadeiro, ele prossegue:

– Está certo, sim. Nossa condição de trabalho nos coloca numa posição que, se encontrarmos alguém que precisa sair do caminho e podemos tirar,

não olhamos os meios que vamos empregar. Sou franco... Nós o retiramos.

– Isso não os torna nossos inimigos, ouviu? Ele prossegue, inexoravelmente:

– Mas acontece, meu amigo, que, apesar disso, somos seres humanos também. Temos afetos. Temos familiares. Familiares que estão lutando aí, como vocês estão lutando... numa luta até mais pesada. E eu tenho alguém aí, neste mundo de vocês que já me foi um filho muito amado, companheiro de mais de uma existência. E que tenho procurado ajudar, mas... nem sempre os nossos meios surtem efeito. E eu tinha saído... Acho que você está começando a entender... Eu tinha saído para atender às tarefas programadas para mim...

As tarefas programadas, o leitor já sabe quais são: coletar todas as informações, preparar o dossiê, e ir ao nosso grupo para nos “testar”, como disse.

– ... Mas senti um apelo... Porque, você sabe, onde há alguém que a gente já amou, existe uma certa ligação que você não corta, mesmo que ele esteja em outra dimensão. Não corta. Eu senti os apelos aflitos. Não que ele apelasse para mim, que nem sabe da minha existência, mas senti seus gritos íntimos de aflição; o filhinho doente, e sem os meios...

Neste ponto, o doutrinador lembra-se com todo o impacto emocional do episódio que lhe fora narrado ao telefone pela companheira que, àquela altura, jamais poderia suspeitar das vastas repercussões do seu gesto. Ninguém seria capaz de imaginar aquele estranhíssimo conjunto de circunstâncias que levava à porta da casa dela alguém tão intimamente ligado a um dos dirigentes da organização que nos estava dando encarniçado combate.

Mas ele prossegue:

– Então, em vez de atender à minha tarefa, fui primeiro *puxado* por aquele grito de aflição e fui... E o encontrei... cansado, aflito, e não sabia o que fazer, porque não tenho os meios materiais na mão – e eu me esqueci do que tinha a fazer. Fiquei simplesmente junto dele. Até que, de repente, ele toma a condução e tomei junto, porque estava ali e porque a única coisa que eu podia fazer era ficar ali, pois eu não... eu não tenho pureza para ajudar.

Fiquei perto, sentindo com ele. Ele saltou da condução; eu saltei junto. E ele vai... ele vai pedir socorro exatamente.. .

– Eu sei; exatamente à pessoa que você...

Era uma das pessoas a quem ele visava expor ao vexame em nosso grupo mediúnico.

O companheiro já não consegue falar. As palavras saem arrancadas, as frases se interrompem, cortadas pela emoção que o sufoca e ele exhibe sinais de uma aflição “física” alarmante. Pouco depois nos explicaria as razões, como veremos.

– Ah, que dor!

O doutrinador pede-lhe as mãos, enquanto ele geme, tomado de uma crise de caráter “circulatório”. Depois retoma a palavra:

– Você compreende a minha perplexidade...

– Sim, meu querido. Você não precisa dizer mais nada.

– Por isso é que eu fugi. Fugi! Estava tão confuso... Fugi naquela semana e fugi de vir aqui, porque... O que poderia eu dizer ou fazer esta noite, aqui, quando vocês me socorreram uma alma tão querida! Não posso emocionarme porque ainda trago os sinais do que motivou o meu último decesso. (Desencarnou, portanto, numa crise cardíaca). E se me emociono, começo a sentir os mesmos sintomas.

Neste ponto damos-lhe passes, com o objetivo de aliviar as aflições circulatórias, resíduo da doença que, na última existência, causou a morte do corpo físico. Dentro de alguns instantes, ele parece restabelecido da crise psicossomática. Por fim, respira aliviado e diz:

– Obrigado.

O doutrinador retoma a palavra:

– Meu querido companheiro. Você disse que a sua perplexidade dificultava as coisas porque você não sabia o que dizer aqui. Você sabe que as coisas mais importantes a gente diz exatamente quando não sabe mais o que fazer. O depoimento tão belo, tão dramático que você nos faz aqui, nesta noite, encontra em nós uma só resposta: Muito obrigado!

Faz-se um longo silêncio, enquanto as emoções daquele momento quase místico e sagrado nos sacodem a todos por dentro. Por fim, ele diz:

– Não tenho palavras... Vivo há tanto tempo descrente da bondade, descrente dos sentimentos puros e, de repente, é como se eu fosse apanhado por uma onda que revirou tudo o que eu tinha construído. É muito desconcertante!

– Não... Você sabe que para reconstruir é preciso derrubar antes. É sinal de que as construções que você tinha no seu espírito não eram aquelas que convêm à sua evolução espiritual. Você apenas verificou mais uma vez – porque já observou isso no passado – a força irresistível do amor eterno e que é pelo amor que a gente se redime; porque foi um gesto de amor que despertou o amor em você, reacendeu a chama que vacilava no seu espírito. Através de todos esses tempos você conservou a afeição por um espírito que está em provações difíceis...

– Muito difíceis... *Muito* difíceis...!

– Vamos procurar ajudá-lo na medida do nosso alcance, independentemente de qualquer coisa que você nos tenha dito, porque devemos servir realmente àqueles que se aproximam de nós.

– É um bom menino... Muito bom menino... A vida é um suceder de perplexidades, desconcertos e surpresas...

– Isso é verdade; mas apesar do choque emocional que lhe causou, a surpresa foi salutar, foi positiva para você, porque o colocou em outro contexto. Você passou a examinar com mais interesse coisas que antes nem passariam pela sua cabeça.

– Mas, você olha para trás e... você que antes via algo construído, de repente, só vê um vazio terrível. Você não vê nada... De repente, é como se você estivesse no meio de um deserto.

– Olhe para frente, para as coisas que você vai construir agora, nesse vazio. É preciso esvaziar primeiro o local para nele construir alguma coisa.

– Mas e o tempo que perdi? De repente, cáí nesta... (realidade?) O tempo... o tempo...!

– Sim. Isso é verdade; mas você é um espírito imortal. Você dispõe de tempo para refazer as coisas. Você precisa aproveitar esta oportunidade que lhe foi concedida...

– Ah! Quanto tempo perdido...! Estou numa confusão terrível...

– Olha! Vamos lhe pedir uma coisa. Você, evidentemente, não deseja mais voltar para aquela posição que ocupava lá, nem àquelas funções, àquelas tarefas que procurava exercer. Você está numa armadilha. Deve escolher outro caminho, tomar outro rumo. E também você descobriu que tem amigos aqui, entre nós. Não somos adversários, não somos inimigos, nem consideramos você um réprobo, um ser perdido. Somos companheiros, também com faltas. Você sabe das nossas falhas porque as trouxe aqui, hoje, para mencionar...

– De repente, me dei conta de que a bondade existe...

– É verdade. Você tem aí a matéria-prima para reconstruir a sua vida.

– Reconstruir com escombros... Que posso fazer para apagar tudo isto, como se não houvesse existido? Você não pode fugir da sua própria realidade.

– É. Você não poderá *desfazer* tudo o que fez. Está feito, acabado. Mas pode reconstruir, pode recomeçar em novas bases, com uma nova filosofia de trabalho, com novos propósitos. E um dia você terá a felicidade de estar junto com esses companheiros a quem tanto ama. Aceite, por enquanto, a nossa oferenda de afeto...

– Eu vim aqui para agredir...

– Mas, meu querido, isso não importa.

– E tenho que agradecer.

– Não. Você não tem que agradecer. Agradeça a si mesmo a oportunidade que teve e ao Pai, e ao nosso Cristo, pois atrás de tudo isso há um propósito de libertá-lo.

– Meu Deus! – diz ele em pranto e aos brados – arranque de mim a maldade!

O doutrinador pede-lhe que não se aflija tanto e se propõe a orar, pedindo para ele um pouco de tranquilidade. Ele ouve, chorando baixinho, num terrível estado de angústia e desalento. Oramos também pelo jovem encarnado que foi seu filho em outros tempos. Ao concluirmos a prece, ele retoma a palavra:

– Tenho um profundo carinho por ele. Foi a única coisa de bom que eu consegui guardar dentro de mim.

– Não é a única coisa...

– Sim, eu não presto, não se iluda! Porque estou aqui assim, não pense que sou bom. Não pense que eu não iria prejudicar você, se tivesse uma chance... Se isso não tivesse acontecido.

– Sim. Tudo isso é válido. Estamos aqui com as nossas faltas, expostos às retificações. Nós, como você. Isso não importa; o que importa agora é que você precisa seguir outro rumo. Não se aflija ante a enormidade da tarefa que lhe cabe realizar. Deus está em nós. Você conta com o Cristo, tem recursos para refazer a sua vida, tem conhecimento, tem experiência.

– Do fundo do meu coração, não quero que ele cometa os erros que eu já cometi.

– Sim. Provavelmente ele está bem intencionado também. É jovem na carne e enfrenta as suas lutas e dificuldades, mas vamos tentar ajudá-lo. Vamos fazer aquilo que for possível. Você nos ajude com sua prece, sua vibração de amor, seu pensamento de compreensão, de caridade para as lutas não apenas dele, mas de todos aqueles que, em condições semelhantes, estão sofrendo consequências de passados erros.

– Ah! Vocês não podem imaginar a agonia de uma alma que quer ajudar um ser que ama e não pode!

– Sim, meu querido. Você pessoalmente, com as suas mãos, talvez não possa, porque, no momento, vocês estão em planos diferentes, mas existe uma força muito grande no amor, na prece. Deus é nosso Pai; seu, dele, meu, de todos nós. Você pode socorrer-se dessa fonte de energia para ajudá-lo, para acompanhá-lo com o seu afeto. O simples fato de você colocar-se numa posição de retificação já contribui para que ele também receba outro tipo de vibração. Por favor, se desejar dizer mais alguma coisa, estamos às suas ordens; senão, você pode partir com os nossos irmãos para repousar e tranquilizar-se, para poder repassar tudo isso...

– Vocês são estranhos... muito estranhos... Eu sei que ele sabe de tudo o que acontece – o companheiro que dirige vocês... Ele marcou a minha entrevista (com o grupo mediúnico). Eu disse o que pretendia fazer, mostrei o relatório e ele não me fez uma censura. Isso já me desconcertou. É uma coisa que a gente não sabe entender.

– É porque você estava em outro contexto, mas esta é que é a realidade do amor. É esta.

– Sempre achei um absurdo que o Cristo se deixasse matar numa cruz por pessoas que ele mal conhecia. Mas isto é quase tão desconcertante quanto o que ele fez.

– Vejo que você observou muito bem a lição que lhe foi proporcionada pelo Pai, através das suas leis. Vejo que você percebe todas as suas implicações, as suas consequências, seus valores...

– De repente, é como se explodisse algo dentro da minha cabeça, e cada nova situação aumenta o meu estupor. Tenho vergonha de sair daqui. Não vou olhar essas pessoas...

– Dá licença. Você nos trouxe uma lição muito preciosa.

Nós lhe agradecemos do fundo do ser a oportunidade que nos traz de servi-lo. Muito obrigado. Deus o abençoe. Não se envergonhe de ser bom, de demonstrar o amor, o afeto, nem de haver passado por essa situação. Tudo é válido se estamos procurando ajustar-nos à verdade, à realidade do amor. Muito obrigado pela sua dramática e sincera confissão.

– Ah! Meus amigos... Se posso lhes dizer uma palavra, alguém que conhece a vida na carne centímetro a centímetro, as decepções, as dores... Aproveitem a vida no bom sentido, porque eu não soube aproveitar enquanto estava aí. Depois... depois... Meus Deus! É tarde...

A dramática advertência é feita com enorme dificuldade porque as palavras são arrancadas, uma a uma, por entre lágrimas incontáveis.

– Não. Não é tarde. Você vai poder recomeçar. Tenha paciência. Não se desespere e não se aflija mais do que o necessário. Segue, então, com o nosso companheiro. Você vai entender melhor as coisas agora. Vai em paz. Que Deus o abençoe. Não é tarde, não. É sempre tempo. Há muito tempo para que você recomece. O tempo perdido está realmente perdido, mas você pode usá-lo bem daqui para frente. Está bem?

– Muito obrigado! Muito obrigado... Não adianta dizer as palavras. Se eu pudesse, tirava o meu coração e o botava em *ci-ma des-ta mesa...*

O resgate desse irmão precipitou graves acontecimentos na organização à qual ele servia como um de seus líderes. Podemos imaginar o impacto que a sua dramática e inesperada confissão causou entre os seus pelo verdadeiro estado de estupefação em que se apresentou o companheiro seguinte, ainda naquela mesma sessão. Disse-nos este que viera como uma espécie de assistente para trazer “a papelada”, ou seja, os tais dossiês que continham o material a nosso respeito.

– Você não sabe quem é aquele homem! Isso vai dar pano pras mangas. Vai dar um bolo dos diabos! – disse ele na sua linguagem colorida. A reviravolta foi tão séria que nossas tarefas junto daquela organização terminaram antes do prazo esperado, porque as coisas se precipitaram lá.

De tudo isso, porém, o maior impacto talvez tenha sido sobre nós mesmos, ao testemunharmos, assim ao vivo, a força tremenda do amor, da solidariedade humana. Mesmo naquele coração endurecido e desencantado – era conhecido no seu grupo como “O Impenetrável” – a chamazinha do amor vacilava e hesitava, mas nunca se extinguiu.

Já de outras vezes tivéramos a oportunidade de servir, sem o saber, companheiros encarnados muito ligados por laços de afeição a esses irmãos desarvorados, empenhados em nos criarem dificuldades e aflições. Este foi, porém, o caso que mais fundamentalmente nos tocou o coração, pelo seu denso conteúdo humano. Dificilmente nos esqueceremos do aturdimento daquele irmão que viera para nos destruir moralmente, se possível, e que terminava desejando colocar seu próprio coração sobre a mesa...

Não ficamos sabendo das razões mais profundas das suas angústias e do seu terrível desencanto. Nem como e por que se envolvera com aquela horrenda instituição que negociava com a tortura. Não recorremos à costumeira regressão de memória, nem o questionamos sobre o passado, a fim de ajudá-lo a construir o futuro. Para nós ele foi o irmão desesperado, perplexo, aturdido que trazia uma dor enorme, uma afeição imortal, e estava em estado de choque por haver descoberto que a bondade existia *mesmo, de verdade*.

Havia subitamente penetrado num contexto totalmente diverso daquele em que até então vivera. Eram estranhos os fatos que ele testemunhava,

estranhas as palavras que ouvia, as emoções que experimentava, as pessoas que encontrava. Parecia estar num outro universo, incompreensível ainda, mas que ele sabia ser real. Olhando para trás, via só a aridez vazia do deserto, no qual somente restavam escombros...

## 9. Rédea solta

Logo que se retirou, o companheiro cuja história reproduzimos sob o título “Perplexidade”, apresentou-se aquele que viera em sua companhia. Não só o tom era outro, mas a linguagem deliberadamente popularesca e pontilhada de gíria, atitude, aliás, que ele explicou no decorrer do nosso interessantíssimo diálogo.

Sua primeira reação foi de espanto:

– O negócio está feio, hein? A barra tá pesada aí que não tá fácil. Ih! Longe, fica longe de mim. Já nem sei se devia estar aqui hoje! Você não sabe quem é aquele homem! Nossa... Ih! Isso vai dar pano pras mangas; isso vai dar um bolo dos diabos; vocês nem imaginam... Eu vim com ele, sim, vim assessorando, trouxe as papeladas... Eu sou lá da arraia miúda... Aquele homem lá é chamado “O Impenetrável”. E dá uma dessas? Olha, vocês são bruxos! Eu não quero nem conversa; nem olhe pra mim, por favor. Que eu dou minhas pernadinhas, também, claro. Tenho lá meus servicinhos, que dou conta... ó... ali, certinho, trancham. Que faço? Executo ordens. Sou eu que faço os bedéis aí (médiuns) ficar no que eles chamam em condições, sabe? Sou aquele que faz a aproximação. Sabe? “Alô, como vai? Você é um ótimo tarefeiro. Está vendo como você está executando bem?” E isso, aquilo, e aquilo... E vou preparando ali o ambiente do fulano pra ele ficar, como eles dizem lá, “receptivo”.

– Sim, mas não com essa linguagem que você está usando aí.

– Depende. Depende do “cara”. Se é um que usa essa linguagem, tenho que falar assim. Pra você lidar com o jovem hoje, meu caro, se você usar outra linguagem, eles nem te ouvem. Você tem que fazer a linguagem ali, ó... Pra isso é que eu sou o preparador. Aí, depois, vem o outro. Depois que ele já me aceitou, já está ali na maior fraternidade, vem um companheiro mais sério. Tenho conseguido muita coisa. Olha, nunca saí para um serviço

que voltasse sem trazer ele cumprido. Minha parte está ali, com todos os detalhes. Depois, ele é que encaminha direito ou não, aí não tenho nada com isso. Minha parte ali é aquela.

– Então você é um trabalhador respeitado, considerado...

– Respeitado.

– Como é que você disse que está lá atrás na hierarquia?

– Estou... porque não faço parte da “escadinha”.

– Por que você está lá? Você gosta daquele trabalho?

– Gosto.

– O que você está fazendo lá, a não ser isso? Está esperando o quê?

– Você acha que isso já é pouco, é? Você está pensando que sou um João-ninguém qualquer? Quer que eu use uma linguagem erudita? Posso usar também. Conforme o ambiente...

– Não, desculpe. Minha pergunta não foi bem formulada. O que eu queria perguntar é se você tem algum objetivo futuro com a sua permanência lá. O que você visa?

– Claro que tenho, meu amigo. Quando o pessoal todo estiver lá... Olha, já desocupou uma cadeirinha (do companheiro que o precedeu ali no grupo mediúnico), que, pelo jeito que eu vi, esse aí não volta. Se voltar, ó, tá na degola... Já posso conquistar a cadeirinha... Já é um começo.

– Mas por que você disse que quando o pessoal todo estiver lá... Como é isso?

– Quando a gente *tiver* com o esquema todo pronto, claro que vou ter também meu lugarzinho. O esquema para ocupar aquele determinado lugar, ora. Cada um vai ter o seu e eu também vou ter o meu. A gente já está preparando lugar para quando voltar para aí, como vocês dizem, não é? (Reencarnação). Eles estão preparando caminho. A gente faz isso. Preparando o caminho para quando chegar aqui já ter o caminho aberto, direitinho; ninguém vai barrar a trajetória da gente. Vamos chegar lá.

– E depois de ter esses lugares todos, o que vocês vão fazer?

– Fazer o quê, meu amigo? Vamos controlar o negócio! Controlar, dirigir, ué.

– Pregar o Evangelho.

– Ué, e isso... Claro, vamos pregar a doutrina que serve para o homem, doutrina adaptada. Mas isso é outro ramo lá que cuida.

– Você deve saber tudo direitinho, ou você apenas cumpre ordens?

– Não. Discutimos.

– Você faz parte também dos que decidem?

– Eu não decido, propriamente, mas posso opinar. Lá tem muita disciplina. Lá com a gente não é de qualquer jeito, não. Tem que ter disciplina; tudo ali certinho, cada um faz o seu trabalho, espera sua vez.

– Você então não é dos últimos, como disse.

– Em comparação com ele...

– Você não tem uma cadeirinha lá...

– Agora, já não digo que não tenha. Já tem uma vaguinha...

– Então você não está preocupado com ele?

– Não. Preocupado com ele, por quê? O problema é dele. Nesse mundo, meu amigo, é cada um por si. Não tenho nada com ele.

– Não é dele só, porque você disse aí que é tudo disciplinado...

– Sim, mas na hora da decisão pessoal cada um responde pelo que faz. Não tenho nada com ele. Achei ridículo o papel dele aí, mas nem falei nada, porque respeito. Ele é um superior meu. Superior você respeita; mesmo que ele esteja na pior, você continua respeitando.

– Você, então, acha aquilo tudo lamentável...

– Tremendamente. Perdeu uma excelente oportunidade. Eu já tinha ouvido lá que ele ia ser promovido. Perdeu chances excelentes, mas, enfim... Eu é que não vou perder a minha, meu amigo... Por isso vou dizer uma coisa; se fosse vocês eu me cuidava. Sabe que me cuidava? Me cuidava, porque o que vem por aí, não está no gubi, como vocês dizem aí. O que vem por aí é barra pesadíssima pro lado de vocês.

E vai logo prevenindo que não é desses que têm o coração mole, não. A vida o forjou diferente. É como ferro fundido – que não se dobra. O doutrinador lembra que não dobra, mas pode quebrar. Ele responde que sendo boa a liga, isso não acontece. Se foi a vida que o ensinou, lembra o doutrinador, não teve também o ensinamento das boas coisas, como, por exemplo, o amor?

– Essa conversa sua é desde o tempo que existia aquele quarteto, lembra?

– Que quarteto?

– Aquele quarteto, assim, em ‘x’.

– Ah, sim.

– Essa conversa vem desde aquela época. Eu já te conhecia. Eu era de lá, sabe? Acabou o negócio lá, eu mudei.

– Sei, mas o amor já existia antes do quarteto.

É necessário traduzir essa linguagem cifrada para o leitor. Há alguns anos, s trabalháramos junto a um grupo composto por quatro líderes autônomos, cada qual com a sua estrutura própria, mas que se reuniam regularmente para traçar planos e discutir técnicas de implementação. Era uma vasta instituição, uma espécie de confederação com certos objetivos comuns, em paralelo, com tarefas e metas próprias. Como tivemos a felicidade de conseguir convencer os quatro líderes a abandonarem as aludidas tarefas, as respectivas instituições foram desativadas.

O companheiro daquela noite procurara refúgio na organização que agora representava ali, junto de nós.

Confessa pouco adiante que o episódio daquela noite foi uma lição para ele, pois acabara de comprovar que “sentimentalismo é água na fervura”. Ele era um daqueles que torturavam sem dó nem piedade, lá no grupo deles. Pois não estava tudo na lei? E a lei não é a justiça? Todo mundo tem processo e é investigado, julgado e tudo, direitinho. Defesa? Não. Para que defender criminoso? Uma vez provada a culpa, o indivíduo é agarrado e submetido às penas da lei. Tudo simples e direto. Se ele também tinha cometido crimes? Sim, crimes menores...

– Uma torturazinha, por exemplo – diz o doutrinador.

– Esses são crimes *úteis* – diz ele. Eles dão experiência. Você tem de ter uma certa experiência da vida.– É experiência para o que sofre também? – A pergunta parece tão estapafúrdia que ele nem a entende.

O quê? – O doutrinador explica a razão da sua pergunta e então ele reitera:

– Você tem de ter a experiência de já ter feito isso. Para eles lá isso é interessante. Você chega e eles perguntam: “Sabe como se faz isso?” E você:

“Sei como é que faz”.

– E se eles perguntarem: “Sabe como é que se sofre?” Como é que você responde?

– Claro, sei. Não estou cansado de ver gente sofrer?

– Não. Você já experimentou? Você disse que tem de fazer para saber. Não é isso que você disse?

A pergunta parece apanhá-lo de surpresa. Ele faz uma pausa e volta a um assunto já abordado, alegando que o doutrinador cortara-lhe a frase.

– Eu estava dizendo que o que vem para vocês aí... se eu fosse vocês saía de baixo.

– Mas eu não cortei, não. Você disse isso.

– Mas eu não terminei... Não vai ser fácil, não.

– Você também já disse isso. Já falou.

A essa altura ele começa a ficar meio confuso, mas ainda animado. Ao mesmo tempo em que aconselha que não nos metamos na vida dos outros, o doutrinador lembra que o trabalho dele consiste precisamente em se meter na vida dos outros, pois é um homem de contacto, para recrutar os tais “bedéis” encarnados para colaborarem nos objetivos da sua instituição. Ele até aproveita para falar em alguém que bem conhecemos e que, a seu ver, está fazendo um trabalho magnífico, pois é uma grande inteligência. “É amigo nosso” – diz ele. Não é como o doutrinador que ficou parado no tempo, com as suas ideias *medievais*, atrapalhando os que querem passar. Ainda naquela mesma noite acabávamos de eliminar uma pessoa *u-ti-lís-si-ma*... Foi por causa das nossas ideias “retrógradas” que aquilo aconteceu. É preciso tirar essa gente toda da canga; gozar a vida. “Seja você mesmo – esse agora é o nosso lema...”, diz ele, já um tanto exaltado.

Acha mesmo que submetemos o companheiro que o antecedeu à hipnose para ele dizer o que desejávamos que ele dissesse. Aliás, reconheciam todos que dispúnhamos de certos recursos – não muito leais, a seu ver.

Sabiam muito bem que todos os seus companheiros que compareciam ao nosso trabalho estavam se arriscando e precisavam ter o máximo cuidado. Era o mesmo que “entrar a mosca na casa da aranha”.

– Quando a gente vem aqui eles já dizem: “O, você já vai para a casa da

aranha. Cuidado com a teia!” Os bobos caem na teia.

– E ele era bobo?

Não tem resposta; mesmo porque, disse, de início, que era um homem temível lá na instituição deles. E comenta:

– Você tem uma linguagem tão... às vezes tenho a impressão de que você usa linguagem cifrada. Estou aqui falando tanta coisa e você diz uma palavra que não encaixa no que eu digo!

Não é bem isso. O que ele reconhece, mas não quer admitir explicitamente, é que certos comentários, às vezes, pegam-no de surpresa e ele não tem como refutá-los.

– Você não servia para ser músico – retoma ele, visivelmente tocado em algum ponto, mas ainda firme, pelo menos no tom de voz. – Você ia ser daquele que desafina toda hora. Ia atrapalhar a orquestra. A orquestra está ali, tocando, pá-pá-pá, e você: pim! E pronto! Aí para tudo.

– Suas imagens são vivas – diz o doutrinador–, mas não fazem justiça à sua inteligência. São muito vulgares.

Ele fica algo desapontado, mas desculpa-se, dizendo que se habituou a tais expressões para abordar determinadas pessoas e elas se tornaram quase um hábito. O objetivo do doutrinador é mudar o nível da conversação, uma vez que percebe no companheiro algo mais profundo do que faz supor aquele colorido palavrório. Mas ele insiste que precisa daquela linguagem, não propriamente vulgar, mas *popular*, pois é esse o seu trabalho. E aqui, novamente, fica o doutrinador com uma oportunidade de dizer algo que o leva a uma pausa para pensar.

– Você está muito dentro de casa – diz ele. Precisa sair mais em campo para ver qual a linguagem que se fala por aí.

– Mas você está se queixando exatamente porque eu saio em campo...

Longa pausa. E depois:

– Ué... Não estou dizendo? Ele solta uma notinha assim dissonante, ó...

– Sabe o que aconteceu, meu caro. É que quando a orquestra está desafinada, a nota afinada parece fora de propósito. E ele, meio irônico:

– E o amigo, por certo, tem a nota afinada?

– Não, mas o Evangelho tem.

Nova pausa, mas ele volta à carga:

– Meu amigo, você me desculpe, mas estou habituado a essa linguagem. O Evangelho de Jesus *já era...*

– Mas vocês não querem as estruturas exatamente para pregar o Evangelho?

– É, mas a gente vai pregar *UM* Evangelho, não é *O* Evangelho.

– Mas em que ele muda?

– Espera. Você não tem nada a perder. Espera... Pouco adiante, quando o doutrinador fala sobre as mensagens falsas que estão sendo divulgadas, ele se finge muito ofendido.

– Falsas? Que é isso, meu amigo. Falsas, não. Se você disser *adulteradas*, sim, mas falsas, não.

A essa altura, já temos dele um retrato psicológico razoavelmente fiel. Embora o diálogo ainda prossiga por algum tempo, a magnetização começa, a fim de podermos alcançar o núcleo principal de seus problemas pessoais. Ele ainda propõe um acordo de última hora: assinaríamos uma declaração, segundo a qual nos retirariamos do trabalho ou introduziríamos modificações fundamentais. Era, aliás, o documento que o seu superior trouxera e com o qual pretendia encerrar as negociações conosco, após haver exposto todas as nossas fraquezas e mazelas. Propunham, por exemplo, uma reunião semanal durante a qual atenderíamos a consultas específicas de orientação, às quais – é claro – eles dariam toda a cobertura necessária. Poderíamos até – disse ele – usar roupas próprias, de vez que isso impressiona muito bem os assistentes e consulentes. Outra opção estava em recebermos comunicações de pessoas desencarnadas, com todos os detalhes, nomes, datas, tudo. Seria fácil para eles “desenvacar” tais coisas. (O verbo é dele). Infelizmente para eles, nada disso era do nosso interesse.

– O que você quer *pessoalmente*? – pergunta ele, já bocejando. Posso fazer muita coisa para você...

Momentos depois, mergulha em sonolência, com a voz arrastada e protestando que a “teia de aranha” começa a envolvê-lo. Faz um esforço sobre-humano para levantar a cabeça e despertar, mas não tem mais o controle da situação. O doutrinador propõe-lhe a regressão no tempo, onde

estiverem as lembranças que o perturbam.

\*

Sua primeira palavra, após uma longa pausa, é um nome de mulher:

– Evangeline... Evangeline morreu...

– Onde você está?

– Rouen. (1) Morreu...

– Como foi que ela morreu?

– Nas patas de um cavalo.

– Você estava lá? Você a viu morrer? Quem é você? É evidente que ele reluta ainda em dizer, alegando que não sabe, parecendo esquecido do episódio, que obviamente está bem nítido na sua memória agora, embora lhe seja tudo muito penoso, como se pode depreender.

– Está confuso. Não consigo pensar. Ai, minha cabeça... Não posso pensar. Não devo. Não devo...

Tem de vencer sólidos bloqueios para chegar aos fantasmas interiores que ele escondeu, precisamente porque muito o incomodavam. Por fim, uma palavra isolada:

– O cavalo...

– Sim, ela estava montada? Você é que estava montado?

– Não posso... Não consigo...

– Pode sim. Formule o seu pensamento que ele chega até nós. Não procure ocultar de si mesmo aquilo que você tem registrado na memória. Coragem. Você não me disse ainda o que aconteceu. Disse apenas que Evangeline morreu atropelada por um cavalo. Continue.

Pouco a pouco, começa a desdobrar-se o drama:

– Evangeline tem se encontrado aí com esse... com esse... camponês. Eu já proibi.

– Ela é sua filha?

– É. Ela só tem doze anos. Eu proibi, mas ela não obedeceu. Ela é muito teimosa. Ela mandou um criado chamá-la. E eles se encontram. E ela vai ali para aquele lago que temos lá no fundo da propriedade.

– É uma casa? Um castelo?

– É um castelo. (E corrige). É um pequeno castelo... não chega a ser um castelo. E eu vou lá hoje, a cavalo, mas ela fica sabendo e volta; corre e eu vou perseguindo o camponês. Eu quero... eu posso atacá-lo por invasão e por corrupção. Corro com meu cavalo e já estou perto de alcançá-lo e ele corre também no seu cavalo. Eu não posso permitir isso, não é? E ela, de repente, sai de trás de uma sebe e grita: “Papai! Não!”

Mas o cavalo já está com toda a rédea e não para. E não para!...

– Ela morreu, então?

– Eu não a matei. Não; eu não a matei! Não mataria minha própria filha... Foi ele, foi ele! Ah, a tristeza, o luto... Eu quase enlouqueço a sua mãe... É nossa única filha e ela não pode ter outros filhos. Ela levou uma queda e nunca mais poderá ter filhos. Ela está tão linda... (Tempo presente). Linda, com sua coroa de flores, toda de branco. Não vou deixar que a enterrem. Não posso deixar. O seu rosto está manchado. Eu vou pegá-lo. Ele nunca vai fugir de mim. Nunca, nunca... Nunca ele vai se livrar de mim.

– E você saiu para procurá-lo?

– Sim; até hoje eu o procuro. Sei onde ele está. Fiz um processo contra ele. Fiz uma queixa-crime contra ele.

– Ele está aqui, na carne, ou no mundo espiritual?

– Ele está aí. E “eles” vão localizá-lo para mim. Eu só tenho de esperar e estou lá só esperando.

– Você não sabe quem ele é?

– Eu sei; mas não sei onde ele está.

– Sim, mas você sabe quem é ele aqui na carne?

– Não. Se eu soubesse já teria cobrado minha vingança. Mas “eles” já estão descobrindo. Nenhum criminoso foge “deles”. Este verde, que é tão lindo, ficou manchado de vermelho. A paisagem está toda manchada...

Ele se encontra, pois, totalmente regredido, como que de pé, a contemplar a cena da tragédia. Vê-se também aí exposto o mecanismo de recrutamento de grande parte de trabalhadores das sombras. E de como são eles, depois se atraídos, ali mantidos fiéis às suas tarefas, cumprindo ordens iníquas em cega obediência e até convicção. A criatura tem uma vingança a exercer

como objetivo prioritário de sua vida. Será capaz de tudo, de submeter-se a qualquer regime disciplinar, desde que lhe proporcionem a ansiada oportunidade de ter à sua mercê a desejada vítima.

É evidente, porém, que o problema do nosso querido companheiro não começa ali. Aquilo é efeito de uma causa anterior, reação de uma ação prévia que permanece oculta em algum escaninho secreto da memória. Por isso, o doutrinador procura levá-lo mais longe no passado, em busca do elo perdido naquele encadeamento de aflições.

São grandes suas resistências em mergulhar mais fundo no poço da memória, onde ele sabe existirem novos e aterradores fantasmas. Fica a repetir que quer ir embora, quer ir “ara casa”, mas acaba cedendo.

Após longa pausa, em que fica somente a gemer baixinho, queixa-se de que está tudo escuro, nada vê e a cabeça lhe dói, nos “lobos frontais da memória”, diz ele, que informa, a seguir, entender tudo a respeito do cérebro humano. Deve ter passado por uma forte indução inibidora, a fim de bloquear de maneira tão sólida as memórias anteriores, pois a sua resistência é obstinada.

De repente, começa a falar:

– Os sinos estão dobrando... Todas as manhãs... Por que os sinos dobram? Alguém morreu. Onde estou? É uma estrada. Eu vou ao enterro.

Insiste em dizer que está confuso e que não vem à sua cabeça o nome da pessoa morta. Não sabe. Tanta gente morre... Está confuso, dói a cabeça...

– Não posso, não *quero* lembrar nada. Não quero ver. (Pausa). Eu cometi um crime, mas não vou ficar trancado numa prisão. Matei uma jovem. Tenho um amigo e fiz esse amigo pagar pelo crime.

– Mas como foi isso? Você matou, por quê?

– E ele enforcou-se. Eu tenho dois crimes...

– Pela morte da jovem e pelo amigo que se enforcou?

– Sim.

Ainda reluta, contudo, em dizer por que matou a moça, dizendo que não sabe. O doutrinador lhe faz um apelo veemente:

– Meu filho, tenha coragem. Por favor, vamos contar tudo, para você poder entender esse drama. Coragem.

– É horrível... Eu queria muito determinada peça de ouro e vou conseguí-la. Essa menina que conheço, ela vem... Estou hospedado aqui... É a casa de uns amigos.

– E ela é filha dos donos da casa?

– Sim. E ela me surpreende, e eu a matei.

– E como é que é o amigo que ficou com a culpa?

– Ele dormia. Eu troquei a sua faca pela minha que estava suja do sangue (dela). Tínhamos bebido muito na noite anterior (durante a noite).

– E você ficou com a peça de ouro?

– Eu não podia, porque não queria passar por ladrão.

Eu gritei por socorro. Oh, eu fiz uma coisa horrível! O amigo era muito bom. E ele acordou, aturdido ainda pelo álcool e não entendia aquela faca. E ele gostava muito da menina. E eu o convenci de que ele a tinha matado durante a festa. E ele olhava a faca e olhava pra mim e olhava a faca e olhava pra mim, sem entender.

– E ele foi condenado e você escapou?

– Ele se enforcou.

– Ah, sim.

O doutrinador propõe, a seguir, que ele confronte na sua memória integral os dois episódios e procure, tanto quanto possível, identificar as pessoas envolvidas, a fim de que ele possa entender o que ocorreu.

– Isto é horrível – diz ele. Não, não... Não sou tão ruim assim.

Mas ele sente agora a compulsão de dizer tudo, e prossegue:

– Ele não era só meu amigo. Ele... ele... oh... (hesita, choraminga). Ele era... ah, eu tive de passar pela mesma dor... Ele era o pai dela! E eu fiz aquele horror!

– Mas você não sabia que ele era o pai dela?

– Sim, claro. Depois de abusar da sua hospitalidade... Eu era um estroina... Tive de passar pela mesma dor, na França, sentindo-me assassino da própria filha. Fui o assassino de minha filha, embora accidental. Eu não a matei, mas carreguei isso na consciência toda a vida.

– Os espíritos não eram os mesmos, obviamente.

– Não.

– E você não se recompôs com eles posteriormente? Você nunca mais os viu?

– Tive medo deles.

– E nem estes mais recentes? Evangeline e o moço? Ah, este você disse que estava procurando para vingar-se. Afinal de contas, ele não cometeu nenhum crime – apenas amou a sua filha. Você está agora disposto a perdôá-lo?

– Eu não queria a culpa. Eu não queria carregar na consciência aquele peso.

– Você ainda se vingaria dele, agora que você está sabendo de tudo isso?

Demorada pausa e um longo e sofrido “não”.

– Era isso, meu querido. Essa a conclusão à qual estávamos desejando que você chegasse.

– Mas eu não o matei.

– Sei; mas você disse que estava querendo localizá-lo para vingar-se.

– Oh, que horror!

– Está tudo entendido agora?

– Um dia eu estava tão desesperado que resolvi que ia me matar. Eu já estava com o veneno preparado... mas, coisa estranha!... de repente, apareceu-me a minha filhinha, linda como no dia da sua morte, com a mesma roupa em que eu a vi por último e com a coroa de flores. E ela disse: “Papai, você não me matou, papai. Foi a lei, papai”. E eu olhava e não via. Pensei que ela falava do juiz, num magistrado e dizia, “Mas, como? Fui eu...” E ela: “Não, papai; uma vez em Roma, passei com as patas de meu cavalo por cima de uma rival, com quem eu disputava um nobre senador”. E aí, eu disse à minha menina: “Você me perdoa?” E ela respondeu: “Sim, papai, é a sua consciência que carrega ainda um crime”.

– Sim. Está aí, então diante dos seus olhos, de sua consciência, a razão das suas dificuldades.

O doutrinador pede-lhe que não tome nenhuma medida que venha resultar em novos prejuízos para o seu espírito, antes de repousar e falar com irmãos espirituais mais esclarecidos. Ele concorda também em abandonar o trabalho que vinha fazendo, embora se queixe de estar ainda

confuso, em decorrência, por certo, das suas andanças pelos subterrâneos do tempo e da memória.

Pouco antes de partir, um problema imprevisto.

– Que faço eu desta chave? – pergunta ele. Preciso devolver a chave. Tenho as chaves das celas.

– Não se importe com isso. Deixe a chave aqui conosco.

– Deixo a chave? Pega, por favor, no meu bolso. Eu não tenho forças...

– Está bem. Vá agora com nossos irmãos.

– Pra onde?

– Você vai descansar. Você não vai ser desrespeitado, nem julgado e nem condenado. Vai apenas repousar, ouviu? Vai em paz. Que Deus te abençoe e proteja. Oraremos por você.

Em seguida, ele é desligado e parte.

\*

Não sei se ficou bem clara para o leitor, em vista das dificuldades da narrativa, a fantástica simetria das situações que viveu este companheiro, situações, aliás, que somente os próprios mecanismos da lei conseguem criar com essa incrível precisão, na medida certa para cada caso pessoal.

Numa passada existência, nosso irmão é ainda um estroina irresponsável. Recebido generosamente em casa de amigos, cobiça uma rara peça de ouro e planeja furtá-la, depois de uma noite de bebedeiras memoráveis. Surpreendido no ato pela filha do anfitrião, acha que não lhe resta recurso senão assassinar a menina, e o faz. Dessa maneira, para encobrir um crime que ficara apenas na intenção, ele comete um que o marcou inexoravelmente para um duro resgate posterior. Mas o seu crime não fica aí. Desiste do furto e arma uma trama verdadeiramente diabólica, na qual o pai da menina, vendo-se com um punhal ensanguentado nas mãos, se convence de que matou a sua própria filha e acaba enforcando-se, vencido pelo desespero. Observamos, ainda, que, ao narrar, pela primeira vez o episódio, ele sente tanto horror da situação que não consegue contar o que o amigo a quem ele imputou o crime era, de fato, o pai da moça. A

consciência, não obstante, exige-lhe a catarse completa e ele acaba contando tudo.

Na existência seguinte, na França, é um pai carinhoso que, por excesso de zelo e não pequena dose de orgulho, acaba atropelando acidentalmente a filha, no desesperado esforço de alcançar o jovem a quem ela amava. A dor o deixa realmente prostrado, pois não resta dúvida de que ele adorava aquela menina e que jamais a teria assassinado deliberadamente. Seja como for, transfere a culpa para o jovem namorado e chega ao ponto de filiar-se a uma organização, no mundo espiritual, estruturada para atender a tais situações, a fim de atingir aquele que ele considerava responsável pela sua dor. Curioso aqui que, de uma forma ou de outra, sua vítima lhe escapa, aparentemente porque a cobrança naquele caso específico seria indevida, portanto, injusta.

A lei, porém, segue seu curso inexoravelmente. E tal como o seu amigo em outra vida, ele também se dispõe a matar-se, mas permite-se – alguma atenuante, talvez – que o espírito da filha Evangeline lhe apareça no momento supremo e lhe explique a situação, ou seja, que ele não a matou voluntariamente e que ela própria também devia e ali resgatava falta já muito antiga cometida em Roma, quando atropelara alguém.

Em suma – e ele próprio o reconhece – o episódio em Rouen destinava-se a fazê-lo sentir na carne a dor de ter perdido uma filha, mas sem que ele a assassinasse deliberadamente, pois essa foi precisamente a situação que ele impôs ao seu antigo amigo. Para isso, vem para a sua companhia a moça que devia perante a lei, um crime por atropelamento.

Os episódios simétricos são apenas fragmentos de uma longuíssima trajetória espiritual. Muita coisa ainda teríamos a descobrir no emaranhado daquelas vidas, para saber as razões e motivações de tudo aquilo; tínhamos, porém, conseguido chegar ao denso e colorido núcleo de seus problemas. Conseguíramos apurar nas suas esquecidas memórias o suficiente para ajudá-lo a libertar-se daquele círculo de ferro e fogo.

Certo que esse companheiro deixou-nos, como tantos outros, uma funda impressão em nosso espírito, em razão da enormidade de suas aflições, mas também um verdadeiro assombro ante a fantástica precisão dos mecanismos

corretivos da vida, que criam com minúcias inesperadas todo o quadro da recuperação. Que seria de nós se a lei divina não nos concedesse tais oportunidades?

## **NOTA**

**ROUEN** é uma antiga cidade francesa, localizada no Departamento do Sena-Inferior, a 87 milhas – cerca de 140 km – a noroeste de Paris. Contava em 1976 com cerca de 370 mil habitantes. Foi antiga capital da Normandia e residência principal dos duques locais. Importantes eventos históricos ali tiveram lugar. Em 1087, por exemplo, lá morreu Guilherme, o Conquistador, que havia sido gravemente ferido em Nantes. Rouen foi também o trágico cenário do julgamento e da execução de Joana d’Arc, em 1431.

A despeito dos danos causados pela Segunda Guerra Mundial, a cidade conserva magníficos monumentos arquitetônicos, como a Catedral (séculos 12 e 13), as igrejas de St. Ouen e St. Maclou, o Grande Relógio e outros.

Ali nasceram Corneille, Fontenelle, Boiedieu, Armand Carrel, Géricault e Gustave Flaubert.

## 10. O cão de dom Alfonso

Na semana anterior ao encontro com este companheiro, cuja história se vai ler a seguir, sustentamos um dramático diálogo com aquele que dirigia a instituição junto à qual estávamos trabalhando já há algum tempo.<sup>6</sup> Tocado num ponto sensível – talvez o único que conservara no seu atribulado coração – o nosso querido irmão não teve mais condições de continuar o seu trabalho. Depois da conversa conosco, voltou à sua organização e expôs lealmente aos seus amigos comandados as razões que o levavam àquela duríssima renúncia. Causou, como é de supor-se, terrível impacto a sua fala. No aturdimento geral que se estabeleceu, as estruturas “físicas” da comunidade entraram também em desagregação. Era o caos que se instalava. Alguns elementos do segundo escalão, contudo, inconformados com a situação, resolveram reagir, reconstruir os danos causados e repor a instituição em pleno funcionamento. Como já vimos, alhures neste livro, esta era uma organização *sui generis*, totalmente devotada a cobrar dívidas alheias pelos processos mais sofisticados e implacáveis.

Foi nesse estado de coisas que recebemos naquela noite a visita do companheiro desta história.

Tamanha era a sua fúria que a custo conseguia filtrar o seu pensamento através dos bloqueios da gagueira. Mesmo assim, estava coerente e lúcido dentro da sua alienada indignação.

Começa declarando que não vai ceder de forma alguma.

Agora é que precisam demonstrar se são homens a fazer o trabalho com seus próprios recursos, sem a palavra de comando do chefe.

Quando o doutrinador o saúda, dando-lhe as boas-vindas, como sempre faz, ele responde áspero:

– Não seja hipócrita. Não posso ser bem-vindo aqui. Não tripudie sobre as minhas dificuldades. Queria que viesse aqui para chorar? Pois você não vai

ter esse espetáculo. Você é o próprio lobo em pele de cordeiro. Estou vendo você por baixo da pele. Ninguém me engana.

Não é hora de contestá-lo, o que somente serviria para irritá-lo ainda mais. Além disso, é preciso compreender que ele está realmente vivendo num momento de crise, talvez sem precedente, em sua vida. O seu mundo, aquele universo no qual vivia e trabalhava – e para ele era um trabalho como outro qualquer – estava ruindo, desmoronando, *peça por peça*, como ele disse. Não havia mais nada no lugar certo. Estava tudo um caos.

Pressionado de todos os lados por problemas que antes eram da alçada do chefe renunciante, não estava encontrando saídas fáceis, no estado de aturdimento. Queria vingar-se, mas queria também reconstruir a organização com seus companheiros.

Confessa a incapacidade de entender por que tínhamos que fazer aquilo com eles. Nunca se meteram com a gente e nada nos fizeram de mal. Por que tudo aquilo?

O doutrinador ponderou que não havíamos atacado ou invadido seu território. Não obrigáramos a ninguém a seguir outro rumo e nem mantínhamos ninguém prisioneiro. Que não pensasse ele que nos sentíamos felizes com tudo aquilo. Ele entendeu que *ainda* não estávamos satisfeitos.

– Ah!. Não está feliz, não? O que está faltando? Você queria entrar e chutar com o seu pé cada pedra? Devia estar feliz. Não está vendo o resultado do seu trabalho?

Foi-lhe explicado que não poderíamos nos sentir felizes com o seu estado de aflição, angústia e desespero.

Ele continuava firme no propósito de continuar lá. Era seu dever. Além do mais, a instituição estava bem estruturada e tinha sustentação e amparo de gente de nosso plano (encarnados).

Quando lembramos que não podia ser de Deus uma obra devotada à tortura, às punições, ele reagiu indignado: “E a sua obra é de Deus?” A seu ver, não podia ser, porque havíamos retirado companheiros seus de lá e os submetido a degradações, a torturas e vexames, obrigando-os a “botar os podres para fora” e a chorar. Além do mais, achava que seus amigos eram agora nossos prisioneiros. E ainda queríamos passar por bonzinhos? Como

se quiséssemos salvar todo mundo... tirar os pecadores do inferno... O chefe teria feito aquela cena lamentável porque estava perturbado; o que ele disse não deveria ser levado em conta, pois não sabia mais o que estava falando.

– Você não o conheceu – diz ele. Ele era o equilíbrio, a frieza, qualquer que fosse a situação.

O doutrinador se volta, a seguir, para a sua dificuldade em falar, pois a gagueira continua cada vez mais aflitiva, com o seu crescente nervosismo. Ele, porém, não deseja ser ajudado; acha que está bem e que cada um tem seu jeito peculiar de falar, o que nunca o impediu de fazer as coisas que pretendia. Ele não era orador... Queixa-se, contudo, de uma semana de terrível dor de cabeça, consequência “dos problemas que você causou”; mas insiste em dizer que não quer nada e não precisa de ajuda. Confessa, mais adiante, que desejava, sim, dormir por muito tempo e acordar sem lembrar-se de mais nada.

– Quer esquecer-se de você também? – pergunta-lhe o doutrinador—. Fugindo, você nada resolve, meu querido.

Nesse ponto, interrompemos para fazer uma prece que o impaciente. Logo a seguir iniciamos os passes com a finalidade de aliviá-lo daquela tensão e para ver se o livramos da gagueira. Ele sente o “perigo” que isso representa:

– Não quero. Não quero, por favor! Estou cansado, muito cansado... Após uma longa pausa em silêncio, retoma a palavra já mergulhado no transe magnético.

– Onde estou? (Pausa). Quem está aí?

O doutrinador procura ajudá-lo com as sugestões apropriadas. Ele parece mastigar alguma coisa. Ri. Geme.

– Estou aqui... Estou enterrado vivo. Vivo. Estou aqui neste cubículo, trancado. Por que estou aqui? Alguém me botou aqui. Você não sabe?

Em seguida, a pergunta habitual:

– Quem é você?

– Sou um amigo, diz o doutrinador.

– Como é que você chegou até aqui? Ninguém chega até aqui. Ninguém.

– Você está preso?

– Estou.

- Que foi que você fez?
- Nada.
- Quem mandou prender você?
- O maldito. O cão danado. Eu reneguei seu nome. Não quero nunca mais pronunciar esse nome.
- Mas, quem é ele? Um rei, um chefe? Quem é?
- É o meu próprio filho. Pelo menos assim eu achava. Meu filho...
- Mas ele tem esse poder de mandar prender você?
- Ele diz que eu morri e me trancou aqui.
- Quantos anos você tem? Qual a sua idade?
- Não sei. Aqui não tenho noção do tempo. Não entra a luz do dia. É sempre escuro. Sempre.
- Que país é esse? Onde você vive?
- Vivo na Espanha, mas para todos já estou morto.
- O que você fazia antes de ser preso? Você tinha poderes nas mãos?
- Tenho bens e ele quis os bens. Dom Molina era meu nome. Estou aqui, tratado como uma fera.
- E você tem notícias de seu filho?
- Ele se apossou dos bens.
- Vamos, então, para frente no tempo, para ver o que se passou depois disto. Você ficou aí até quando?
- Não sei até quando... Mas um dia eu tive um vágado, caí e eles... Não sei... Só sei que quando acordei não estava mais preso. Então dei a volta para entrar no castelo. Entrei, mas ninguém me conhecia mais. Ninguém se importava comigo...
- É evidente que ele havia desencarnado e não tinha consciência da nova situação. E continua:
  - Eu queria matá-lo com as minhas últimas forças. Quando cheguei lá, ele estava na sala cheia de amigos. Homens que conheci crianças e as mulheres devassas. Corri em cima dele e apertei-lhe a garganta, mas ele ria de mim... Ria de mim, o maldito!
  - Você compreendeu o que tinha acontecido? Você estava na condição de espírito. Você havia morrido.

Mas ele está de tal forma envolvido na regressão que não admite a observação do doutrinador, e prossegue:

– Não. Fui para o meu antigo quarto e fiquei lá. Eu dava ordens aos criados, mas eles não me ouviam. Queria cortar essa barba, mas eles não me ouvem. Ninguém me atende. Não sei quanto tempo durou. Só sei que um dia parece que todos se foram (Teriam morrido?) Ficou vazio. Eu saí também, procurando por ele. Procurei, procurei, procurei... Até que um dia gritei com tanto ódio que o achei. Aí eu era mais forte do que ele. Ele pediu perdão. Não. Eu o amarrei pela corrente e andei, andei com ele até chegar a um lugar onde fui acolhido. E aí contei o que tinha acontecido e o juiz me perguntou: “O que você quer fazer?” Eu disse: “Quero me vingar”. “Você ainda não se vingou?” Eu disse: “Não. Eu já mordi, já o lacerei todo, mas não estou (satisfeito)”. Ele perguntou o que eu queria fazer dele. Eu disse: “Ele nunca me obedeceu. Eu gostaria que ele fosse um cão; desses bem obedientes”. Aí “eles” fizeram dele um cão. E eu o carreguei durante muito tempo. Batia nele...

– E agora? Ele foi retirado?

– É. Ele sumiu de repente.

Com a interferência dos nossos companheiros espirituais, muitos seres deformados, mutilados e alienados começaram a ser resgatados daquele tenebroso mundo de torturas inconcebíveis. O filho de Dom Molina deve ter sido um desses. Mas prossigamos.

– Você queria se vingar ainda? – pergunta o doutrinador.

– Queria, mas agora não sei mais. Estou tão confuso!

– Mas você não acha que chega?

– Meu coração ainda não está saciado. Queria ver o sangue dele correr.

– Escuta. Presta atenção. Dom Molina, não é?

– Sim. Dom Alfonso Molina.

– Dom Alfonso. Vamos agora mais para o passado. Vamos buscar no passado mais remoto de seu espírito as razões desta agonia, para que você possa libertar-se deste sentimento de ódio.

São dadas as sugestões apropriadas para nova regressão no tempo. Começam os gemidos característicos e que perduram por alguns momentos.

Queixa-se de que a cabeça está vazia e que o escuro o envolve. Nada vê e se sente confuso. Por fim, começa a falar:

– Água... muita água... Um barco.

– Você está nesse barco?

– Sim. Quero falar... falar com... Não sei.

– Não tem importância. Depois você diz o nome. O que você quer falar com essa pessoa?

– Quero que ele me faça um favor. Quero que ele leve um menino e o faça desaparecer. E ele argumenta. Ele quer uma bolsa de ouro. Não; eu trouxe uma e ele quer duas.

– Mas por que você quer fazer desaparecer o jovem?

– Porque se ele não estiver, eu sou o herdeiro dos seus bens.

– Você é irmão dele?

– Não, sou o tutor. Sou um parente longe. Se ele não estiver, os bens e o título me pertencem.

– Que título? De nobreza?

– É um título, um brasão.

– Onde você vive? Que país é esse aí? (Recusa-se a dizer). Mas isso não importa muito. Você conseguiu que ele fizesse o trabalho para você?

– Sim.

– Você deu as duas bolsas?

– Dei.

– E ele levou o jovem que sumiu, desapareceu?

– Sim.

– E você ficou com os bens?

– Tive que esperar um tempo. E como ele não apareceu, botei luto em nossa casa, declarei-o morto, choramos três dias e três noites... E depois fiquei o senhor.

Emite um riso frio e divertido, como se estivesse a apreciar a trágica comicidade da situação.

– Eu não podia esperar. Nunca iria conseguir nada. Ia morrer antes dele. Eu tinha que fazer isso.

– E você foi muito feliz aí?

- Fui. Delatei muitos conspiradores à Sua Majestade. Ganhei muito ouro.
  - Quem era o seu rei?
  - Não. Não me fale!
  - Por que você não quer recordar-se? Você não ganhou tanto dinheiro, não ficou rico?
  - Sim, mas não quero. Não o farei a um estranho. São tempos perigosos...
  - Vamos para frente, então. Como é que terminou tudo isso aí. Você viveu uma vida muito longa?
  - Vivi. Os irlandeses vivem muito; eles são fortes.
  - Bem, meu querido irmão. Agora vamos deixar essa recordação bem nítida na sua consciência e vamos voltar ao tempo...
  - Sabe como é que me chamavam? “O Língua de Ouro”. Porque eu fazia grandes discursos contra os conspiradores.
  - Que conspiradores?
  - Não. Eles não eram, mas eu simplesmente (os denunciava). Eram meus inimigos pessoais.
  - Onde você discursava?
  - Ora, nas praças públicas.
  - Quer dizer que você falava muito bem?
  - Falava. E também no Parlamento.
  - Por quê? Você era membro do Parlamento?
  - Oh! Por que você me faz lembrar disso? Deixa! Não quero lembrar.
  - Não em Londres? Na Irlanda mesmo?
  - Por que você vai me levar até... Agora que você fala do meu crime... Você vai me delatar? Muitos me maldiziam. Pediam a Satã para cortar a minha língua.
  - Você não me disse ainda o nome do seu Rei.
  - Não. Não vou dizer. (Não quer dizer também o seu nome)
  - Não posso confiar em desconhecidos.
- O doutrinador procura trazê-lo de volta à sua existência na Espanha, conservando, porém, o conhecimento do episódio irlandês, a fim de que ele possa confrontá-los.
- Vamos àquela vida lá na Espanha em que você foi Dom Alfonso Molina.

Você vai lembrar-se de tudo o que aconteceu aí e das pessoas que tiveram ligação com você nessa vida na Irlanda, para que possa entender tudo isso.

Novamente ele se perde no tempo e no espaço, e, depois:

– Onde estou? Quem está aí?

Voltou ao cubículo tenebroso e imundo em que viveu prisioneiro.

– Oh! Tire-me essa corrente!

Em seguida, parece já situar-se no mundo espiritual. Diz com voz firme:

– Queria nunca mais sair daqui. Um filho não tem o direito de fazer isso com o seu próprio pai. Ele me tratou como um cão! Vivi anos preso naquele subterrâneo infecto, com os ratos, com o mau cheiro das minhas próprias fezes. Ele me tratou como um bicho. Nunca tomei um banho. Não me cortaram os cabelos nem a barba. Você sabe o que é isso? Viver anos e anos... E você quer que eu perdoe!

– Mas você está se lembrando da sua existência na Irlanda?

– Aquilo não tem nada a ver com isso.

– Não mesmo? E o jovem?

– Eu precisava daquilo. Precisava dos seus bens, da sua posição.

– O seu filho também precisou dos seus bens, da sua posição.

– Mas onde está esse juiz que me condenou?

– A sua própria consciência. Como é que você decidiu, na Irlanda, condená-lo. Queria os seus bens, não é? O título, a posição... Está compreendendo as razões?

– Agora é tarde. Perdi tantos anos querendo me vingar nele. Perdi a noção do tempo, das horas, dos minutos...

– Das suas próprias culpas também, não é? Um momento. Você está se lembrando bem da sua vida na Irlanda, não está? Você não vê que passou, nessa existência na Espanha, por aquelas mesmas coisas que fez passar ao outro lá? Que, portanto, você estava passando por uma provação, a fim de compreender que não se pode destruir as outras criaturas? E como é que você toma a vingança na sua mão?

– Ele me tratou como um cão – eu simplesmente retribuí. Ai, minha cabeça outra vez!

– Você está insistindo no erro. Quer então se vingar?

- Agora não quero mais nada. Estou cansado.
- Mas, espera aí. Você, então, não entendeu ainda o problema.
- Quero dormir...
- Um momento. Por favor, irmão. Vamos insistir um pouco. Você não entendeu ainda o porquê desse sofrimento. Você não percebe que a lei divina exigiu uma reparação que você *não* aceitou?
- Eu devia ter-me enforcado. Ou cortado o pescoço. Era assim que se justificava. Ou se enforcava ou se cortava o pescoço.
- Quer dizer que você não o perdoa?
- Eu perdoo. Não quero mais saber dele.
- Não, mas isso não é perdão. Você também errou, querido irmão. Quando a justiça divina te alcançou, você se rebelou contra ela. Está entendendo?
- Mas por que Deus faz o homem querer essas coisas?
- É Deus que faz?
- É errado você querer bens, poder, dinheiro, fama?
- Meu querido, a decisão é sua, não é de Deus.
- Deus não põe essas coisas no mundo?
- Ah, sim. Então podemos matar para consegui-las? É isso?
- Oh! Eu quero dormir...
- Espera aí. Então, o seu filho também está certo; matou para conseguir. Deus botou as riquezas no mundo... Então está tudo certo...
- Ele não me matou. Fez pior: me deixou no cativeiro.
- Sim, mas porque queria os seus bens, não é? Então ele estava certo também, porque Deus colocou os seus bens no caminho dele.
- Sim... ele foi levado em cativeiro quando pequeno e entregue em qualquer lugar como um cachorro doente.
- Ah, sim. Ele não foi assassinado, então?
- Não.
- Era o mesmo espírito?
- Acho que sim, não sei... Como posso saber essas coisas?
- Pode sim. Como não sabe? Sabe muito bem.
- Não sou douto nisso.
- Não precisa ser douto. Você está narrando fatos da sua vida.

- Não sei essas coisas.
- Como que não sabe? Não foi você mesmo que contou esses episódios? Não relacionou um com o outro? Qual a dúvida? Meu filho, aceita a realidade.
- Deus não disse que quem com ferro fere com ferro será ferido?
- Por que então quando o ferro o feriu, você o recusou e tentou vingar-se?
- Oh! Mas isso foi tudo muito confuso.
- Não é confuso, não. Está muito claro. Você cometeu uma falta gravíssima: apanhou o seu tutelado e o levou para que ele fosse vendido como escravo e pagou por isso. Para ficar com os bens, o título e as propriedades dele. Passado algum tempo, em outra existência, seu filho faz coisa semelhante com você para ficar com os seus bens, seu poder e seus títulos.
- Era ele então, não é?
- Não sei se era.
- Quer dizer que voltou para me cobrar, hein?
- E você não cobrou dele?
- Oh! Mas isso não tem fim.
- Tem sim. Depende de você. Porque ao vingar-se dele, transformando-o num cão com a ajuda daqueles companheiros, você novamente abriu o ciclo das suas dores. Não é isso? E isso vai continuar até quando você quiser parar.
- Eu quero parar agora.
- Pois é, meu querido. Isso é que eu queria ouvir de você.
- Não importa o que ele me fez.
- Mas importa o que você fez a ele, no passado.
- Sim, eu fiz.
- Então, por favor, vocês precisam perdoar-se mutuamente e aceitar a condição de que um é irmão do outro. Somos irmãos espirituais.
- Ah! Sim...
- Senão você não vai sair disto nunca. Está de acordo?
- Sempre acreditei que a gente tinha o céu, que a gente tinha... Ah! É tudo tão diferente!

– O céu é uma condição espiritual que a gente próprio constrói com os seus atos, como também estes infernos de tormento em que você viveu tanto tempo. Agora creio que é hora de parar, de encetar outro tipo de vida, com outras opções, outras soluções. Quer experimentar isso?

– Quero. Quero qualquer coisa que me tire esta agonia.

– Você nota que está falando normalmente agora? Não tem mais aquela dificuldade de falar (a gagueira), que também era devida àquela ocasião em que você usou a palavra para caluniar, para condenar, para destruir pessoas com a sua fluência, com o seu poder verbal, a sua facilidade de comunicação. Daí a dificuldade de falar. Está entendendo isso também?

– Sim. Nem percebi que estava falando assim, que não estava gaguejando mais.

– Pois é. Porque agora você já entendeu o porquê. Está tudo claro agora para você?

– Aquilo às vezes me dava uma agonia... Você querer expressar o pensamento e a palavra te prende. A língua se dobra na boca.

– Porque no passado você expressou mal o pensamento, através de uma palavra muito brilhante.

– Eu não sei amar, não sei sentir. Me ajuda, me mostra um caminho.

– Sabe, sim. Nós aprendemos. Todos nós temos que aprender a amar. Você nunca amou ninguém?

– Sim, sim. Amei. Via sempre um lado prático do amor, uma conveniência.

– Mas todos nós temos no mundo espiritual aqueles seres com os quais temos uma ligação mais estreita.

– Não me lembro de nenhum.

– Você vai se lembrar. Não agora, porque não vamos prolongar mais a conversa. Você já recordou aqui o suficiente para entender os seus problemas.

– Sempre escolhi as mulheres que podiam me dar mais projeção e mais vantagens.

– Isso não é amor, é interesse; mas você chegará lá também. Não se aflija.

– Que vão fazer meus companheiros lá?

– Todos nós temos amigos espirituais, todos somos filhos de Deus. Sua

preocupação com eles é indício de um cuidado fraterno. Esteja certo de que eles não ficarão abandonados, como você também ficou. Agradecemos a sua presença hoje aqui. Agora você vai partir com nossos irmãos para repousar, dormir, esquecer um pouco. E depois, reconsiderar tudo isso, para colocar-se em outra perspectiva e escolher outros caminhos. Está de acordo?

– Acho tão difícil acreditar, porque sempre ouvi falar no Cristo e repetia, mas nunca senti nada por ele.

– Bem. Você não pode começar a sentir de repente. Isso é um sentimento que você vai ter que construir aos poucos. O importante agora é que você abandone esta situação de vingança, de ódio, de rancor, de aflição espiritual porque você tem vivido na tensão do ódio que nada constrói, nada realiza de útil, de positivo no seu espírito. Tem paciência agora. Tenha calma para recomeçar uma vida sobre outras bases. Está bem?

– Sim.

– Está bem, meu querido. Desculpe se, às vezes, nosso diálogo foi um tanto áspero e fomos, de certa forma, forçados a trazer todas essas recordações ao seu espírito. Elas eram necessárias para que você entendesse as razões da sua dor.

– Minha vida é tão podre, não é?

– Não, meu filho. Você é um companheiro que errou, como todos nós erramos. Você pensa que somos puros, sem defeitos? Somos também espíritos que erram. Passou a dor de cabeça, não passou? E você está falando normalmente. Devemos a oportunidade deste encontro, desta conversa, que começou difícil e termina fraterna, ao Cristo, que derrama sobre nós todos o seu amor, a sua compreensão, e ao Nosso Pai que sempre nos dá os recursos para seguirmos a caminhada evolutiva. Confie em Deus...

– Vocês devem ser prediletos dele.

– Não, meu querido. Somos irmãos. Temos falhas também, grandes, e estamos tentando corrigir, melhorar as condições do nosso espírito. Todos nós somos prediletos. Somos criados iguais e protegidos igualmente, com as mesmas oportunidades, não é isso?

– Estou tão cansado...

O espírito é adormecido e retirado.

\*

Parece-nos desnecessário qualquer comentário adicional. Sua história aí está, em todas as suas implicações.

Em algumas centenas de companheiros tivemos apenas quatro ou cinco muito afligidos pela gagueira. Um deles passou a falar normalmente assim que regredindo a uma existência na Grécia, na qual dera início ao processo doloroso que repercutiria em sua vida posterior (também na Espanha). Ao retornar ao contexto da vida na Espanha, voltou a gaguejar. Suponho que seja isso devido ao fato de que não estava ali o episódio que o levou à dificuldade em expressar-se. Já Dom Alfonso Molina descobriu na existência na Irlanda não apenas a razão do problema com o filho, mas também as causas da sua gagueira. Ele era lá “O Língua de Ouro”, pelo tremendo poder verbal que empregou com perícia em destruir seus inimigos políticos, falando da tribuna do Parlamento e nas praças públicas.

Um dia ele voltará para usar seus talentos a serviços do amor.

---

<sup>6</sup> Ver a narrativa intitulada “Perplexidade”.



Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto principal foi composto em Goudy Old Style 11/14,4, as notas de rodapé em Goudy Old Style 9,5/14,4 e os títulos em Wedding Nightmare 27/41. Izabel Vitusso realizou a revisão, André Stenico elaborou a capa e Bruno Tonel desenvolveu o projeto gráfico do miolo.

Setembro /2020